

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

IMAGEM:

GEOGRAFIA DA REALIDADE OU REALIDADE GEOGRÁFICA?

Uma abordagem sobre a importância das imagens obtidas a partir da
leitura dos diferentes tipos de texto e sua contribuição
na interpretação da realidade.

EVELYN MONARI BELO

Rio Claro (SP)
2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Instituto de Geociências e Ciências Exatas

Campus de Rio Claro

IMAGEM:

GEOGRAFIA DA REALIDADE OU REALIDADE GEOGRÁFICA?

Uma abordagem sobre a importância das imagens obtidas a partir da leitura dos diferentes tipos de texto e sua contribuição na interpretação da realidade.

EVELYN MONARI BELO

Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho

Tese de Doutorado elaborada junto ao Programa de Pós-Graduação em Geografia Área de Organização do Espaço para obtenção do título de Doutor em Geografia.

Rio Claro (SP)
2009

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Fadel David Antonio Filho - orientador

Prof.^a Dr.^a Andréia Coelho Lastória

Prof.^a Dr.^a Valéria Cazetta

Prof.^a Dr.^a Maria Augusta Hermengarda Wurthman Ribeiro

Prof.^a Dr.^a Solange Terezinha de Lima Guimarães

Aluno (a)

Rio Claro, _____ de _____ de _____ .

Resultado _____

AGRADECIMENTOS

Não foi fácil!
Sonhar e percorrer os caminhos para a realização de nossos sonhos
significa “correr riscos”.
E mais uma vez, um caminho foi percorrido:
correndo riscos, assumindo novas responsabilidades.
Quantas barreiras, dificuldades... quantas lutas...
Finalmente, quantas alegrias até o alcance da vitória.
Por este motivo, meus sinceros agradecimentos a todos os que,
de alguma forma, estiveram presentes nesta trajetória:

Aos meus pais e familiares.

Ao meu orientador e aos meus professores.

*Aos amigos e amigas, companheiros e companheiras que marcaram presença nas
lutas, derrotas e conquistas.*

*Ao apoio dos meus alunos, compreendendo, muitas vezes, meu cansaço e um
pouco de minha insatisfação com a realidade vivida, tão diferente da realidade
sonhada.*

*Aos colegas de trabalho que me apoiaram, auxiliando, sobretudo,
na superação das diferenças com o próximo.*

*Aos amigos e colegas que se dedicaram junto a mim, permitindo a realização de um
trabalho sério, auxiliando na correção, na formatação e, conseqüentemente, na
concretização desta tese.*

*A Deus, que me concedeu o dom da vida e me permitiu compreender a necessidade
de realizações que auxiliem o próximo.*

Que esta não seja a última etapa, mas a principal para a conquista de novos
horizontes e a realização de trabalhos voltados à vida das pessoas.

RESUMO

Esta tese compreende uma análise das imagens que elaboramos e/ou evocamos quando observamos a importância da compreensão da realidade, que se constitui com o ato da leitura e, conseqüentemente, da interpretação de textos de caráter didático, literário e também científico. Buscamos a identificação de possíveis imagens que resultam de tal (re)interpretação, associada, por sua vez, ao conhecimento geográfico. Assim, nossas reflexões se fundamentam na análise dos textos e da figura do **HOMEM**, presente nos três tipos de textos considerados, pois compreendemos sua atuação e interferência no espaço geográfico e, decorrente desta situação, questionamos quais imagens resultam e como interferem na consolidação do que denominamos Geografia da realidade e realidade geográfica.

PALAVRAS-CHAVE

Imagem. Geografia. Realidade. Homem. Visões do Mundo.

ABSTRACT

This work is about an analysis of the images that we elaborated and/or we evoke when we observe the importance of the understanding of the reality, that is constituted with the action of the reading and, consequently, of the interpretation of texts of didactic, literary and also scientific character. We looked for the identification of possible images that they can result of such (re)interpretation, associated, for its time, to the geographical knowledge. So, our reflections are based on the analysis of the texts and of the MAN'S figure, present in the three types of the considered texts, therefore we understood its performance and interference in the geographical space and, due to this situation, we questioned which images result and as they interfere in the consolidation of what we denominate as Geography of the reality and geographical reality.

KEY WORDS

Image. Geography. Reality. Man. World Visions.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
* Aspectos Gerais da Pesquisa Desenvolvida e Metodologia.....	10
* Revisão Bibliográfica	21
CAPÍTULO 01	
UMA NOVA INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE: IMAGEM, HOMEM E CIÊNCIA COMO ELEMENTOS QUE CONSTITUEM O MUNDO.....	36
1.1. A imagem como objeto de estudo	36
1.2. Método científico e conhecimento geográfico: a necessidade de compreensão da integração de elementos distintos na (re)interpretação da realidade.....	39
1.3. Quem é nosso leitor?	61
CAPÍTULO 02	
GEOGRAFIA DA REALIDADE E REALIDADE GEOGRÁFICA: A (RE)LEITURA DO MUNDO A PARTIR DOS DIFERENTES TIPOS DE TEXTO.....	76
2.1. A leitura do mundo e a (re)interpretação do conhecimento geográfico.....	77
2.2. Principais aspectos dos textos didático e literário: imagens observadas na Geografia da realidade e na realidade geográfica.....	81
2.2.1. A força do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e do Banco Mundial na constituição das imagens do leitor do mundo, produzidas nas escolas	84
2.3. A relação entre as imagens e as informações obtidas a partir da (re)leitura e (re)interpretação de textos: identificando a presença da Geografia da realidade e da realidade geográfica.....	88
CAPÍTULO 03	
INTERPRETANDO TEXTOS E RECONHECENDO IMAGENS: ASPECTOS DA GEOGRAFIA DA REALIDADE E DA REALIDADE GEOGRÁFICA COMO ELEMENTOS QUE INTEGRAM O ENTENDIMENTO DO “LEITOR DO MUNDO”	94
CAPÍTULO 04	
A Constituição das Imagens no Ensino da Geografia: A BUSCA DO CONHECIMENTO NA INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE.....	117
4.1. Imagens e realidade nas apostilas de Geografia do TC 2000	120
4.2. Imagens e realidade presentes na associação dos textos que constituem “Os Sertões” e as apostilas de Geografia do TC 2000.....	136
CAPÍTULO 05	
GEOGRAFIA E REALIDADE: IMAGENS DA VIDA PRESENTES NOS TEXTOS.....	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS	163
REFERÊNCIAS	170
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA (NÃO CITADA).....	174
APÊNDICE	176

LISTA DE FIGURAS

Figura 1.....	52
Figura 2.....	54
Figura 3.....	72
Figura 4.....	104
Figura 5.....	124

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01: Comparação entre os tipos sertanejos.....	65
QUADRO 02: Principais características dos textos literário, didático e científico.....	80
QUADRO 03: Estrutura das aulas de Geografia na apostila do TC2000 (1989).....	95
QUADRO 04: Exemplos de textos didáticos para a elaboração de imagens a partir da realização de uma leitura interpretativa.....	123
QUADRO 05: Características do vaqueiro do Norte e do gaúcho do Sul.....	137
QUADRO 06: Semelhanças e diferenças entre os "tipos" de leitores	148

INTRODUÇÃO

* Aspectos Gerais da Pesquisa Desenvolvida e Metodologia

A vida humana compreende, indiscutivelmente, as mais diversas formas de relação e integração estabelecidas entre homens e espaço geográfico e dos homens entre si.

A tese nos conduz a uma pesquisa que constata e confirma uma realidade que denominamos “dinâmica”, pois se constitui numa espécie de “trânsito” estabelecido entre os elementos que integram o espaço geográfico. Assim, observamos que é, também, repleta de situações que caracterizam o cotidiano dos indivíduos. Por este motivo, a ciência geográfica surge como elemento que fundamenta nosso objeto de estudo e possibilita a pesquisa que pretendemos realizar, originando uma questão central para nossas reflexões:

IMAGEM: Geografia da realidade ou realidade geográfica?

Compreendemos por Geografia da realidade a possibilidade de interpretação da realidade que caracteriza o cotidiano do **HOMEM** em suas mais

diversas expressões de espacialidade, que, por sua vez, culmina no outro conceito que também constitui o questionamento desta tese, a realidade geográfica.

A proposta de realização desta tese se constituiu a partir da necessidade de observação de dados sobre as imagens que se concretizam, tomando como referencial a interpretação do indivíduo em contato com o conhecimento obtido por meio da (re)leitura e (re)interpretação de diferentes tipos de texto.

Integrando o título desta tese, as imagens simbolizam o principal elemento de nosso objeto de estudo. No entanto, não cabe ao leitor esperar uma análise de imagens que considere apenas as imagens “prontas”, apresentadas em diferentes tipos de texto – literário, didático e científico. Uma observação é necessária: em muitos momentos, estes tipos de texto não utilizam, em sua estrutura e abordagem, as imagens como elementos visuais “esclarecedores”, empregados com a intencionalidade de oferecer ao leitor uma compreensão que ultrapasse a (re)interpretação das palavras ali contidas.

Esta tese implica em identificar a presença de imagens que instigam um questionamento que, por sua vez, permite ao leitor verificar sua complexidade. Este questionamento possui também, como característica, a subjetividade, e assim, complexidade e subjetividade integram as imagens como elementos que configuram a realidade vivida pelos indivíduos, expressas também na ciência geográfica.

A princípio, a presença de aspectos como a complexidade e a subjetividade pode ser compreendida como óbvia. No entanto, apesar de serem inerentes às imagens, também se constituem como elementos fundamentais na (re)interpretação do mundo e, neste sentido, se encontram presentes tanto nas dinâmicas relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico quanto nas dinâmicas relações dos homens entre si.

Assim, conforme apontamos a necessidade da pesquisa baseada nos diferentes tipos de texto – didático, literário e científico –, ressaltamos que os mesmos foram selecionados pelo fato de permitirem a elaboração e/ou evocação de imagens presentes no mundo. Devemos, neste sentido, compreender o mundo como o espaço geográfico abordado no contexto desta pesquisa.

Toda a origem desta tese remete o leitor a observar a trajetória da autora. Graduada em Pedagogia, inicia seus questionamentos ainda no momento em que buscava caminhos para que suas dúvidas não fossem apenas mais algumas indagações entre tantas, dispersas num relicário de idéias que aguça a imaginação.

Foi no decorrer do referido curso que foram estabelecidos os primeiros contatos com o elemento que viria a constituir seu objeto de estudo: as imagens.

Atuando como Orientadora de Aprendizagem do Programa de Educação a Distância Telecurso 2000 (TC 2000), ministrou aulas em telesalas¹ constituídas em empresas e também em escola da rede pública estadual. Ambas correspondiam ao nível médio de ensino bem como estavam localizadas no município de Rio Claro – S.P.

O trabalho desenvolvido nas telesalas compreendia alunos que retornavam a uma sala de aula após longo período de distanciamento do contexto escolar. A condição de aprendizagem, neste sentido, é determinada pela dificuldade encontrada no processo de ensino e aprendizagem que se caracteriza na (re)transmissão e na (re)construção do conhecimento.

Constituído, naquele momento, por fitas VHS e apostilas impressas, o material didático traz, em seu conteúdo, a presença de imagens. Tal condição se refere às duas edições que consideramos nesta análise: 1989 e 1996.

Assumindo função pedagógica, as imagens representam o conhecimento (re)transmitido, ora informando, ora “desinformando” o leitor.

A desinformação que associamos às imagens se refere ao primeiro momento de nossos estudos, cuja questão central era: “*A imagem educa?*”. Esta questão suscitou a realização de nossa primeira questão em nível de especialização.

O trabalho desenvolvido foi constituído tomando como base a identificação dos alunos – telealunos, como são denominados nos documentos oficiais – diante das imagens que constituem as teleaulas. Em muitos momentos, os alunos solicitavam à Orientadora de Aprendizagem que interrompesse a reprodução da fita VHS e prosseguisse com sua explicação sobre o conteúdo, ou seja, o tema da aula. Tal situação ocorria frequentemente, sobretudo em relação às aulas que compreendiam disciplinas como a Matemática, por exemplo. Permitindo o questionamento apresentado, surgiu como elemento a identificação dos alunos com as imagens que constituem a disciplina Geografia². Mesmo apresentando a miséria

¹ Denominação atribuída aos espaços destinados à realização das teleaulas, conforme documento oficial que constitui as bases bem como a proposta pedagógica e a metodologia do TC 2000.

² Para maiores esclarecimentos ver: BELO, E. M. **A Imagem Educa?** 2002, 105 f. Relatório Final de Especialização em Instrumentação para o Ensino da Geografia – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2002.

ou condições impróprias de moradia, as imagens permitiam ao aluno a identificação de aspectos semelhantes à sua condição de vida, promovendo o reconhecimento de sua própria realidade.

No prosseguimento dos estudos realizados as imagens prevaleceram, direcionando os questionamentos que, então, foram expressos no seguinte título:

Imagem: para quê e para quem?

Elemento da realidade presente no conhecimento geográfico e identificado em diferentes tipos de texto.

Este trabalho concretiza a dissertação de mestrado e, para um melhor entendimento do leitor, encontra-se no apêndice desta tese o capítulo intitulado *"Imagem: para quê e para quem? Elemento da realidade presente no conhecimento geográfico e identificado em diferentes tipos de texto"*, que integra o livro editado pelo Programa de Pós-Graduação, "Geografia: ações e reflexões", ao qual a autora submeteu-se para realizar seus estudos. Tal recurso é utilizado nesta tese com o objetivo de levar ao conhecimento do leitor as etapas anteriores que, não conhecidas, podem dificultar o entendimento.

Durante o processo de escrita da dissertação de mestrado estabelecemos a comparação entre dois tipos de texto: o didático e o literário.

Ao texto didático, cabem as apostilas de Geografia, vol. 1 e 2, Ensino Médio, editadas no ano de 1996 e, ao texto literário, a obra "Os Sertões", de Euclides da Cunha, sendo utilizada a edição do ano de 1984.

A escolha pelo texto literário deu-se por motivo que caracteriza uma etapa ainda anterior a estas duas aqui apresentadas. Escrevendo o trabalho de conclusão de curso de graduação, a autora percebeu que já não praticava o ato da leitura de forma prazerosa, pois o acúmulo de atividades preenchia todo o seu tempo, exigindo a realização do ato como uma atividade a ser realizada com o objetivo de vencer um determinado número de páginas em um limite de dias ou horas previamente estabelecido. Seguindo orientações, iniciou uma "retomada" ao ato, "revisitando" autores literários e, neste sentido, a identificação com a escrita de Euclides da Cunha foi inevitável.

Tomando como referência a escrita de "Os Sertões", a finalização da dissertação de mestrado possibilitou a (re)interpretação da realidade tomando como

apoio a (re)leitura de textos de caráter didático e literário. O produto final pode ser compreendido como a manifestação de imagens que elaboradas e/ou evocadas – pois são produtos da atividade cognitiva, especificamente humana – expressam o conhecimento geográfico.

Sendo a ciência geográfica uma ciência que se apoia em outras áreas do conhecimento, se torna próxima, familiar aos indivíduos. É fato verificarmos de que maneira, aspectos sociais, econômicos e, portanto, culturais, constituem tanto a Geografia da realidade quanto a realidade geográfica como conceitos inerentes à vida das pessoas.

Tal proximidade com a realidade nos permite compreender a importância e a presença do conhecimento geográfico no cotidiano do **HOMEM**, cuja figura foi identificada como fundamental à análise proposta para a concretização da dissertação bem como das questões que integram a concretização desta tese.

Assim, os questionamentos que originaram esta tese nos permitiram verificar que há uma proximidade muito grande entre textos de caráter didático, literário e científico. Identificamos que o texto didático se torna próximo do texto científico quando aborda o **HOMEM** atuante no mundo e seu espaço, o espaço geográfico. Devido à extrema importância da presença humana na tese apresentada, durante todo o seu desenvolvimento nos referimos a esta figura grafando a palavra em letras maiúsculas, pois compreendemos que recursos estilísticos como este auxiliam no “destaque” que atribuímos à figura que constitui um dos principais fatores de concretização de nosso objeto de estudo: as imagens.

Tomamos como referência o **HOMEM** por ser um elemento encontrado, a princípio, tanto na obra literária “Os Sertões” de Euclides da Cunha, como nas apostilas de Geografia do TC 2000 (1989, 1996). Além disso, não podemos desconsiderá-lo quando tomamos como referência o texto científico, pois o mesmo constitui a força motriz que impulsiona toda forma de desenvolvimento e manifestação do conhecimento, impondo ideias, conduzindo reflexões e, portanto, estabelecendo (re)interpretações do mundo – espaço geográfico – que constituem as imagens que observamos nesta tese.

A experiência vivida pela autora determinou a realização desta tese, bem como do relatório final da Especialização e também da dissertação de Mestrado. Assim, consideramos a Geografia “ensinada” nas instituições de ensino também

como ciência – a ciência geográfica, acadêmica – submetida aos rigores que constituem e conceituam o conhecimento científico como certo e, portanto, confiável.

O cotidiano dos alunos, em qualquer nível de ensino considerado, nos remete a observar uma realidade repleta de elementos que constituem o “conhecimento geográfico” e, portanto, se manifestam nas imagens que podemos elaborar e/ou evocar a partir do contato, da interpretação e “re-interpretação” das informações que constituem tanto o conhecimento quanto o próprio mundo. Se considerarmos as situações cotidianas, podemos tomar como exemplo simples atividades – ou atitudes – como o deslocamento realizado pelo aluno quando realiza o trajeto de sua casa até a escola, por exemplo. Não é a única condição, mas uma das maneiras que nos possibilitam identificar a presença da Geografia em nossas vidas. Apesar desta comparação, esclarecemos que não realizamos em nossa abordagem qualquer comprovação via coleta de dados ou aplicação de atividades que tenham como objetivo constatações desta ordem. Em todos os momentos, consideramos como leitor que elabora e/ou evoca imagens a partir da leitura e interpretação de diferentes tipos de texto todo e qualquer **HOMEM** que, movido principalmente pela curiosidade, busca a aquisição do conhecimento via texto.

Em outras palavras, não constituímos nossa tese a partir de pesquisas de campo ou formas próprias de quantificação de resultados. As condições de realização desta tese, então, viabilizaram a elaboração de um diário de campo, uma técnica que permite ao pesquisador a valorização de suas experiências e, portanto, de sua afetividade, considerando os elos estabelecidos entre a autora e seus alunos e reforçando a presença da Geografia da realidade e da realidade geográfica. Em outras palavras, podemos afirmar que a variedade de formas de entendimento sobre um determinado assunto assegura o avanço do conhecimento. Sendo empregada a técnica de diário de campo, consideramos primordial a presença de sociedades grafocêntricas, como a nossa, nas quais os registros escritos são fundamentais à fundamentação histórica e à identidade de um povo.

É necessário salientar que também estivemos incertos quanto ao método que orientava a pesquisa desenvolvida, chegando a considerar, em alguns momentos, a fundamentação metodológica apoiada no materialismo histórico e dialético. Entretanto, tal consideração ocorreu porque, conforme Goldmann (1991, p.5), “[...] o pensamento dialético afirma, em compensação, que nunca há pontos de partida absolutamente certos, nem problemas efetivamente resolvidos”.

A incerteza expressa como justificativa para o estabelecimento do método nos distanciou do método materialista histórico e dialético que consideramos a início, pois o mesmo pode ser considerado necessário ao entendimento do dinamismo que caracteriza a complexidade e a subjetividade das imagens, que não são absolutas, pois se modificam e se transformam constantemente, tal como o próprio mundo.

Se voltarmos nossas observações às dinâmicas relações presentes no mundo, conforme citamos anteriormente, verificaremos que o **HOMEM** – elemento considerado nesta tese – nos permite a identificação de condições e elementos responsáveis pelos conceitos que constituem nosso questionamento e concretizam nossa pesquisa: Geografia da realidade e realidade geográfica.

Enquanto elemento que atua, participa realizando interferências diretas no espaço geográfico, o **HOMEM** promove, indiscutivelmente, a concretização de tais conceitos.

Retomando o foco desta tese, em relação ao texto didático, é interessante observar que consideramos, neste trabalho, dois momentos distintos de suas edições (1989 e 1996), pois, em estudos realizados anteriormente, havíamos considerado apenas a edição de 1996. Transitamos entre as idéias de geógrafos e físicos, bem como filósofos que também constituem a fonte do saber legitimado, cuja (re)transmissão ocorre, principalmente, a partir de propostas pedagógicas nas instituições formais de ensino. Assim, esta tese segue o exemplo da ciência geográfica: sua principal característica é a ampla abrangência que a (re)interpretação das imagens nos proporciona diante do conhecimento que constitui o mundo. E, para esclarecer o que pretendemos – a investigação sobre as imagens que se constituem na concretização dos conceitos Geografia da realidade e realidade geográfica – apontamos um elemento que consideramos fundamental: o método científico e sua importância na compreensão da ciência geográfica. Temos, assim, imagens que o leitor “aluno” elabora e/ou evoca quando em contato com textos literários ou científicos, bem como os que caracterizam propostas pedagógicas como o TC 2000. Neste último caso, consideramos também a importância do texto impresso veiculado em livros, revistas e outros materiais associados à mídia, que se impõe, principalmente, por meio da televisão. Tal recurso – o audiovisual – assegura a presença do conceito de modernidade como parâmetro para a realização de um trabalho pedagógico que deve atender às exigências expressas por uma nova realidade, expressa por sua vez na

“configuração de uma nova sociedade”, transformada e submetida a uma ordem capitalista histórica.

É importante salientar que nossa pesquisa não considerou uma nova edição do material pedagógico referente ao TC 2000. Entretanto, observamos que há disponibilidade na Internet – rede mundial de computadores – de DVD's, em substituição às fitas VHS que compõem o material considerado. Aqui há uma curiosidade a ser considerada: geralmente o oferecimento – venda – do material nos sites, refere-se mais à disciplina Matemática. Em estudos anteriores, foi possível verificar que no TC 2000 as disciplinas caracterizadas como pertencentes à área do conhecimento que prioriza as “exatas” são mais enfatizadas porque simbolizam a extrema dificuldade dos alunos e, além disso, são consideradas bem mais importantes que as disciplinas de outras áreas do conhecimento. A Geografia, por exemplo, não é considerada uma disciplina de difícil entendimento. Conforme avançamos nossa pesquisa, encontramos ideias e reflexões de autores que confirmam tal condição, na medida em que nos apresentam as agruras que a ciência geográfica encontrou, no decorrer de seu desenvolvimento, para constituir-se como ciência aceita e reconhecida no meio acadêmico.

Salientamos, ainda, que a exemplo das fitas VHS do TC 2000, também não consideramos uma análise de novos textos didáticos referentes ao mesmo material, pois a pesquisa, quando realizada, apontou que as reedições encontradas não eram distintas das edições mais recentes (1996) que utilizamos.

Relacionando nossas considerações iniciais à ciência geográfica, podemos verificar que temos uma ciência que se constituiu no desenvolvimento de vários embates ideológicos, cujo questionamento se refere, sobretudo, à possibilidade de seu enquadramento nos métodos e rigores científicos. Assim, conforme observamos em Moraes e Costa (1984, p.10):

[...] A própria história da Geografia mostra que uma volta aos estudos empíricos não seria uma boa solução para superar a situação presente. O caminho para a elucidação da teoria é, podemos dizer, teórico. Sem pressupostos e instrumentos bem precisados, caminharemos às cegas no trato do mundo empírico. [...]

Neste sentido, compreendemos que a viabilidade de estudos que culminam em uma tese como esta também induz o leitor à formulação de questões que, na busca por esclarecimentos do conhecimento que identificamos à luz da

ciência, se tornam indiscutivelmente necessárias à compreensão do conhecimento geográfico.

Buscando a comparação pretendida com a obra literária de Euclides da Cunha, consideramos também como fonte de informações referenciais bibliográficas que se constituíram a partir da realização de pesquisas que questionam a importância das imagens atreladas à literatura e, portanto, à realidade das pessoas, reafirmando a presença de diferentes visões do mundo.

Então, observamos a presença de imagens que, na condição de produtos da (re)interpretação de leitores, ultrapassam a observação da realidade, pois constituem, diretamente, a vida das pessoas. Tais imagens refletem a forma de compreensão que o **HOMEM** desenvolve sobre sua própria realidade. Apesar de vivê-la e percebê-la, nem sempre se percebe como vítima de uma ideologia, uma “falsa consciência” que conduz nossas ações de forma sutil, mas direciona o que realizamos – ou pensamos estar realizando.

Vivendo em um mundo no qual se configura esta realidade dinâmica que, mais adiante, apontamos como a realidade geográfica, o **HOMEM** não se compreende, em muitos momentos, como ser passivo e submisso a uma ordem imposta, contrariando a “falsa consciência” que relatamos acima.

Se encontramos imagens que retratam passividade e submissão, encontramos também imagens que simbolizam o sonho inatingível, embora sem anular a imagem da esperança. Conseqüentemente, encontramos como produto do pensamento humano imagens que também se contrapõem, mas confirmam a supremacia da complexa natureza humana.

Esta supremacia pode ser compreendida como o elemento que o diferencia dos demais seres, pois é simbolizada pela sua capacidade cognitiva, tornando-o especial aos olhos alheios e valorizando a presença de sua visão do mundo.

Capaz de vencer as mais diversas adversidades, referimo-nos, neste momento, às imagens que simbolizam sucesso e vitória, permitindo ao **HOMEM** a superação do indivíduo e a exposição de sua valentia e coragem como fundamentação da beleza que configura sua realidade, por mais indigna que possa parecer em uma análise superficial.

Por vezes, o leitor desta tese pode questionar por que não esclarecemos ou mesmo questionamos de forma mais aprofundada o conceito “chave” da Geografia: o espaço.

Compreendendo que não simboliza o “foco central” de nossa pesquisa, observamos que o referido conceito representa o principal elemento das imagens que surgem das dinâmicas relações observadas na constituição da realidade expressa na vida humana. Então, confirmamos a importância da ciência geográfica como ciência ampla, que abrange os diferentes ramos do conhecimento científico, considerado verdadeiro.

Como já afirmamos, as imagens constituem um objeto de estudo complexo e, constituídas a partir da integração de diferentes e múltiplos elementos, que vão desde recursos naturais observados nas paisagens até sentimentos e emoções inerentes à natureza humana, se tornam representações de uma Geografia da realidade e de uma realidade geográfica, que integram o conhecimento do **HOMEM** como resultado da (re)interpretação do mundo. Tomando como exemplo o método científico, também não temos nestas considerações a presença de verdades absolutas. Como já se sabe, o conhecimento é verdadeiro até que se prove o contrário.

Em linhas gerais, as imagens simbolizam a parcialidade que se manifesta no todo, ou seja, as imagens são “partes” de uma realidade que se constitui progressivamente, permitindo sua colocação e “re-colocação” em um mesmo contexto. Como resultado, temos um mosaico de imagens e ideias que se alteram conforme ocorrem transformações na realidade, simbolizando o pensamento humano.

Nossa tese culmina como produto de uma análise que, durante seu desenvolvimento, nos permitiu observar certa “escassez” de materiais, uma vez que a maior parte de estudos e pesquisas sobre imagens condensam os esforços de seus autores na elaboração de trabalhos que tomam como referência imagens “prontas”, que induzem a percepção do observador. Avançamos em sentido oposto: tomamos como base a possibilidade de elaboração e/ou evocação de imagens que se constituem a partir da (re)interpretação que o **HOMEM** elabora quando se encontra em contato com diferentes tipos de textos.

Procuramos, então, estruturar o texto produzido para a referida tese de acordo com a breve descrição que segue sobre as abordagens realizadas nos capítulos, para uma melhor compreensão do leitor.

O primeiro capítulo demonstra de que maneira consideramos a imagem como objeto de estudo e, para tanto, abordamos também a necessidade de compreensão da importância do método científico. A ciência geográfica é uma ciência de síntese e procuramos compreender seu objeto de estudo como um elemento submetido aos rigores científicos e, portanto, aceito na comunidade acadêmica. Constituída, principalmente, pela subjetividade que se faz presente na realidade dinâmica, que relatamos anteriormente, a ciência geográfica propõe novas formas de interpretação da realidade e reafirma a presença de diferentes visões do mundo.

Dando prosseguimento ao nosso trabalho, o segundo capítulo é reservado à análise e interpretação dos conceitos que constituem a questão central desta tese, expressa em seu título. Assim, abordamos a Geografia da realidade e a realidade geográfica como elementos que fundamentam a compreensão da realidade vivida, “experienciada” pelo **HOMEM**. Por este motivo, continuamos neste momento apresentando nossa compreensão sobre quem é o leitor identificado e considerado para a realização desta tese. Afinal, as imagens que constituem os conceitos que pretendemos identificar nesta tese resultam da (re)leitura que o **HOMEM** faz do mundo.

A partir desta abordagem, estruturamos o terceiro capítulo considerando os elementos que fundamentam nossa análise: a interpretação e o reconhecimento das imagens como condição essencial à constituição da Geografia da realidade e da realidade geográfica. Neste momento, nossas reflexões consideram tanto fragmentos referentes aos textos didático e literário, bem como aos de caráter científico. Nossa intenção, nesta abordagem, é apresentar ao leitor desta tese os argumentos necessários às nossas reflexões, confirmando o rigor científico necessário à sua concretização.

O quarto capítulo apresenta nossa compreensão sobre quais elementos são necessários à busca do conhecimento na interpretação da realidade, pois, em nosso entendimento, é esta interpretação que resulta na constituição das imagens que, além de constituírem a Geografia da realidade e a realidade geográfica, fundamentam o conhecimento geográfico. É importante observar que o ensino traz

consigo imagens que se constituíram a partir da própria realidade dos alunos e, neste sentido, as imagens simbolizam a ciência geográfica. Não realizamos uma análise sobre as condições próprias do ensino brasileiro, mas nossa abordagem se constitui a partir de alguns fragmentos que selecionamos dos textos didáticos das apostilas selecionadas para a realização de nossa pesquisa e que são utilizadas para a consolidação de uma proposta pedagógica fundamentada na legislação educacional brasileira.

Para finalizar, o quinto capítulo aborda a ciência geográfica e a realidade como elementos fundamentais à compreensão e interpretação da vida, presentes nos textos. Neste momento, nossa abordagem representa nossa reflexão diante de imagens que elaboramos e/ou evocamos e que traduzem a realidade do **HOMEM** identificado na figura do “sertanejo euclidiano” e do “sertanejo aluno do TC2000”.

Uma última consideração é necessária para compreendermos a constituição desta tese, salientamos que toda a análise proposta enfatiza fragmentos dos tipos de texto selecionados, e não uma análise minuciosa das teleaulas (texto didático), do texto literário ou mesmo dos textos científicos que viabilizaram a discussão teórica realizada.

Para compreendermos o resultado obtido, convidamos o leitor a trilhar o caminho que percorremos a partir da revisão bibliográfica que apresentamos a seguir.

* **Revisão Bibliográfica**

Uma abordagem sobre a importância das imagens na interpretação do conhecimento geográfico pressupõe nosso olhar sobre a compreensão que alguns autores possuem, considerando sua integração com a realidade.

As várias possibilidades de interpretação dos diferentes tipos de texto nos permitem algumas observações. Inicialmente, torna-se necessário considerar que uma primeira observação e leitura dos diferentes tipos de texto – mas não a única – nos mostram as imagens como representação da realidade. Então, compreendemos que o ensino da Geografia pode ser muito significativo quando tomamos como referência aquilo que está mais próximo do “*leitor do mundo*” e, portanto, é mais concreto.

Tal abordagem implica nosso olhar sobre alguns trabalhos cujo enfoque é voltado à atuação docente em sala de aula. Geralmente, são consideradas as séries iniciais do Ensino Fundamental – Ciclo I – pois, neste nível do ensino, o reflexo da prática pedagógica é observado mais facilmente. As atividades realizadas pelos alunos demonstram sua percepção do lugar em que vivem. Assim, Straforini (2008) nos apresenta os resultados de uma pesquisa em que foram analisados os trabalhos de alunos residentes no município de Sorocaba – S.P. Nesta abordagem, observamos como a representação da cidade, realizada pelos alunos, reflete uma imagem construída, elaborada e/ou evocada mentalmente. Sendo um texto de caráter científico, julgamos que constitui a base necessária às nossas reflexões, quando nos propomos a observar elementos presentes nos textos de caráter didático e literário.

Ao texto didático cabe a função de transmissão de conteúdo, valorizando o conhecimento que Michel Apple (1997) denomina como conhecimento oficial. É o “saber legitimado”, produzido e aceito academicamente, transmitido nas escolas e, portanto, caracterizado como elemento que constitui a educação formal. No processo de transmissão do conhecimento, as imagens que configuram a compreensão do aluno traduzem sua realidade. Nela se encontram impregnados seus valores e, conseqüentemente, sua compreensão revela sua visão do mundo.

Em contrapartida, o texto literário também nos propõe uma leitura da realidade. No entanto, sua estrutura e estilo são elementos fundamentais que oferecem possibilidade de interpretação a partir de uma rica descrição. A literatura ultrapassa os limites estabelecidos pelas variáveis tempo e espaço, não exigindo adaptações e/ou atualizações em sua escrita para que permaneça e seja aceita, confirmando sua “validade”. Tal condição implica, sobretudo, uma análise da realidade que é construída na informação. O ato da leitura se impõe como fator de análise, pois representa a compreensão do homem sobre o espaço geográfico e, a exemplo do texto didático, também revela sua visão do mundo.

Relacionando esta primeira observação com a ciência geográfica, podemos verificar que diferentes interpretações também podem ser identificadas nas imagens que encontramos como seu produto.

A Geografia tradicional, caracterizada pela realização de estudos de caráter conservador, nos propõe a identificação de imagens que devem, obrigatoriamente, expressar uma realidade já consolidada. A linearidade que se

manifesta em suas abordagens coincide com a linearidade que Santos (2004) denominou “determinismo social”.

Os textos didáticos considerados caracterizam a passividade do leitor e, por este motivo, resultam no seu conformismo. Em outras palavras, temos em mãos textos que possuem como principal objetivo direcionar, induzir a compreensão do leitor diante do mundo. Se o leitor não questiona, é porque aceita o que a realidade lhe impõe. Então, não se torna o “*leitor do mundo*” que identificamos em nossa tese.

O texto literário, por sua vez, também pode, em alguns momentos, expressar a presença do determinismo apontado por Santos (2004). Se considerarmos que cabe ao determinismo a tarefa de “seleção natural” dos indivíduos, garantindo a sobrevivência àqueles que são considerados (mais) aptos nas diferentes situações vividas e “experienciadas” pelo **HOMEM** atuante no mundo, passamos de uma comparação que se fundamenta na Geografia tradicional para uma compreensão que considera as possibilidades de interpretação da realidade. No contexto da Geografia, pode tanto ser considerada como próxima à corrente crítica quanto próxima à corrente da percepção.

Se considerada próxima à corrente crítica, é porque busca compreender a realidade tomando como referência a possibilidade de questionamento diante das ações que o próprio homem executa: sua interferência no espaço geográfico promove alterações que se manifestam em sua compreensão do mundo.

No entanto, é necessária, neste momento, uma observação sobre a concepção crítica da Geografia, pois:

[...] As propostas emergentes do movimento de *renovação crítica* ainda padecem de insuficiências de ordem variada: ora por um excessivo teorismo de tipo esterilizante que enturva ou limita a proposta, ora pela fragilidade de seus pressupostos teórico-metodológicos ou, ainda, devido ao simplismo e ao espírito dogmático.

(MORAES, COSTA, 1984, p.9-10, grifos do autor)

Diante do exposto, podemos observar que a ciência geográfica, por vezes, ainda vivencia um dilema referente às correntes teóricas que se constituem a partir da busca pelo conhecimento. Tal condição pode ser compreendida a partir de dois fatores:

1. A ampla abrangência que a ciência geográfica possui e sua influência na constituição do conhecimento, evidenciando diferentes pontos de vista e permitindo o trânsito entre as diferentes áreas do conhecimento.
2. A conseqüente permissão à atuação de profissionais de diferentes áreas do conhecimento, contribuindo amplamente com sua fundamentação bem como promovendo a interdisciplinaridade, tão necessária a novas visões do mundo e concepções teóricas que se estabelecem de tempos em tempos.

A tese produzida nos permite confirmar tais proposições, pois os referenciais teóricos apresentados não compartilham de um mesmo ponto de vista.

Revelando as diferentes visões do mundo, a Geografia se fundamenta em explicações que se distanciam, em alguns momentos, do método científico, pois fundamentam o conhecimento a partir das observações que se constituem no cotidiano vivido pelo **HOMEM**. Conseqüentemente, sua capacidade de observação demonstra valores que constituem uma compreensão particular, peculiar e própria à sua compreensão e (re)interpretação da realidade. Sua compreensão da realidade, neste sentido, pressupõe a observação de imagens elaboradas e/ou evocadas, dotadas de afetividade, confirmando o elo que o **HOMEM** estabelece com o lugar em que vive, como já afirmou Tuan (1980).

Observando que a ciência geográfica é, geralmente, associada à cartografia, verificamos que as imagens que constituem nosso objeto de estudo são fundamentais na representação do espaço geográfico. Lynch (2006) nos permite observar que sua representação das cidades se constitui a partir de suas próprias imagens mentais. Estas imagens, então, traduzem sua compreensão do espaço, tornando-o peculiar e, portanto, relativo e absoluto. É considerado um espaço relativo porque expressa uma ou mais formas de compreensão da realidade e, em contrapartida, sua condição de absoluto indica uma compreensão ampla e generalizada da realidade, cuja observação implica a presença de símbolos e elementos. Estes símbolos e elementos podem ser compreendidos como “comuns” a todos os indivíduos, entretanto, seu significado é próprio a cada um, confirmando as diferentes visões que os leitores do mundo possuem sobre a realidade. Mais uma vez, nos encontramos diante da Geografia da realidade e da realidade geográfica.

Tomando tais considerações como apoio para fundamentar nossa reflexão, comparamos à compreensão da realidade a presença de símbolos que podem ou não se manifestarem nas imagens que o **HOMEM**, “*leitor do mundo*”, elabora e/ou evoca a partir de suas próprias interpretações. O mapa mental apontado por Rocha (apud TRINDADE e CHIAPETTI, 2008) nos permite confirmar esta característica, pois, em sua abordagem, afirma que os elementos presentes no mapa mental de uma pessoa não estão obrigatoriamente presentes no mapa mental de outra pessoa. Neste sentido, interpretamos como fundamentais as imagens elaboradas e/ou evocadas pelo “sertanejo euclidiano” e pelo “sertanejo aluno do TC 2000”: são peculiares a cada realidade vivida e “experenciada”, são singulares e dotadas de subjetividade. Por um momento, mesmo sendo tão importante na construção das imagens, a ciência questiona a subjetividade das mesmas, pois esta subjetividade não é compreendida como elemento que atende às exigências do rigor científico, que constitui o que consideramos, em um determinado momento, como verdade. Esta realidade é apontada e discutida por Sagan (2006) quando, tomando o método científico como referencial de suas discussões teóricas, nos conduz a reflexões sobre o desenvolvimento e o avanço da ciência.

Se relacionarmos a refutabilidade da ciência com o conhecimento oficial, reconhecido por Apple (1997), verificaremos que o TC 2000 apresenta textos didáticos adequados a uma proposta que procura atender a necessidade de aquisição de um certificado, o qual, por sua vez, assegura ao telealuno o acesso e – talvez – a permanência em um mercado de trabalho que, cada vez mais, exige a atuação de profissionais capacitados. No entanto, este mesmo mercado exclui os que não se adequam às exigências e, então, confirma-se a presença do darwinismo social.

A possibilidade de sobrevivência é um elemento que merece destaque sempre que nos deparamos com a presença do homem no espaço geográfico. Esta afirmação nos permite identificar a importância do conhecimento geográfico na identificação das imagens que se constituem a partir da (re)interpretação da realidade. Ao considerarmos como referência de nosso estudo o **HOMEM**, tanto no texto literário quanto no texto didático sua presença confirma o elemento relacionado, quando as imagens elaboradas e/ou evocadas pelo “*leitor do mundo*” traduzem um aspecto comum aos dois “sertanejos”: o indivíduo melhor adaptado às

condições de sobrevivência é aquele que “prevalece”, que permanece e, portanto, sobrevive assegurando a perpetuação da espécie.

Na condição de leitores, assumimos uma função essencial: tornamo-nos aptos a observar uma realidade já construída, mas que está sujeita a profundas transformações, resultantes de nossas próprias ações. Podemos, então, verificar que somos agentes desta realidade que, na concepção positivista, se encontra cercada de certezas, mas não desconsidera os avanços gerados a partir dos questionamentos.

Os questionamentos nos permitem verificar as agruras, as dificuldades que constituem os processos que caracterizam a incorporação de novas visões do mundo ao conhecimento, tornando-o peculiar. Tomamos como base para nossas reflexões as ideias de Kuhn (2006), pois observamos como a ciência origina a compreensão da realidade, confirmando-a a partir dos processos reflexivos. Esta característica também se manifesta na ciência geográfica quando observamos o movimento de renovação da Geografia, tornando-a crítica, aberta a novas concepções e interpretações do espaço geográfico. No entanto, encontramos alguns “responsáveis”, filósofos, que refletem de forma a contribuir com esta nova caracterização: Popper desenvolve o modelo evolucionista, Feyerabend aborda a proposta pluralista e Kuhn apresenta a concepção sociológica. Em linhas gerais, temos em mãos novas formas de compreensão da realidade que, conseqüentemente, resultam em novas imagens e constituem a Geografia da realidade e a realidade geográfica. Sendo a ciência geográfica abrangente, não podemos descartar ideias e/ou reflexões que se fundamentam em outras áreas do conhecimento.

Podemos, então, apoiar nossas reflexões em Moraes (1982, p.44), afirmando a presença de ideologias geográficas que:

[...] São a substância das representações coletivas acerca dos lugares, que impulsionam sua transformação ou o acomodamento nele. Expressam, enfim, localizações e identidades, matérias-primas da ação política.

A conotação política abordada pelo autor pode, então, simbolizar a ordem expressa nas diferentes concepções de realidade que se manifestam nas imagens que representam a vida cotidiana do **HOMEM**. À Geografia, então, compete a possibilidade de libertação deste **HOMEM** a partir da compreensão da realidade na

qual se encontra todo o seu conhecimento, sendo a manifestação da Geografia da realidade e da realidade geográfica.

Não abordamos, neste trabalho, a trajetória da ciência geográfica, mas não podemos desconsiderar que toda e qualquer alteração nas diferentes possibilidades de (re)interpretação da realidade implica, diretamente, na compreensão da importância das modificações expressas na ciência, apontadas por Kuhn (2006) e reafirmadas por Capra (2005). A variabilidade de concepções aqui consideradas é fundamental à compreensão do leitor enquanto **HOMEM** que age, diretamente, no espaço geográfico: as situações às quais se submete não podem ser compreendidas e/ou interpretadas numa única perspectiva e, assim, as imagens são dotadas de relatividade, estabelecidas a partir de uma trama de informações, a exemplo dos textos, pois ambos são produtos de movimento dinâmico, repleto de dúvidas e certezas simultâneas, tal como a ciência.

Neste dinâmico movimento, encontramos a semelhança entre a refutabilidade da ciência, conduzindo a novos conhecimentos, e a (re)interpretação deste mesmo conhecimento, expresso nas imagens que elaboramos e/ou evocamos quando observamos a realidade. Em linhas gerais, temos neste dinâmico movimento a integração estabelecida entre homem e espaço geográfico, apontando como o **HOMEM** compreende, interpreta e, portanto, imagina sua realidade, possuindo um conhecimento prévio que integra o conhecimento considerado verdadeiro. Uma metáfora que caracteriza e confirma adequadamente esta condição é a Teoria das Ideias, expressa no Mito da Caverna, de Platão.

Enquanto observador das sombras projetadas na parede da caverna, o **HOMEM** não questiona o que vê. Aceita, passiva e tranquilamente, as diversas manifestações de conhecimento que as imagens “distantes da realidade verdadeira” estabelecem como referenciais para a compreensão e/ou (re)interpretação da realidade.

O ser aprisionado, quando liberto, desprende-se de toda e qualquer possibilidade de manipulação que as situações às quais é submetido lhe impõe, determinando suas atitudes e também sua apropriação do conhecimento que caracteriza o mundo.

Retomando a integração estabelecida entre homem e espaço geográfico, ao **HOMEM** cabe a possibilidade de (re)interpretação deste espaço, baseando suas reflexões em seu próprio conhecimento, que não se distancia da ciência, ao

contrário, complementa-a. À medida em que busca esta compreensão, (re)interpreta o conhecimento universal, assumindo a condição de *“leitor do mundo”*.

O texto literário pode ser considerado o que mais provoca a busca a partir de elementos que, então, são desconhecidos ao homem. Desconhecer e reconhecer, neste sentido, são atividades caracteristicamente cognitivas, contrárias e complementares, que fomentam a construção do saber.

Avançando nossas reflexões sobre a importância das imagens na constituição da Geografia da realidade e da realidade geográfica, estabelecemos contato com alguns materiais que sinalizam a presença da subjetividade e da complexidade nas relações que apontamos como integradoras da realidade em que vivemos. Então, observamos que “ a ciência geográfica é viabilizada através da explicação das inter-relações existentes entre a sociedade e a natureza” (TRINDADE, 2003, p.146).

Se a ciência geográfica viabiliza e integra as relações estabelecidas entre sociedade e natureza, podemos também afirmar que “nossa imagem ambiental ainda é uma parte fundamental de nosso instrumento de vida [...]” (LYNCH, 2006, p.140).

Atribuindo então, às imagens, a importância indiscutível de sua presença na constituição da realidade, compreendemos que são, simplesmente, não parte, mas o todo.

Sua manifestação é única, peculiar às pessoas. Por isso, não deixa de ser relevante à constituição do mundo, lugar em que se encontram os homens, sem exceção. Simbolizam visões do mundo que se diferenciam por serem relativas à compreensão que cada indivíduo possui de sua realidade, mas se aproximam quando se “encontram” em diferentes relações estabelecidas entre homem e mundo. Então, o *“leitor do mundo”* que definimos nesta tese simboliza, adequadamente, o **HOMEM** que vive e se constitui compreendendo uma Geografia da realidade e uma realidade geográfica.

Direcionamos nossas reflexões a referenciais que nos permitem confirmar a importância da subjetividade das imagens numa realidade que denominamos dinâmica e que nos permite retomar as afirmações anteriormente relacionadas, pois expressam a presença de “[...] grandes imagens que reconduzem ao símbolo do absoluto” (DURAND, 2004, p.53).

Neste contexto, prosseguimos nossa pesquisa bibliográfica e, cada vez mais, observamos que nosso questionamento não se distancia da atividade científica, como fora apontado, em muitos momentos de sua elaboração, por “olhares observadores”. Partirmos do pressuposto de que as imagens são, inquestionavelmente, elementos subjetivos e presentes em nossa realidade. Então, o “[...] homem não se aproxima do mundo somente através de experiências” (BUBBER, 2001, p.54).

Cabe às imagens que elaboramos e/ou evocamos a partir da leitura dos diferentes tipos de texto a função explicativa de uma realidade que, nem sempre, é significativa para o outro.

A beleza inerente a uma imagem não é, obrigatoriamente, um elemento presente na (re)interpretação do outro sobre a realidade. Aliás, não consideramos a realidade como um mesmo elemento para indivíduos diferentes, mas como elementos distintos que se fundem na medida em que são estabelecidas as várias relações entre homem e mundo. Esta fusão simboliza a “totalidade-mundo” abordada por Straforini (2008) e também as imagens abordadas num imaginário de viajantes, caracterizado, principalmente, por elementos culturais. (BARREIRO, 2002).

O conhecimento considerado como verdadeiro adquire, diante de tais afirmações, a condição de elemento submetido a novos questionamentos, pois, buscando a compreensão sobre o que é a verdade absoluta, observamos que:

Podemos considerá-la inexistente, pois, sendo absoluta, toda e qualquer pretensão de desenvolvimento não realizar-se-á e, conseqüentemente, a atividade científica encontrar-se-á em estado de repouso, em profunda estagnação.

(BELO; ANTONIO FILHO, 2004, p.112)

Sendo necessário o avanço do conhecimento, as imagens não se constituem como absolutas porque não podem ser, em todo e qualquer momento, as mesmas. São resultados de (re)interpretações próprias a cada **HOMEM** e, portanto, se assemelham à verdade: são dotadas de relatividade.

Uma dificuldade de compreender as imagens como elementos que, nesta realidade dinâmica, se constituem também dinâmicos, se deve ao fato de que a própria definição atribuída aos cientistas nos permite identificá-los como “seres”

especiais. O rigor atribuído ao método científico e sua aplicabilidade, fundamentada na lógica e na razão que caracterizam o mundo ocidental, nos permitem observá-lo como um homem que deve ser capaz de:

[...] preocupar-se em compreender o mundo e ampliar a precisão e o alcance da ordem que lhe foi imposta. Esse compromisso, por sua vez, deve levá-lo a perscrutar com grande minúcia empírica (por si mesmo ou através de colegas) algum aspecto da natureza.

(KUHN, 2006, p.65)

Ao **HOMEM** “*leitor do mundo*” não é associada esta reflexão de Kuhn (2006). A imagem de **HOMEM** que observamos é de um **HOMEM** capaz de agir diante das situações que lhe são impostas, mesmo que se refiram a situações que reflitam uma lógica já consolidada. Por este motivo, é importante lembrarmos que a própria estrutura social na qual estamos inseridos determina as condições de sobrevivência que possuímos. No entanto, tais condições são suscetíveis a novas condições. Identificamos esta perspectiva tanto nos textos das apostilas de Geografia do TC 2000 quanto na obra literária de Euclides da Cunha, e confirmamos nossas reflexões buscando apoio nas ideias de Barreiro (2002).

Em sua pesquisa, o autor identifica elementos que constituem a realidade de viajantes e as visões que estes possuem de sua realidade em comparação com “outras realidades”, expressas na condição de trabalho de classes sociais diferentes da sua. O autor citado aponta a realidade já consolidada historicamente e que, então, determina como a concepção do trabalho retrata, de forma clara, a possibilidade de estabelecermos uma comparação com as imagens da ordem e do caos, abordadas em nossa tese:

A experiência vivida por esse segmento social, relacionada a situações produtivas assistemáticas, aparecia no plano da sua consciência em uma forma específica de conceber a idéia de tempo, que era incompatível com a moderna concepção de trabalho capitalista. [...]

(BARREIRO, 2002, p. 37)

A comparação que tal referencial teórico nos permite não é difícil de ser identificada: a ordem capitalista retrata, facilmente, o darwinismo social que apontamos como elemento de nossa abordagem e que aparece tanto nas ideias de Santos (2004) quanto nas ideias de Cunha (1984), a apontar o determinismo geográfico. No entanto, não podemos desconsiderar também os textos das apostilas

do TC 2000, cujo conteúdo expressa elementos que simbolizam imagens da subordinação do **HOMEM** trabalhador diante de um mundo em que se constituem as relações das quais se originam as imagens que pretendemos analisar.

A idéia da modernidade apontada por Barreiro (2002) também é observada nos textos didático e literário. Considerando o primeiro, temos a modernidade expressa na constituição do material pedagógico: o uso das fitas VHS como recurso para a aplicação das teleaulas indica uma nova metodologia, uma nova forma de educação que corresponde às exigências de uma nova sociedade, fundamentada no trabalho assalariado e em modos de produção que caracterizam um novo momento histórico. Em relação ao texto literário, a idéia de modernidade se faz presente na figura dos militares e suas armas de fogo, bem mais “potentes” se comparadas às armas dos sertanejos. Além disso, o aluno do TC 2000 tem o sonho de conquistar uma vida melhor em um grande centro e, assim, identificamos a imagem da modernidade expressa, simplesmente, na presença de grandes “arranha-céus”. Para este, a concepção de trabalho capitalista pode ser considerada como elemento fundamental na compreensão de uma realidade dinâmica, presente na Geografia da realidade e da realidade geográfica.

No texto científico, a ideia de modernidade pode ser compreendida como condição de realização de uma atividade inerente às produções acadêmicas, geralmente realizadas em instituições que se constituem na imagem da supremacia do saber, em laboratórios, e cercadas por técnicas e equipamentos.

A ideia de trabalho e a percepção que o **HOMEM** possui em relação à sua realidade são aspectos inerentes aos textos das apostilas de Geografia do TC 2000, consideradas nesta tese, tanto no que se refere às edições de 1989 quanto às edições de 1996.

A apropriação do espaço é um elemento marcante, presente nas diferentes formas de apresentação dos textos que, indiscutivelmente, atribuem à figura do **HOMEM** a responsabilidade pelo “uso e conservação” do planeta. A esta ideia, podemos associar a busca pela definição do conceito de território, pois, em linhas gerais, os textos demonstram, sobretudo, como a ocupação territorial e as limitações impostas por fronteiras naturais, por exemplo, implicam nesta compreensão.

Então, podemos relacionar tal afirmação com as ideias de Haesbaert (2006), quando suas abordagens nos alertam para a necessidade de compreensão

de uma nova “configuração” da realidade, expressa no que o autor denominou “fim dos territórios”. Realizando uma observação sobre a abordagem do referido autor, é possível estabelecer uma comparação a partir de uma indagação: *“quais imagens poderiam constituir a (re)interpretação dos territórios definidos e habitados pelo homem?”*

Certamente, seriam imagens que revelam em sua subjetividade a peculiaridade das visões do mundo dos indivíduos que abordamos nesta tese, confirmando a Geografia da realidade e a realidade geográfica como conceitos inerentes à vida das pessoas e, geralmente, desconsiderados ou mesmo “despercebidos”.

Nos três tipos de texto considerados, temos a oportunidade de observar de que maneira nos submetemos ao processo de aquisição do conhecimento e, além disso, como cada texto assume a função de (re)transmitir uma informação.

Ao texto de caráter didático não se torna difícil associar tal condição. Afinal, é produzido com esta intencionalidade e, portanto, traz em seu conteúdo uma vasta gama de valores que constituem uma ideologia que denominamos favorável e abordamos ao longo do desenvolvimento dos capítulos desta tese.

Já o texto de caráter literário não foi escrito com o propósito de ser um elemento “transmissor” do conhecimento, a exemplo do livro didático. Porém, a “maestria” expressa na descrição realizada por Euclides da Cunha nos permite identificar um texto que fomenta a busca pelo conhecimento, apesar de não ser este o seu propósito. O referido texto assume caráter pedagógico quando, em suas descrições, seduz o leitor a buscar o conhecimento que o ato da leitura pode nos oferecer. Neste sentido, buscamos apoio nas ideias expressas por Pennac (1993), conforme avançamos nas reflexões que apresentamos no decorrer da análise proposta e realizada.

Por fim, observamos que o texto de caráter científico, como produto que busca pelo conhecimento produzido e aceito academicamente, aproxima-se do texto de caráter didático. Os textos didáticos que consideramos – as apostilas do TC 2000 – foram produzidos por uma equipe de profissionais, “cientistas”, oriundos das universidades mais conceituadas do país. Assim, se tais textos se constituem “marcados” pela presença de uma ideologia favorável, conforme afirmamos, os textos de caráter científico também carregam consigo uma ideologia subjacente às ideias neles apresentadas. Em suma, são textos que se distanciam em relação ao

“público-alvo”, mas se aproximam em relação ao processo de produção: são produtos de uma realidade que se confirma historicamente.

Esta ideologia pode ser facilmente identificada quando, em determinado momento, abordamos em nossa tese a importância do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE).

Correspondendo a uma atuação efetiva de órgãos institucionais cujo trabalho que visa assegurar a qualidade do ensino por meio de metas previamente estabelecidas, que devem ser atingidas ao final de um determinado período, o PDE sinaliza para a necessidade de melhorias “urgentes” no ensino brasileiro.

Assim, conforme desenvolvemos esta tese, nos aproximamos de algumas situações de ensino que merecem destaque. Por este motivo, nos apoiamos nas ideias expressas por Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), que abordam a necessidade de um ensino da disciplina Geografia fundamentado na prática pedagógica de profissionais mais bem preparados, compreendendo a importância desta ciência na formação do cidadão. Questionando a constituição da Geografia no Brasil, indicam a presença dos modos de produção como elementos que constituem uma ideologia favorável ao prevailecimento de uma classe social que se sobrepõe às demais, em um país caracterizado pela desigualdade social. É exatamente o que se manifesta nos textos que abordamos como apoio para a identificação das imagens oriundas da (re)interpretação da realidade:

O espaço geográfico, mundializado pelo capitalismo, tornou-se complexo e as metodologias propostas pelas várias tendências da Geografia tradicional não eram capazes de apreender esta complexidade. Novas metodologias deveriam surgir para empreender tal tarefa.

(PONTUSCHKA, PAGANELLI E CACETE, 2007, p.51)

As ideias relacionadas podem ser associadas às ideias já apresentadas de Moraes e Corrêa (1984), que afirmam a necessidade de um movimento da Geografia numa perspectiva em que sejam consideradas novas possibilidades de compreensão do conhecimento. Além disso, associam-se também às ideias de Barreiro (2002), quando o autor aponta o tempo como elemento incompatível com a ideia de modernidade, que se constitui na lógica capitalista.

Em outras palavras, a ideia de modernidade se manifesta nas propostas pedagógicas no uso dos recursos audiovisuais, mas não constitui a prática pedagógica dos professores. Então, propomos uma questão a ser estudada

futuramente: *quais imagens nossos alunos elaboram e/ou evocam na medida em que são submetidos ao processo de escolarização?*

Poderíamos considerar esta imagem a consolidação das imagens da ordem e do caos.

Às imagens da ordem caberiam as possibilidades de identificação de situações nas quais as diferentes manifestações do processo de ensino e aprendizagem asseguram a (re)transmissão de um conhecimento “pronto” sem contestação, contribuindo com a manutenção da ordem social resultante da lógica capitalista.

O TC 2000 se constitui como uma proposta pedagógica diretiva, que contribui para esta situação e, portanto, para a elaboração e/ou evocação destas imagens.

Em contrapartida, às imagens do caos compete a interpretação de uma realidade que não corresponde às afirmações que retratam as imagens da ordem. Apesar da proposta pedagógica do TC 2000 se constituir como uma proposta que corresponde aos ideais da ciência positivista – tal como a Geografia tradicional – o caos se instaura quando se trata de uma proposta que, na realidade, apresenta imagens da ordem apenas no momento em que é vendido como produto de “lucro certo” às empresas que necessitam possuir funcionários qualificados mediante certificados para atenderem às exigências dos padrões de qualidade que certificam seus produtos oferecendo credibilidade no mercado.

Toda a proposta pedagógica do TC 2000 é fundamentada na aprovação do telealuno como um produto certo. No entanto, as avaliações a serem aplicadas e o cronograma de aulas, por exemplo, não são elaborados pelos Orientadores de Aprendizagem. Esta condição determina, em muitos casos, a ocorrência de telesalas que expressam altos índices de reprovação.

Temos nesta questão a possibilidade de observar, na figura do “sertanejo aluno do TC 2000”, uma imagem prévia do aluno brasileiro: submetido a um processo de escolarização cujo objetivo é a formação que atenda ao mercado de trabalho, conforme previsto na LDB (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), Lei n.º 9394/96, e que, por vezes, acaba reduzindo-o a mais um “número”, expresso nos índices que caracterizam a população brasileira.

De acordo com Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007), os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN's) representam uma política educacional

centralizadora, adotada pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC). Inovam, porém, quando indicam em sua abordagem os temas transversais como elementos que fundamentam a prática da democracia e construção da cidadania. Neste sentido, se aplicada, a proposta inovadora assegura o estabelecimento de imagens que configuram uma nova realidade, necessária e urgente. Ainda tomando como referência tais idéias, o documento utiliza várias correntes do pensamento geográfico.

Articulando nossas reflexões com a questão central que integra o título desta tese, observamos que àqueles que desempenham a função de verdadeiros (re)transmissores do conhecimento – os professores – cabe a responsabilidade de fomentar no aluno, que assume a condição de *“leitor do mundo”*, a vontade de buscar informações que expressem sua compreensão do mundo, constituída a partir de suas visões do mundo, e que resultam na constituição da Geografia da realidade e da realidade geográfica.

As diferenças observadas na constituição das classes sociais se manifestam em algumas das poucas imagens que selecionamos para ilustrar as reflexões que apresentamos ao longo do texto produzido: ao leitor dos textos que constituem as apostilas de Geografia do TC 2000 são apresentadas imagens que retratam trabalhadores braçais, indispensáveis à manutenção de uma ordem social já estabelecida.

Neste sentido, o poder simbólico abordado por Bourdieu (2007, p. 151) confirma uma lógica existente, que assume as condições necessárias ao prevalectimento da hierarquia apresentada:

[...] O cientista, se não quer transformar a ciência social numa maneira de prosseguir a política por outros meios, deve tomar para objecto a intenção de colocar os outros em classes e de lhes dizer por este meio o que eles são e o que têm que ser (é toda ambigüidade da previsão); ele deve analisar a ambição da visão do mundo criadora [...]

Na condição de ciência que, diretamente, associa o conhecimento à vida humana, a ciência geográfica manifesta toda a possibilidade de (re)interpretação do mundo, tomando como apoio as imagens que se constituem como elementos de uma realidade que buscamos identificar nesta tese.

CAPÍTULO 1

UMA NOVA INTERPRETAÇÃO DA REALIDADE:

Imagem, homem e ciência como elementos que constituem o mundo

1.1. A imagem como objeto de estudo

Vivemos em um mundo complexo, repleto de elementos que abarcam consigo valores, afetos e diferentes formas de compreensão e/ou interpretação humana. Valorizando, então, a capacidade de abstração, estamos constantemente submetidos a uma realidade que pode ser considerada, inicialmente, *“fruto de nossa imaginação”*.

Inseridos no espaço “geográfico”, estamos a todo o momento em contato com uma nova realidade. As diferentes relações estabelecidas entre homem e meio ambiente determinam a maneira pela qual compreendemos esta realidade. Porém, questionamos: *qual é essa realidade? Qual é a interpretação que possuímos sobre a realidade? Teríamos apenas uma forma de interpretação desta realidade ou temos a possibilidade de compreender o mundo de diferentes maneiras, de acordo com o momento e, portanto, a realidade de cada situação?* São questionamentos como

estes que conduzem nossas reflexões e, neste sentido, uma abordagem inicial sobre a imagem nos permite observar que:

[...] é preciso muitas vezes, para se fazer ciência, evitar as aparências da cientificidade, contradizer mesmo as normas em vigor e desafiar os critérios correntes do rigor científico [...]. As aparências são sempre pela aparência. A verdadeira ciência, na maior parte das vezes, tem má aparência e, para fazer avançar a ciência, é preciso, freqüentemente, correr o risco de não se ter todos os sinais exteriores da cientificidade (esquece-se que é fácil simulá-los) [...].

(BOURDIEU, 2007, p.42)

Em todas as possibilidades de verificação da imagem como objeto de estudo, as críticas em relação à fidedignidade do trabalho proposto são sempre presentes, podendo ser consideradas constantes. Neste sentido, a imagem pode ser compreendida como um elemento que ultrapassa a natureza do “simbólico”, pois, contrariamente, constitui e caracteriza a realidade das pessoas de forma peculiar.

Fundamentando nossa pesquisa em pressupostos que constituem a visão aristotélica, podemos nos ater às considerações sobre os argumentos que remetem ao princípio e à ordem natural, na qual o filósofo se refere aos silogismos e aos elencos sofísticos, permitindo-nos observar que a imagem se enquadra em algumas de suas definições. Ao abordar semelhanças entre elementos contraditórios, que oscilam entre o que é verdadeiro e o que é falso, há uma consideração sobre a proximidade de tais conceitos, estabelecida entre o que podemos compreender como silogismo e sofisma. Mesmo não sendo nossa intenção um aprofundamento sobre o tema, há algumas reflexões aristotélicas que nos permitem comparar tais conceitos às imagens:

[...] Por esta causa, [...], há silogismos e elencos aparentes e falsos. Assim como há pessoas que preferem parecer sábios a sê-lo, em vez de o serem mesmo sem parecer, [...], para fazer uma comparação enumeradora, a meta de quem sabe, seja em que for, é a de lisonjear o tema acerca do qual sabe e a de desmascarar quem assim proceda, e esta dupla meta consiste, uma em poder dar a razão para o que outro diz.

(ARISTÓTELES, 1999, p.80)

As ideias expostas têm sua comparação e associação com as imagens que consideramos, por um único motivo: pelo fato de se constituírem como objetos que podem tanto representar a realidade quanto a omissão dos verdadeiros “reflexos” que integram a realidade. Neste sentido, devemos considerar a possibilidade de compreensão do mundo tanto a partir do que denominamos

Geografia da realidade quanto a partir do que denominamos realidade geográfica. Em nosso entendimento, ambos os conceitos refletem as possibilidades de (re)interpretação, oriundas da capacidade cognitiva, especificamente humana, e assim temos nas imagens mais do que um objeto de estudo. Temos nas imagens um elemento que pode ser compreendido como aliado em relação à nossa capacidade de (re)interpretação do (re)conhecimento do mundo.

Complexas e subjetivas, as imagens se constituem como elementos que podem interferir positiva ou negativamente na compreensão da realidade, pois a capacidade de abstração humana revela as diferentes formas de (re)interpretação do conhecimento e, conseqüentemente, as diferentes visões do mundo.

Assim, distante dos rigores do positivismo científico, as imagens podem ser interpretadas como a manifestação das diferentes visões do mundo. Tal condição pode ser observada nas ideias de Durand (2004, p. 41, grifos do autor):

[...] Todo pensamento humano é uma *re*-representação, isto é, passa por articulações simbólicas. Ao contrário do que afirmou um psiquiatra que esteve durante algum tempo na moda, no homem não há uma solução de continuidade entre o “imaginário” e o “simbólico”. Por conseqüência, o imaginário constitui o conector obrigatório pelo qual forma-se qualquer representação humana.

Se tomarmos como base para nossas reflexões as ideias relacionadas, observaremos que a imaginação – atividade essencialmente humana – se constitui como elemento que concretiza toda e qualquer forma de ação humana. O aparato imaginário se torna “simbólico”, pois a representação obtida a partir da abstração humana – pensamento – é definida a partir desta possibilidade de articulação do pensamento com a realidade.

Mais uma vez nos encontramos diante das inúmeras possibilidades de interpretação da realidade, tomando como fundamentação o sentido que atribuímos às imagens. Então observamos que as imagens, por vezes, não correspondem aos rigores exigidos pela atividade científica, conforme observamos nas ideias expressas por Bourdieu (2007, p.31-32, grifos do autor), ao discorrer sobre os limites que constituem os objetos de estudo numa interpretação positivista:

Na prática, veremos que se porá a questão dos limites do campo, questão com aparência positivista a que se pode dar uma resposta teórica (o limite de um campo é o limite dos seus efeitos ou, em outro sentido, um agente

ou uma instituição faz parte de um campo na medida em que nele sofre efeitos ou que nele os produz), resposta esta que poderá orientar as estratégias de pesquisa que têm em vista estabelecer resposta de facto. Isto terá como consequência que quase sempre nos acharemos expostos à alternativa da análise intensiva de uma fracção do objecto praticamente apreensível e da análise extensiva do objecto verdadeiro. Mas o proveito científico que se retira de se conhecer o espaço em cujo interior se isolou o objeto estudado [...] e que se deve tentar apreender, mesmo grosseiramente, ou ainda, à falta de melhor, com dados de segunda mão, consiste em que, sabendo-se como é a realidade de que se *abstraiu* um fragmento e o que dela se faz, se podem pelo menos desenhar as grandes linhas de força do espaço cuja pressão se exerce sobre o ponto considerado [...]. E, sobretudo, não se corre o risco de procurar (e de "encontrar") no fragmento estudado mecanismos ou princípios que, de facto, lhe são exteriores, nas suas relações com outros objectos. Construir o objecto supõe também que se tenha, perante os factos, uma postura activa e sistemática. Para romper com a passividade empirista, que não faz senão ratificar as pré-construções teóricas vazias, mas sim de abordar um caso com a intenção de construir um *modelo* – que não tem necessidade de se revestir de uma forma matemática ou formalizada por ser rigoroso –, de ligar os dados pertinentes de tal modo que eles funcionem como um programa de pesquisas que põe questões sistemáticas, apropriadas a receber respostas sistemáticas; em resumo, trata-se de construir um sistema coerente de relações, que deve ser posto à prova *como tal*. Trata-se de interrogar *sistematicamente*, o caso particular [...].

As diferentes e inúmeras possibilidades de (re)interpretação do conhecimento presente no mundo, fundamentadas nas imagens, nos conduzem a identificar nossa incapacidade de desconsideração sobre as etapas que consolidam a atividade científica. Diante de indagações sobre a veracidade dos fatos, priorizando o que compreendemos em função da realidade que constitui nossas vidas, nos deparamos com a necessidade de observar a importância do método científico para um melhor entendimento de nossas reflexões.

1.2. Método científico e conhecimento geográfico: a necessidade de compreensão da integração de elementos distintos na (re)interpretação da realidade

As discussões teóricas sobre o uso do método para a comprovação do conhecimento verdadeiro têm sido o tema de inúmeros debates ocorridos no meio acadêmico. Assim, podemos tomar como apoio as ideias expressas por Demo (1985, p. 85), permitindo-nos observar que, entre as diferentes manifestações, a dialética possa:

[...] ser a metodologia mais correta para as ciências sociais, porque é aquela que, sem deixar de ser lógica, demonstra sensibilidade pela face

social dos problemas [...] é propriamente uma metodologia social, no sentido de que não seria adaptável, de forma adequada, às ciências exatas e naturais. [...]

Neste sentido, mesmo enfocando nesta tese a ciência geográfica, não podemos desconsiderar que a história da ciência tem como base a Física. Em sua condição de ciência, a Física, apropriando-se do método científico, toma como parâmetro de análise a possibilidade de aceitação ou de refutabilidade para a consolidação do conhecimento científico, considerado como a forma de interpretar a realidade que nos aproxima mais da “verdade”.

Relacionando tal aspecto com as imagens que elaboramos e/ou evocamos ao interpretar a realidade (geográfica) observada, podemos verificar que tais imagens nos permitem também a aceitação ou a refutabilidade.

Para um melhor entendimento, devemos considerar como elementos de nossa análise as expressões que constituem nosso principal questionamento:

“IMAGEM: Geografia da realidade ou realidade geográfica?”

Considerando o que denominamos Geografia da realidade – conceito a ser esclarecido junto à realidade geográfica no desenvolvimento desta tese –, podemos associar tal expressão às diferentes formas de compreensão das relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico.

A Geografia da realidade deve ser interpretada como o conceito que traz consigo toda e qualquer possibilidade de interpretação de uma realidade criada e recriada em todo momento. Neste sentido, apostamos no estabelecimento de inúmeras e diversas relações entre homem e meio ambiente, como referenciais para a interpretação das transformações que constituem o mundo³.

O dinamismo destas relações está presente em seus diferentes contextos, impondo um ritmo acelerado à atualidade: em questão de segundos estabelecemos contatos com pessoas que se encontram distantes milhares de quilômetros.

Uma provável imagem a ser elaborada e/ou evocada a partir de tais condições é a de um mundo dominado pela agilidade expressa em resultados, nos quais identificamos o domínio que as ações humanas exercem sobre a natureza.

³ A interpretação da palavra mundo e seu conceito em contexto geográfico devem, neste caso, considerar o espaço geográfico habitado e modificado pelo homem, mas não abordar a constituição do mundo a partir da distribuição espacial dos países e continentes, pois isto implicaria na definição de conceitos que desviariam o foco da pesquisa realizada.

Por outro lado, podemos também observar o surgimento de imagens que nos permitem identificar o homem como elemento escravizado pelas condições criadas por ele mesmo, para satisfazer suas necessidades.

Atualmente, a lógica capitalista identificada em nossa sociedade nos permite confirmar tal condição, embora sem desconsiderar a importância da afetividade:

O espaço vivido é, por outro lado, marcado ainda por uma afetividade maior que nas sociedades industriais. A afetividade manifesta-se tanto no que diz respeito ao gostar dos lugares como à movimentação espacial. Lugares e áreas longínquas tornam-se próximos em função da afetividade por eles, como se exemplifica com os lugares sagrados, objetivamente distantes.

(CASTRO; GOMES; CORRÊA, 1995, p.33)

A compreensão que temos do espaço geográfico confere importância à atuação do método científico na interpretação da realidade, a partir da ciência geográfica.

Uma ciência tão abrangente se torna elemento fundamental na interpretação da Geografia da realidade e da realidade geográfica. A vida das pessoas engloba situações cotidianas que conduzem tanto à aquisição quanto à interpretação do conhecimento. O conhecimento popular, também denominado senso comum, caracteriza a realidade observada. Conseqüentemente, a Geografia da realidade e a realidade geográfica se constituem a partir desta “sabedoria”, também expressa nas imagens que constituem nosso objeto de estudo.

Tais imagens podem, então, representar a possibilidade de aceitação humana diante da realidade vivida, pois compreendemos o **HOMEM** como elemento que interfere no espaço geográfico, a partir de suas ações.

Estabelecendo moradia fixa, por exemplo, o homem determina a presença de condições que assegurem sua sobrevivência. Na medida em que isto ocorre, observamos que os resultados expressos ao final de longos períodos, geralmente não são levados em consideração. Suas conseqüências são visíveis apenas quando se constituem como fatores agravantes de situações que, por vezes, se tornam irreversíveis. Percebemos, por exemplo, que estamos diante de fenômenos que provocam profundas alterações no clima do planeta e, portanto, que estamos sujeitos a grandes dificuldades de sobrevivência, que vão desde a escassez da água – um recurso esgotável e, portanto, não-renovável – até a incapacidade de

adaptação do homem às novas condições climáticas, provocadas pelo “mau” uso da Terra. Sendo esta a morada do homem, encontramos na integração Homem/Terra a presença da dinâmica realidade que apontamos já na introdução.

Atualmente, sofrendo as consequências do aquecimento global, vemos que o homem sai em busca de novas formas de adaptação, a fim de garantir sua sobrevivência. Nesse contexto, observamos também, em alguns momentos da obra euclidiana “Os Sertões”, que as condições físicas podem determinar as condições de sobrevivência e adaptação do **HOMEM** ao espaço geográfico descrito, e que tais condições interferem na vida do sertanejo:

A enchente é uma parada na vida. Preso nas malhas dos *igarapés*, o homem aguarda, então, com estoicismo raro ante a fatalidade incoercível, o termo daquele inverno paradoxal, de temperaturas altas. A vazante é o verão. É a revivescência da atividade rudimentar dos que ali se agitam, do único modo compatível com uma natureza que se demasia em manifestações díspares tornando impossível a continuidade de quaisquer esforços.

(CUNHA, 1984, p.58, grifos do autor)

Entendemos a realidade geográfica a partir da observação de situações como a descrita. Desta maneira, identificamos o significado e a importância da realidade geográfica, pois ela nos permite identificar uma nova configuração do mundo, estabelecida com a ocorrência das relações entre homem e natureza. Diante da enchente, são traçados os caminhos a serem percorridos, as ações a serem realizadas, as atitudes que nortearão o cotidiano do **HOMEM**, expresso na obra literária “Os Sertões”. Enfim, as relações estabelecidas entre **HOMEM** e espaço geográfico determinam as condições de sobrevivência e, portanto, as imagens que caracterizam a vida no sertão: dificuldades, adversidades e aceitação.

Temos nas dificuldades e adversidades a luta pela sobrevivência diária e, para compreendermos a aceitação, é necessário observarmos que as condições físicas do lugar e do **HOMEM** não são compatíveis. Enquanto o **HOMEM** busca incansavelmente sua sobrevivência, as condições climáticas impõem e determinam um ritmo que não considera sua realidade, bem como sua verdadeira necessidade diante da vida.

Quando há uma preocupação em se definir um objeto de estudo, sobretudo no tocante à ciência geográfica, é necessário salientar que a possibilidade de definição deste objeto nos remete a pensar a Geografia como uma ciência que,

por considerar as dinâmicas relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico, busca o que Moraes e Costa (1984) apontaram como a “unidade da Geografia”, ao abordarem, em seus estudos, a relação desta ciência com o marxismo.

De acordo com os autores relacionados:

[...] Entendemos que o marxismo não apregoa a existência de um único objeto de um único campo de pesquisa, seja no estudo da natureza, seja no estudo da sociedade. Entendemos também que esse *método* de interpretação do real não propõe que se aborde todo o existente de uma única vez, numa caótica visão de totalidade. O materialismo histórico e dialético trabalha, isto sim, com sucessivos e interdependentes procedimentos de abstração e concreção. Isto é, caminha da experiência para o abstrato (identificando e isolando problemas), e deste ascende para o concreto (pela inserção dos problemas tratados em processos mais amplos). [...]

(MORAES; COSTA, 1984, p. 47, grifos do autor)

A possibilidade de se considerar a sucessão de procedimentos interdependentes de abstração e concreção nos permite confirmar a presença da realidade geográfica como uma nova configuração do mundo, conforme apontamos anteriormente.

Para atender aos seus desejos, o homem se apropria do espaço geográfico e dos recursos nele contidos e, então, a satisfação a ser atingida pelo homem, a partir de suas ações, interfere diretamente nas condições de sobrevivência a serem observadas e compreendidas como uma das manifestações expressas nas imagens que podemos elaborar e/ou evocar, quando nos propomos a conceituar a Geografia da realidade e a realidade geográfica.

Quando as imagens citadas são aceitas, o homem deixa de ser elemento que interfere na realidade para ser considerado elemento conduzido e, assim, conformado com situações que determinam sua sobrevivência em uma sociedade cuja realidade já se encontra concretizada, mas não estabelecida.

Afirmamos que esta realidade não se encontra estabelecida porque, conforme relatamos anteriormente, temos o dinamismo como condição fundamental para o estabelecimento de inúmeras relações entre homem e natureza.

Assim, a necessidade que o homem expressa em buscar o conhecimento resulta no domínio do espaço geográfico e contribui, também, com sua sistematização, expressa em diferentes áreas: biológica, exata e humana. Tal

sistematização deve, então, ser compreendida como uma forma de organização que compartimenta o conhecimento sem torná-lo inválido, mas assegurando sua condição reducionista. Subjugando a verdadeira possibilidade do conhecimento, sua classificação em áreas diminui ou mesmo anula as possibilidades de compreensão a partir de sua própria integração.

Tomando a ciência geográfica em nossa tese, observamos a amplitude de seu alcance e, por este motivo, identificamos a presença de uma realidade geográfica, sob a qual as imagens que surgem configurando nossa interpretação da realidade são determinadas a partir de nossa própria sistematização, pois também reduzimos e subjugamos o que vemos e vivemos. Em outras palavras, nossa curiosidade é conduzida por momentos de (re)leitura e (re)interpretação de um conhecimento elaborado, que constitui o mundo que se encontra visível nas situações cotidianas.

Não temos necessidade de buscar a realização de atividades acadêmicas para conhecer algo, mas temos necessidade de dominar o desconhecido. Então, a sistematização se torna aspecto de fundamental importância em nossa interpretação do mundo: se nossa interpretação da realidade se fundamenta na sistematização do conhecimento, teremos como produto imagens também “reduzidas”, que retratarão o mundo sob perspectivas de análise limitadas. No entanto, se nossa interpretação da realidade desconsidera tal sistematização, certamente elaboraremos e/ou evocaremos imagens que nos permitirão novas formas de compreensão do mundo.

Tais apontamentos nos permitem comparar o método científico com as imagens. Enquanto as imagens se constituem como o produto de uma realidade dinâmica, o método científico também se manifesta na possibilidade de descoberta, e envolve processos tão dinâmicos quanto a própria realidade.

Às imagens, reservamos a interpretação da transformação como produto de ações humanas, cujas interpretações representam a realidade vivida e “experienciada” pelo **HOMEM**, pois retrata o dinamismo presente no cotidiano das pessoas. Este cotidiano, por sua vez, se torna um elemento fundamental na análise que realizamos sobre as imagens, pois as ações realizadas e/ou exercidas pelos homens nem sempre são produtos de um processo reflexivo, a exemplo das ações que transformam e que são resultantes do método científico, mas constituem a complexidade inerente tanto aos homens quanto ao próprio mundo.

A ciência fundamenta suas explicações em dados concretos, sendo que a refutabilidade chega a ocasionar muitos debates no meio acadêmico. Assim, questionar um postulado, uma teoria, é algo desafiador, pois pode promover a quebra de paradigmas já estabelecidos. Desafiamos nossa própria natureza quando nos deparamos com o novo. O que é desconhecido passa a constituir a busca pelo conhecimento e o método científico, por sua vez, se confirma nesta busca, pois fomenta e se consolida em novas descobertas.

Em poucas palavras, temos em mãos um método que nos permite refletir sobre a realidade, questionando-a e procurando identificar fatores que confirmem sua complexidade. Eis o motivo que, nesta tese, nos conduziu a defini-lo como o método que assegura a sustentabilidade de nossa pesquisa, pois a subjetividade das imagens integra a realidade observada, na qual estão presentes as relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico. Se o homem é suscetível a transformações, o conhecimento por ele produzido não se distancia desta condição.

A compreensão das imagens, que constitui a Geografia da realidade e a realidade geográfica, busca, de certa forma, apoio no próprio método científico para a interpretação do real na subjetividade que caracteriza as imagens. Como afirma Kuhn (2006, p.57), “talvez a característica mais impressionante dos problemas normais da pesquisa [...] seja seu reduzido interesse em produzir grandes novidades, seja no domínio dos conceitos, seja no dos fenômenos”. Neste sentido, tomamos como fundamentação de nossas reflexões a possibilidade que as imagens possuem no tocante à identificação de elementos presentes em uma subjetividade própria ao pensamento humano. Por este motivo, nossa pesquisa se constitui como uma atividade intensa, repleta de agruras e desafios presentes na Geografia da realidade e na realidade geográfica.

A ciência busca a resolução de problemas, e a ciência geográfica, por sua vez, não se distancia desta característica, pois também procura solucionar ou, ao menos, minimizar problemas. Identificando problemas que se originam, entre outros, nas relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico e assumindo a condição de ciência, a Geografia também foi submetida a comprovações que assegurassem sua fidedignidade. Se observarmos um fragmento da *Aula 2* da edição mais antiga das apostilas do TC2000 (1989), consideradas em nossa análise, percebemos a presença de informações que reforçam a visão da ciência ocidental que dominou, por muito tempo, o meio acadêmico, desconsiderando formas de

conhecimento que não correspondessem aos paradigmas por ela estabelecidos para a própria compreensão da Geografia:

Como, então, a geografia se tornou uma disciplina científica, com os objetivos e métodos que hoje a caracterizam? Só poderemos encontrar respostas para essa questão a partir do conhecimento da *história da geografia*, fundamentada naquilo que se conhece da história da humanidade.

Infelizmente, perdeu-se muito do que foi observado, analisado, descrito, desenhado e escrito pelos homens no decorrer dos tempos antigos. Mesmo assim, sempre é possível traçar uma história do pensamento e do conhecimento geográficos, principalmente nos domínios da chamada *ciência ocidental*, que tem como um de seus marcos o pensamento dos sábios e filósofos gregos do século V antes de Cristo.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1989, p.11, grifos do autor)

O rompimento de conceitos representa a alteração de ideias consolidadas, estabelecidas, que se concretizam na medida em que são expressas a partir das teorias e formulações do conhecimento.

Neste sentido, novamente podemos apoiar nossas reflexões nas ideias de Kuhn (2006, p. 103):

[...] A prática anterior da ciência normal proporcionara toda sorte de razões para considerá-los resolvidos ou quase resolvidos, o que ajuda a explicar por que o sentido de fracasso, quando aparece, pode ser tão intenso. O fracasso com um novo tipo de problema é muitas vezes decepcionante, mas nunca surpreendente. Em geral, nem os problemas, nem os quebra-cabeças cedem ao primeiro ataque. Finalmente esses exemplos partilham outra característica que pode reforçar a importância do papel da crise: a solução para cada um deles foi antecipada, pelo menos parcialmente, em um período no qual a ciência correspondente não estava em crise. [...]

Tais paradigmas foram estabelecidos conforme o conhecimento se desenvolveu, “padronizando” os conceitos estabelecidos cientificamente. Neste sentido, é necessária a observação sobre o conhecimento como resultado de uma elaboração sistematizada. Aliás, pode-se afirmar que é a necessidade de sistematização o fator responsável pelo desenvolvimento do conhecimento.

Se considerarmos as ideias de Capra (2005, p.28), observaremos que há uma preponderância do paradigma ocidental, influenciando e, até mesmo, determinando as demais formas de compreensão e interpretação do conhecimento, presentes no mundo na atualidade:

[...] Esse paradigma compreende um certo número de idéias e valores que diferem nitidamente dos da Idade Média; valores que estiveram associados a várias correntes de cultura ocidental, entre elas a revolução científica, o Iluminismo e a Revolução Industrial. Incluem a crença de que o método científico é a única abordagem válida do conhecimento: a concepção do universo como um sistema mecânico composto de unidades materiais elementares; a concepção da vida em sociedade como uma luta competitiva pela existência; e a crença do progresso material ilimitado, a ser alcançado através do crescimento econômico e tecnológico. Nas décadas mais recentes, concluiu-se que todas essas idéias e esses valores estão seriamente limitados e necessitam de uma revisão radical.

Diante de tais colocações, toda e qualquer mudança pode ser associada e até mesmo compreendida como “sinônimo” de transformação. E, para transformar, sabemos que rupturas com “velhos” valores são, além de necessárias, imprescindíveis.

Podemos, neste momento, associar as ideias de Capra (2005) às idéias de Kuhn (2006, p.24), quando afirma que:

[...] a ciência normal freqüentemente suprime novidades fundamentais, porque estas subvertem necessariamente seus compromissos básicos. Não obstante, na medida em que esses compromissos têm um elemento de arbitrariedade, a própria natureza da pesquisa normal assegura que a novidade não será suprimida por muito tempo.

Se uma novidade não é suprimida por muito tempo, diante de tais colocações não podemos desconsiderar a ocorrência de rupturas com velhos paradigmas científicos. Não se trata de algo simples, pois, tanto a aceitação quanto a incorporação de mudanças configuram a transformação de uma realidade historicamente construída. Isto demanda tempo e, portanto, tal ocorrência afeta diretamente o(s) padrão(ões) que perpassa(m) a elaboração e a consolidação do conhecimento científico.

A história da civilização humana aponta as mudanças de paradigmas em momentos diversos e distintos, que são caracterizados, sobretudo, pelos valores e visões do mundo correspondentes a cada época considerada.

Tomando como referência a necessidade de explicação de fenômenos que constituem o mundo, a ciência desenvolveu-se, ao longo de toda a história, buscando firmar-se como certa, única e inquestionável. Neste sentido, quando nos propomos compreender o método científico, partimos em busca de explicações que possuem o mesmo caráter: “certas”, exatas e que abandonem a generalização.

Interpretando a ciência no contexto de uma abordagem cartesiana, positivista, podemos considerar a crítica apontada por Belo e Antonio Filho (2004, p. 109) indicando que:

A busca pela certeza e a tranquilidade expressa na linearidade da postura científica positivista constituem as idéias consideradas corretas, verdades absolutas, desde que o homem passou a sistematizar seu conhecimento.

Relacionando tais afirmações com a atualidade, podemos considerar que a Geografia tradicional, em seu caráter científico, apresenta toda sua base científica a partir de “compartimentações”. Temos a Geografia Física, Humana, Social, Teorética, entre outras “ramificações”. Nesta tese, apontamos a “Geografia da realidade”. Não seria outra “compartimentação” do conhecimento geográfico? Deixemos esta questão para um próximo debate. Mas, ainda nesta perspectiva de análise, é interessante observarmos como a “divisão” da Geografia também está presente em textos de caráter didático, a partir do fragmento extraído da *Aula 1*, abaixo relacionado:

A geografia tem, portanto, um campo de interesse bastante abrangente e complexo. E, por isso mesmo, existe divisão de trabalho dentro da própria geografia, com linhas de estudos especializados, enfocando um ou mais aspectos de interesse.

Assim, a chamada *geografia física* pode estudar os rios, o clima e o relevo existentes numa certa área, cada um em separado ou todos em conjunto. A *geografia humana* pode realizar, na mesma área, estudos sobre a população, a agricultura, a indústria e o comércio – também em separado ou conjuntamente. Por outro lado, todos esses aspectos – e outros mais, inclusive externos à área – podem ser estudados de maneira integrada, para a explicação do conjunto. E qualquer um desses estudos, com enfoques parciais ou globais, são *estudos geográficos*, ou seja, de busca do conhecimento da realidade através da disciplina científica chamada geografia.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1989, p.7, grifos do autor)

Retomando nossas reflexões, podemos ainda observar as dificuldades encontradas no processo de (re)construção do conhecimento e identificar a dubiedade do mundo (ocidental/oriental) na própria condição de desenvolvimento do conhecimento, a partir das ações humanas. Neste sentido, novamente as ideias de Belo e Antonio Filho (2004, p.114) fundamentam nossas reflexões:

No mundo onde prevalece a intelectualidade, a inteligência constitui-se como princípio fundamental. Entretanto, a partir do momento em que, distante da qualidade, o homem descobriria como satisfazer cada um de seus desejos, critérios como a sutileza e a desvalorização de atitudes já não são estabelecidos como decorrentes da lógica estabelecida para as possíveis relações.

Nas ideias relacionadas podemos observar, com clareza e objetividade, a possibilidade de questionamento das “verdades absolutas” estabelecidas pela atuação da comunidade científica.

Se considerarmos tais ideias na constituição da Geografia da realidade e também da realidade geográfica, verificaremos que os conceitos que pretendemos definir nesta pesquisa nos permitem questionar o conhecimento sem desconsiderar a importância da ciência fundamentada nos rigores do método.

A atividade científica nos permite a busca pelo conhecimento, questionando e refletindo sobre o que é comprovado a partir da submissão de hipóteses previamente estabelecidas e que passam, após aprovação, a constituírem algumas manifestações que se aproximam do conceito de verdade.

No entanto, distante das comprovações e rigores estabelecidos no método científico, o conhecimento que se constitui a partir das experiências do **HOMEM** não pode ser conduzido a um questionamento que manifeste dúvidas em relação à sua importância.

Não há como questionar a importância do conhecimento que o homem adquire a partir de sua própria vivência. Suas experiências, sua história, seus valores são elementos presentes e decisivos em sua vida e, portanto, elementos que constituem tanto a Geografia da realidade quanto a realidade geográfica.

O conhecimento é produzido num mundo onde as relações estabelecidas entre homem e meio ambiente se constituem como fundamentais e, então, são necessárias algumas observações sobre a relação “homem *versus* natureza”, em um dos referenciais de nossa tese:

Daí todas as idiosincrasias de uma fisiologia excepcional: o pulmão que se reduz, pela deficiência da função, e é substituído, na eliminação obrigatória do carbono, pelo fígado, sobre o qual desce pesadamente a sobrecarga da vida: organizações combatidas pela alternativa persistente de exaltações impulsivas e apatias enervadoras, sem a vibrabilidade, sem o tônus muscular e enérgico dos temperamentos robustos e sanguíneos. A seleção natural, em tal meio, opera-se à custa de compromissos graves com as funções centrais, do cérebro, numa progressão inversa prejudicialíssima entre o desenvolvimento intelectual e o físico, firmando,

inexoravelmente a vitória das expansões instintivas e visando o ideal de uma adaptação que tem, como conseqüências únicas, a máxima energia orgânica, a mínima fortaleza moral. A aclimação traduz uma evolução regressiva. [...]

(CUNHA, 1984, p. 59)

Identificamos neste fragmento a relação estabelecida entre homem e espaço geográfico (natureza), no qual Cunha (1984) descreve como as características físicas do lugar submetem o homem, expresso na figura do sertanejo, a um processo de adaptação para a sobrevivência. Este texto de Euclides da Cunha representa, sobretudo, sua visão determinista, segundo a qual o homem é submetido pela natureza às condições de sobrevivência. A expressão “evolução regressiva” confirma esta condição apresentada, pois reflete a adequação do tipo humano às condições impostas pelo lugar.

A Geografia da realidade, neste exemplo, simboliza um conceito que nos permite identificar como a própria sobrevivência se torna elemento que propicia o conhecimento, na medida em que o **HOMEM** se adapta a novas condições impostas pelo lugar, superando a necessidade de verificar o que pode vir a tornar-se verdade a partir dos rigores do método científico. Decorrente da Geografia da realidade, a realidade geográfica implica na compreensão de um mundo que determina às pessoas as condições de sobrevivência. Em suma, veremos mais adiante que o homem se estabelece procurando adequar-se a um espaço já consolidado historicamente, mas, curiosamente, este espaço também se adapta a ele em alguns momentos.

A complexidade que constitui as imagens é um aspecto identificado tanto no homem quanto no espaço geográfico. Este último é constituído por diferentes elementos e, portanto, suas paisagens traduzem as imagens que elaboramos e/ou evocamos no(s) momento(s) em que nos dispomos a interpretá-lo, inseridos em seu contexto.

Se considerarmos a linguagem dos textos didáticos, a presença de informações que retratam a aceitação do homem diante de suas condições de sobrevivência pode ser compreendida como imagens que retratam a Geografia da realidade e a realidade geográfica. A *Aula 23* da apostila de Geografia – Ensino Médio (1996) – tem como tema “*Uma fronteira em movimento*”. Seu objetivo é levar ao conhecimento do aluno informações que retratam o desenvolvimento do Brasil,

um país cuja extensão territorial determina as condições de vida das pessoas, a partir de uma breve análise das relações de trabalho e também da mobilidade que este setor oferece. A agricultura é explicada e retratada historicamente, justificando a situação econômica brasileira. Sendo o homem o principal agente transformador do espaço geográfico, vale ressaltar que a abordagem sobre o trabalho (atividade humana) enfatiza tanto aspectos físicos do país quanto econômicos e sociais:

A grande propriedade rural brasileira, herdada do latifúndio escravista, foi um instrumento básico para conservar os trabalhadores e suas famílias em condições próximas à subsistência, rebaixando o nível geral de salários da economia. [...]

A concentração do capital e o crescimento econômico não repousaram apenas nos baixos salários, mas também na extraordinária intensificação da mobilidade dos trabalhadores no decorrer da História. O processo migratório interno foi responsável pelo povoamento do território nacional, que se intensificou com o processo de industrialização, avançando progressivamente para o oeste e para o norte.

O deslocamento da população para essas áreas novas, com a conquista de terras de floresta para a agricultura, é chamado de frente pioneira, porque se faz de modo mais ou menos contínuo, como uma frente, e ocupa terras novas – por isso seu caráter pioneiro.

As frentes pioneiras iniciaram-se com a expansão do café no Estado de São Paulo e avançaram em direção ao sul e ao oeste do Brasil, povoando o interior dos Estados do Paraná, Goiás, e Mato Grosso do Sul, dentre outros.

A mobilidade da população ampliou a margem de pobreza em todo o território nacional e fez emergir novos grupos sociais, que compõem o universo da sociedade brasileira. Intensificaram-se a rotatividade do emprego, que é uma das maiores do mundo, e a polivalência do trabalhador, isto é, o exercício de múltiplas tarefas ou múltiplos empregos por um mesmo indivíduo.

Essa mobilidade deve-se, de um lado, à atração exercida pelas áreas dinâmicas, com novas oportunidades de emprego e/ou de acesso à terra, sobretudo no Sudeste, nas metrópoles e, com menos intensidade, no Centro-Oeste e Norte; de outro lado, a modernização da agricultura, que liberou a mão-de-obra rural em todo o país, retirou do Nordeste o papel de fornecedor, quase exclusivo, de migrantes.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, p. 19, vol.2, grifos do autor)

Dados que representam o fragmento de texto relacionado, inicialmente apresentados em tabela, podem ser visualizados no mapa a seguir:

FIGURA 1



Fonte: Fundação Roberto Marinho, 1996, p. 19, vol.2.

Alguns aspectos merecem destaque.

Em primeiro lugar, a possibilidade de oferecer ao leitor informações que se constituem como “precisas”, “exatas” e, até mesmo, incontestáveis. Os dados expressos nos mapas apresentados significam, sobretudo, a associação que os diversos “leitores do mundo”, leigos, em sua maioria, realizam em relação à disciplina Geografia ensinada nas escolas: é a disciplina que se encarrega de oferecer o conhecimento por meio, principalmente, de mapas. Esta condição limita as inúmeras possibilidades de (re)leitura e (re)interpretação do conhecimento. Sua característica principal é apresentar ao leitor a informação que concretiza a visualização de informações já “organizadas”.

Neste sentido, é necessário que se observe que o uso do material impresso deve ser, certamente, questionado pelos educadores. Em linhas gerais, se o livro didático pode ser considerado um elemento que configura o ensino à distância, é necessário também que se compreenda que a distância não deve prevalecer no processo de (re)construção do conhecimento.

A manifestação desta distância ocorre quando verificamos que a realidade do leitor nem sempre corresponde à realidade dos autores dos textos. Confirmando a presença de diferentes visões do mundo, temos em cada “leitor do mundo” um

HOMEM capaz de absorver informações que correspondam às suas peculiaridades, assegurando sua individualidade e, portanto, conferindo importância diante dos fatos que constituem o mundo.

Buscando informações em referenciais que nos permitissem uma melhor compreensão, foi possível identificá-las nas ideias expressas por Besse (2006, p.72, grifos do autor), quando este afirma que “nesta perspectiva, a geografia parece se definir *inicialmente* (mesmo se ela não é unicamente isto) como uma arte de percepção visual”.

Em outras palavras, podemos interpretar as ideias apresentadas como a utilização de imagens na condição de elementos que transmitem a informação sem a necessidade de quaisquer considerações acerca de sua simbologia e significado. Contrariamente, nosso questionamento aponta para a necessidade de compreensão de uma realidade transmitida em sociedades grafocêntricas, com o emprego da escrita, que pode “reduzir”, limitar a compreensão quando se constitui na dificuldade de interpretação.

Retomando a interpretação do fragmento de texto que nos permite verificar a abordagem da apostila editada em 1996, podemos afirmar que seu conteúdo identifica a realidade de uma grande parcela da população brasileira e apresenta tais condições de sobrevivência como fundamentais na constituição de uma hierarquia social já estabelecida em nosso país. Podemos compará-la com os fragmentos já apresentados da apostila editada em 1989. Assim, num intervalo de tempo correspondente a sete anos, que denominamos “espaço de tempo”, as imagens que elaboramos e/ou evocamos determinam uma realidade que impõe a aceitação e a passividade. Então, aceitação e passividade se tornam elementos de análise que caracterizam os possíveis resultados de uma realidade à qual o **HOMEM** não se adapta, mas se submete a formas de sobrevivência “impostas” em determinadas circunstâncias. Como produto desta ação, temos as visões do mundo que representam a forma de compreensão e (re)interpretação da realidade do “*leitor do mundo*”.

Estabelecendo uma comparação com imagens apresentadas na apostila editada em 1989, observamos que a aceitação e a passividade são elementos presentes nas imagens apresentadas. Enquanto na edição de 1996 os dados apresentados para demonstrar a “mobilidade da população” são expressos em mapas, mas caracterizados a partir da descrição da atividade latifundiária, temos na

imagem da edição anterior a imagem de trabalhadores em condições de trabalho que, certamente, podem ser consideradas indignas. Neste sentido, tais imagens podem ser consideradas elementos que expressam uma outra proximidade: a proximidade estabelecida entre a imagem apresentada e a descrição do sertanejo euclidiano na condição de “vaqueiro do norte”, conforme apresentamos neste trabalho. Trata-se de um tipo humano submetido às mais difíceis condições de sobrevivência. No entanto, reage às dificuldades enfrentando as agruras e acreditando que conseguirá vencer os diversos empecilhos que surgirem:

FIGURA 2



Fonte: Fundação Roberto Marinho, 1989, p.28

Além da imagem apresentada, notamos a presença de uma informação escrita que contradiz nossas afirmações. Enquanto os dados apresentados por meio dos mapas utilizados na edição de 1996 não nos permitem muitas indagações, a imagem da edição de 1989 nos propõe a possibilidade de questionamento, já que pode ser compreendida como “mais forte” do que a escrita e, geralmente, se não há um bom trabalho sobre o conteúdo abordado, a informação escrita pode, simplesmente, não prevalecer. Geralmente, a leitura de um texto escrito se constitui como um “ato cansativo” e, por este motivo, não atrai os indivíduos, em sua maioria.

Associando as informações escritas com a imagem dos mapas e também a imagem dos trabalhadores rurais, observamos que a compreensão e a (re)interpretação das informações se constituem na possibilidade de elaboração e/ou evocação de imagens que, então, caracterizam as diferentes visões do mundo.

Goldmann (1991, p.17) dá o embasamento necessário às nossas reflexões quando afirma:

[...] não é um dado empírico imediato, mas, ao contrário, um instrumento conceitual de trabalho, indispensável para compreender as expressões imediatas do pensamento dos indivíduos.

A visão do mundo, então, tem sua importância pelo fato de se constituir como elemento que, de forma tão subjetiva quanto as próprias imagens, determina a compreensão e a (re)interpretação do pensamento humano, assegurando a complexidade como condição de análise na observação da realidade e, portanto, se faz presente para a constituição da Geografia da realidade e da realidade geográfica.

Nesta perspectiva, a Geografia tradicional é retomada na presença de imagens que constituem a Geografia da realidade: uma Geografia que expressa a condição de vida do homem considerada “verdadeira” – e porque não mais correta se comparada à outras – no mundo. Diferentes visões do mundo constituem essa realidade e asseguram as dinâmicas relações presentes no mundo.

Estas visões do mundo se manifestam na (re)interpretação que o leitor pode vir a ter quando se encontra em contato com as informações que passam a constituir sua realidade. Na medida em que o telealuno se submete a participar do Programa de Educação à Distância TC 2000, aceitando as aulas para a possível aquisição do certificado, se submete também a observar valores e padrões que são inculcados, impostos a partir do conhecimento (re)transmitido, legitimado e, portanto, aceito universalmente. Nos dizeres de Apple (1997), estamos diante do conhecimento oficial.

Uma visão sobre sua própria condição de telealuno pode estabelecer a presença de imagens que asseguram sua distância das diferentes oportunidades que possam constituir sua realidade. Temos uma visão determinada a partir de imagens que procuram estabelecer padrões e valores inerentes a uma lógica já estabelecida.

Sendo, em maioria, operários das indústrias, os telealunos adquirem uma forma de compreensão do mundo em que vivem pautada na lógica capitalista, na qual prevalece a divisão do trabalho, classificando-os hierarquicamente em pessoas que “pensam” e pessoas que “fazem”. Certamente, a visão dos autores dos textos

aos quais nos referimos neste momento não é a mesma dos telealunos: enquanto os telealunos “ocupam” a classe das pessoas que “fazem”, os autores ocupam a classe das pessoas destinadas a “pensar”. Tal condição reflete a imagem de uma sociedade dual, elitista, da qual resulta uma escola também constituída a partir destas condições.

Na busca pelo conhecimento, o método científico procura identificar certezas para a superação das dúvidas. Por isso, compreendemos que se o referido método fosse, realmente, a manifestação de uma verdade absoluta e incontestável, conceitos como Geografia da realidade e realidade geográfica não seriam identificados para a concretização desta tese.

Compreender as imagens que elaboramos e/ou evocamos quando interpretamos a realidade, a partir de informações contidas nos textos, torna-se condição que permite comparar e observar uma realidade fundamentada em visões e posturas estabelecidas e mantidas por muito tempo, confirmando a presença das diferentes visões do mundo. Esta “diversidade”, expressa nas diferentes formas de compreensão e (re)interpretação da realidade, nos permite identificar o dinamismo que caracteriza a atividade científica.

Então, se considerarmos novamente as idéias de Kuhn (2006, p.44, grifos do autor), podemos identificar que o autor aponta a necessidade e a importância do questionamento realizado pela comunidade acadêmica, que, mesmo tomando como referência os rigores do método científico, observa “possível falha” na confirmação de hipóteses que constituem as investigações realizadas:

[...] um paradigma pode ser limitado, tanto no âmbito como na precisão, quando de sua primeira aparição. Os paradigmas adquirem seu *status* porque são mais bem sucedidos que seus competidores na resolução de alguns problemas que o grupo de cientistas reconhece como graves. Contudo, ser bem sucedido não significa nem ser totalmente bem sucedido como um único problema, nem notavelmente bem sucedido como um número.

Se novos paradigmas podem sofrer com a aceitação, quando são apresentados, a interpretação da realidade a partir de imagens que expressam uma “adequação” da ciência geográfica e seus diferentes campos do conhecimento também não são algo simples ou de fácil aceitação.

A (re)interpretação da realidade que se manifesta a partir da compreensão dos conceitos que constituem o título desta tese nos direciona à elaboração e/ou

evocação de imagens que diferem entre si pelo simples fato de caracterizarem, ou melhor, concretizarem as diferentes visões do mundo apontadas nesta abordagem. O que é significativo para um, talvez não tenha a mesma ou nenhuma representatividade e importância na compreensão de outro indivíduo. Para (re)interpretar sua realidade, o leitor não necessita previamente conhecer o que lhe é apresentado a partir de informações consideradas universalmente aceitas. Em outras palavras, determinar a existência de uma Geografia da realidade impõe ao leitor uma série de interpretações de sua própria realidade, dissociada da interpretação dos conceitos geográficos aceitos no mundo acadêmico. Assim, a (re)interpretação da Geografia da realidade pressupõe a ocorrência da realidade geográfica.

Uma “nova realidade emerge” na medida em que avançamos na busca pela compreensão dos fatos que constituem a busca pela certeza – “provisória” – já descrita como elemento que caracteriza o conhecimento científico. Porém, a subjetividade e a complexidade inerentes às imagens – nosso objeto de estudo – definem sua peculiaridade: correspondem ao dinamismo expresso nas relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico, mesmo que os escritos que lhes originaram retratem a necessidade de imposição da aceitação e da passividade do homem frente às condições de sobrevivência.

Sendo a ciência geográfica uma ciência que ultrapassa o tempo, sem perder sua importância e adequando-se às diferentes épocas, as visões do mundo se manifestam assegurando a pluralidade de ideias que constitui o pensamento humano. Em decorrência desta condição, observamos que tanto as visões do mundo quanto a ciência possuem características próprias, comuns, que lhes garantem a aceitação ou a contestação, de acordo com o momento histórico em que se manifestam. As imagens constituem um objeto de estudo que se caracteriza pela variabilidade que observamos em relação à sua manifestação, pois, se representam diferentes visões do mundo, expressam valores e (re)interpretações comuns a cada época. A ciência, por sua vez, também nos permite a identificação de momentos em que há reflexão acerca de novas ideias no mundo acadêmico. Afinal, novas ideias são como novas imagens ou, então, podemos compreender novas imagens como o reflexo de novas ideias. Se relacionarmos tais considerações com a trajetória da ciência geográfica, podemos apoiar nossas reflexões nas ideias expressas por Moraes e Costa (1984, p. 19), ao afirmarem que:

O movimento da renovação da ciência geográfica não pode, todavia, viver só da crítica às formulações tradicionais. Nenhuma ciência substantiva-se apenas pela negação. A Geografia positivista, na verdade, conheceu contestações vindas do próprio campo dos geógrafos no decorrer de sua história. [...]

Ao apresentarem, sucintamente, as condições de renovação da Geografia tradicional, Moraes e Costa (1984) nos conduzem à confirmação das interpretações que a aceitação de novas ideias ocasiona no meio acadêmico. Ao permitir a aceitação de novos paradigmas, a ciência propõe a possibilidade de “renovação”, usando então o que denomina “refutabilidade”, e permite a incorporação de novas ideias, da mesma forma que buscamos conceituar e definir a Geografia da realidade e também a realidade geográfica. Um aspecto importante e que deve ser ressaltado se refere à condição de não aceitarmos apenas a simples negação dos fatos observados, como forma de questionamento que induz à busca de novas explicações. Esta foi uma das argumentações dos autores e que, em nosso entendimento, deve ser abandonada. Negar, simplesmente, não implica no estabelecimento de novas ideias, de novas interpretações da realidade. Seria muito simplista afirmar que uma Geografia da realidade e uma realidade geográfica existem porque a Geografia tradicional positivista impõe a forma de interpretação do que observamos no espaço geográfico.

À Geografia da realidade e à realidade geográfica reservam-se peculiaridades inerentes ao pensamento humano, atividade cognitiva que nos diferencia de outros animais. Somos raros, únicos, e as imagens também assumem esta singularidade quando se constituem a partir de nossa (re)interpretação do espaço geográfico. Entretanto, temos nas imagens tanto a aceitação quanto a negação do que nos é “apresentado” como representação simbólica do conhecimento.

Quando (re)interpretamos a realidade, estabelecemos uma verdadeira conexão entre diferentes pensamentos. Tal característica é muito próxima da condição necessária à atividade científica. Portanto, se o conhecimento acadêmico, científico, é conduzido a processos exaustivos que procuram confirmar sua importância e veracidade, é necessário que busquemos apoio para nossos argumentos. Nesse caso específico, apoiamo-nos nas ideias de Capra (2005, p.49), quando afirma que:

A visão do mundo e o sistema de valores que estão na base de nossa cultura, e que têm de ser cuidadosamente reexaminados, foram formulados em suas linhas essenciais nos séculos XVI e XVII. Entre 1500 e 1700 houve uma mudança drástica na maneira como as pessoas descreviam o mundo e em todo seu modo de pensar. A nova mentalidade e a nova percepção do cosmo propiciaram à nossa civilização ocidental aqueles aspectos que são característicos da era moderna. Eles tornaram-se a base do paradigma que dominou a nossa cultura nos últimos trezentos anos e está agora prestes a mudar.

Observando e (re)interpretando a realidade, encontramos-nos diante de novas manifestações que, conseqüentemente, integram o mundo. Na medida em que avançam as relações estabelecidas entre homem e meio ambiente, avançam também as formas de compreensão da realidade em que nos encontramos inseridos. Nesse sentido, Capra (2005) nos aponta a modificação da mentalidade e a nova percepção do cosmo como elementos essenciais à consolidação da modernidade.

Com a modificação na forma de (re)interpretação da realidade e do próprio mundo, a realidade geográfica vista sob a ótica cartesiana, que ainda prevalece na ciência atual, torna-se um conceito “defasado”. Associamos esta defasagem do conceito à defasagem apontada por Capra (2005) em relação aos valores culturais que possuímos como fundamentação de nossa sociedade. Tal condição implica, necessariamente, na busca pela aceitação do “novo”. Buscar a interpretação de uma nova realidade é, sobretudo, permitir que esta “renovação” apontada e proposta pelo autor prevaleça. Para tanto, não basta identificarmos esta realidade geográfica como conceito que decorre do conceito de Geografia da realidade e que se manifesta em nossas imagens, em nossas visões do mundo.

Estas colocações impõem uma nova possibilidade de interpretação do mundo. As relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico são identificadas nas imagens e podem, sim, estarem submissas, ou melhor, submetidas às nossas diferentes interpretações. Esta afirmação tanto nos conduz ao conhecimento da realidade como uma atividade “rotineira”, imposta a partir das situações que vivemos em nosso cotidiano, sem rigorosos questionamentos, quanto ao conhecimento que buscamos como fundamentação para a explicação da realidade, satisfazendo os rigores que caracterizam e constituem o método científico.

Generalizar o conhecimento e torná-lo comum significa permitir às pessoas a aquisição de novas informações e, portanto, a possibilidade de novas

(re)interpretações da realidade. Neste sentido, podemos novamente afirmar o surgimento de imagens elaboradas e/ou evocadas a partir de tais (re)interpretações, fato que se distancia de uma generalização, pois tais interpretações são estabelecidas a partir das compreensões individuais.

Apesar da contrariedade expressa nesta afirmação, a generalização do conhecimento não pode ser considerada uma atitude próxima do senso comum. Assim considerado, o conhecimento deixaria de lado sua importância no meio acadêmico para, simplesmente, constituir o mundo sem indagações, sem novas proposições para o pensamento humano. Se o método científico sistematiza o conhecimento, o senso comum pode, por vezes, se tornar incapaz de promover possíveis respostas diante da exigência de exatidão e fidedignidade, situando-se numa esfera distante da realidade pretendida. Além disso, a generalização é necessária para que as (re)interpretações da realidade observada e vivida se concretizem, fomentando a constituição, a elaboração e/ou a evocação das imagens a partir da atividade cognitiva (humana). No entanto, tais afirmações nos permitem observar que o ensino da Geografia implica na constituição de um conhecimento que pode ser considerado amplo e, até mesmo, completo. Compreendê-lo como amplo significa compreender sua integração com as diversas áreas do conhecimento. A ciência geográfica utiliza outros ramos do conhecimento como apoio para sua consolidação. Temos, neste sentido, a possibilidade de reconhecer a importância de ciências como a Sociologia, a Economia, a Antropologia, entre outras, para a constituição do conhecimento geográfico.

Repleto de imagens, o conhecimento geográfico se constitui como primordial ao (re)conhecimento do mundo e, assim, pode ser considerado “completo” pelo fato de reunir abordagens referentes às ciências apontadas anteriormente. Em nosso entendimento, a imagem não pode ser compreendida apenas como símbolo, manifestação ou forma de representação de ideias. Temos na imagem a manifestação de aspectos pertinentes à natureza humana, tão complexa e subjetiva quanto o próprio mundo.

Neste momento, procuramos esclarecer quem é o leitor considerado para analisar as imagens identificadas a partir das diferentes visões do mundo, presentes nas diferentes formas de (re)interpretação do conhecimento, pois decorrem de suas (re)leituras e (re)interpretações as imagens que constituem nosso objeto de estudo.

1.3. Quem é nosso leitor?

Com a intenção de identificar quais imagens elaboramos e/ou evocamos quando estamos em contato com diferentes tipos de texto, compreendemos a necessidade de esclarecimento sobre um elemento fundamental à concretização de nossa pesquisa e identificação de nosso objeto de estudo: *quem é o nosso leitor?*

*Seria apenas o leitor expresso na figura do aluno do Telecurso 2000 – também denominado telealuno? Seria todo e qualquer **HOMEM** que se propõe a conhecer a partir da informação obtida via texto?*

Na realidade, nossa pesquisa não procura estabelecer quaisquer considerações sobre “*quem é o leitor*”, a partir de coleta de dados ou mesmo de documentos que comprovem as suposições apresentadas como argumentos para a realização desta tese. Temos na figura do leitor todo e qualquer **HOMEM** disposto a desvendar os caminhos do conhecimento a partir de uma leitura própria, capaz de lhe permitir a identificação de valores, de condições de conhecimento que manifestam sua visão do mundo e, por este motivo, considerada “geográfica”. Eis um primeiro elemento para a constituição dos conceitos que abordamos no título desta tese: Geografia da realidade e realidade geográfica.

A interpretação dos textos, como fonte de informação e condição de consolidação de imagens que traduzem e representam estes conceitos, torna-se inquestionável e também indispensável, na medida em que observamos que um texto pode, simplesmente, ser compreendido como elemento construtor da realidade, devido ao seu caráter histórico.

Diante de tais colocações, é necessário observarmos que consideramos, entre os tipos de texto, as apostilas de Geografia do Programa de Educação à Distância TC 2000 como exemplo de texto didático, encarregado da (re)transmissão do conhecimento na consolidação da educação formal oferecida nas escolas, constituindo o que deve ser compreendido por saber legitimado.

Considerando que a referida proposta tem como metodologia a Educação à Distância, por meio de “teleaulas” que devem ser acompanhadas pelos telealunos com o apoio dos textos, o livro didático se encontra, atualmente, compreendido como um material considerado “antigo”, em desuso na maioria das escolas. No entanto, nos encontramos diante de um material que ainda é o único em muitas localidades, além de se constituir como elemento de educação à distância, a

exemplo da proposta mencionada. Tal característica pode ser compreendida quando observamos a possibilidade de estudo que o livro didático oferece aos leitores mais “disciplinados”: seguindo sua proposta de leitura e execução de atividades, o leitor tem a possibilidade de atingir os objetivos pretendidos que, comumente, se resumem na capacidade de aquisição do conhecimento construído historicamente, a partir da realização de atividades propostas sem a orientação de alguém que lhe oriente.

Para uma melhor compreensão, podemos fundamentar nossas reflexões nas ideias expressas por Pellegrini (1999, p. 152), que afirma que “o modo pelo qual o leitor recebe o texto e (re)constrói seu sentido é função de seu lugar na sociedade”. Assim, podemos considerar que a visão do mundo inerente à constituição do **HOMEM** se forma a partir da interpretação de sua própria realidade, expressa em seu cotidiano e, portanto, em suas experiências. Conforme destaca Goldmann (1991, p.20):

Uma visão do mundo é precisamente êsse [sic] conjunto de aspirações, de sentimentos e de idéias que reúne os membros de um grupo (mais freqüentemente, de uma classe social) e os opõe aos outros grupos.

Diante das reflexões, verificamos que elas nos apresentam a possibilidade de compreensão da realidade a partir das próprias vivências do homem em coletividade. Nesta perspectiva, a visão do mundo é um elemento que nos permite identificar que sua constituição não ocorre a partir de uma (re)leitura simplista da realidade. Implica na observação de diversos elementos, que asseguram, por sua vez, a complexidade que identificamos tanto no **HOMEM** quanto nas imagens.

União e oposição se tornam, neste momento, elementos de análise que estão presentes em nossa tese quando nos deparamos com as inúmeras possibilidades de ocupação de um lugar na sociedade, conforme observamos em Pellegrini (1999).

Esta posição social ocupada pelo **HOMEM** determina, então, sua forma de ação, e reafirma o que já abordamos anteriormente: divide os indivíduos que pertencem a uma classe social naqueles que “pensam” e naqueles que “executam”.

Relacionando tal afirmação com a identificação do “tipo de leitor” que consideramos nesta tese, temos na figura do escritor Euclides da Cunha um representante da “*intelligentsia*” brasileira. Seria reservada a ele a imagem de um

HOMEM pertencente à classe dos indivíduos destinados ao ato de “pensar”. Então, tomando o leitor como referência para nossas reflexões, consideramos que o contato com o conhecimento lhe permite uma nova busca, que, muitas vezes, se traduz na possibilidade de pertencer a uma classe social diferente daquela que constitui sua realidade.

Por sua vez, a presença notória da imagem elaborada como produto, a partir deste referencial – a realidade –, traduz a importância do mundo, do espaço geográfico na compreensão do conhecimento. Temos nas imagens a possibilidade de (re)interpretação de uma realidade constituída a partir da interferência do homem no espaço geográfico. Neste sentido, podemos observar a importância das imagens originadas a partir da interpretação textual:

A construção textual nos permite trabalhar ainda a forma de imagens na leitura, desvendando a capacidade dos recursos lingüísticos de concretizar significados ao mesmo tempo em que os disseminam. Ou seja, numa simples descrição ou no uso de complexas metáforas e metonímias, o texto verbal pode conter a força de uma imagem propriamente dita.

(WALTY; FONSECA; CURY, 2006, p.9)

Em outras palavras, o processo de interpretação de diferentes tipos de texto nos possibilita a compreensão de uma realidade que, mesmo construída historicamente, se manifesta na presença de imagens singulares, particulares, próprias a cada leitor.

Como a realidade expressa o dinamismo do mundo, tal realidade não se configura da mesma maneira em todos os momentos, da mesma forma que o leitor não é o mesmo nas diferentes épocas e diferentes circunstâncias. Então, este leitor pode ser identificado na presença de “um público basicamente urbano, formado pelos estratos mais escolarizados: estudantes, professores, jornalistas, artistas, sociólogos, economistas, etc.” (PELLEGRINI, 1999, p. 153).

Relacionando tais ideias com a ciência geográfica, notamos uma semelhança entre as informações que constituem a compreensão do leitor e as informações obtidas a partir do conhecimento geográfico e científico, a possibilidade de uma abordagem ampla, capaz de contemplar a diversidade presente no mundo e, principalmente, as diferentes áreas do conhecimento. Em relação ao leitor, podemos identificar tal condição na constituição do público identificado e citado pela autora. No tocante à Geografia, não podemos nos esquecer que é uma ciência que busca

apoio em outras áreas para consolidar e até mesmo justificar suas afirmações e proposições.

Temos na figura do leitor um **HOMEM** que se propõe a interpretar, a decodificar o mundo. A partir do conhecimento, as leituras se constituem como elementos de fundamental importância para a constituição do objeto de estudo considerado: as imagens. Por este motivo, podemos afirmar que “toda e qualquer escrita, em maior ou menor grau, se oferece à reconstituição criativa de seus leitores. O leitor seria a instância onde as múltiplas escrituras, que formam o texto, se reúnem” (WALTY; FONSECA; CURY, 2006, p.73).

Entre tantas observações, ao olhar que direcionamos à interpretação do mundo cabe uma importante verificação: nos submetemos a uma realidade que construímos e que, muitas vezes, não compreendemos.

A subjetividade e a presença de elementos que interferem na capacidade humana de percepção se sobrepõem à constituição de nosso conhecimento. Tomados por situações vividas, experimentamos fontes de informação que diferem entre si; ora porque promovem o acesso a um conhecimento de forma rápida, ora porque nos remetem a práticas consideradas, por muitos, ultrapassadas.

A leitura de um texto, muitas vezes, é associada a tarefas escolares. Como não poderia deixar de ser, a figura do leitor que identificamos em nossa tese também se constitui sob esta ótica. Por isso, enquanto instituição social na qual se concretiza o processo de (re)transmissão do conhecimento, a escola é associada, também, a uma imagem originada a partir da (re)leitura que fazemos de sua função: a imagem da ordem que deve se sobrepor à imagem do caos.

Manter a ordem significa, neste contexto, estabelecer um padrão a ser seguido para que as diferentes situações que constituem a realidade vivida pelos envolvidos no contexto escolar não “fujam” ao controle necessário.

Os textos das apostilas de Geografia do TC 2000 contribuem com esta condição, pois, de certa forma, são elaborados de modo a estabelecerem a possibilidade de uma leitura que induz a outra imagem que também associamos nesta tese: a imagem da aceitação.

Procuramos um leitor que contrarie esta condição e, por isto, o leitor considerado para a realização desta tese se manifesta na figura de um **HOMEM** dinâmico, que atua no espaço geográfico e, portanto, interfere tanto na sua própria realidade quanto na realidade alheia, pois não podemos desconsiderar que seu

dinamismo é condição indispensável para as transformações observadas neste mesmo espaço. Podemos, então, concordar com algumas considerações sobre a correspondência que pode ser estabelecida entre as imagens e a leitura:

Ler a imagem, construindo um texto verbal? Ou ler um texto verbal, construindo imagens? Eis um desafio que se corporifica neste mundo, marcado pela proliferação das imagens, que continuamente nos bombardeiam [...] os bens simbólicos produzidos pelo homem em sociedade codificam-se de diversas formas que mantêm uma relação estreita entre si e se expressam no que se convencionou chamar semiótica cultural, rede ampla de significações. Imagens, sons, gestos, cores, expressões corporais formam-se signos abertos à decodificação. Neste sentido, reitera-se, a recepção desses bens simbólicos pode ser vista como leitura, na medida em que todo recorte na rede de significações é considerado um texto.

(WALTY; FONSECA; CURY, 2006, p. 89-90)

Atribuindo sentido à realidade identificada na vida das pessoas, um texto possui a capacidade de expressar uma vasta gama de sentimentos e valores que constituem a realidade. Próximos da realidade do **HOMEM**, os textos considerados para a realização desta tese se manifestam como elementos fundamentais desta análise e da constituição das imagens que identificam a Geografia da realidade e a realidade geográfica.

Considerando as reflexões realizadas até o presente momento, retomamos nossas considerações sobre o **HOMEM** – “sertanejo euclidiano” e “sertanejo aluno do TC 2000” – a partir da análise apresentada no Quadro 01, abaixo relacionado, para uma melhor compreensão do leitor desta tese:

QUADRO 01: Comparação entre os tipos sertanejos⁴

“SERTANEJO EUCLIDIANO”	“SERTANEJO ALUNO DO TC 2000”
Combatente: seu inimigo é expresso pelas condições de sobrevivência impostas pela vida.	Combatente: seu inimigo é a dificuldade de melhoria nas condições de sobrevivência.
Dinâmico: sua coragem eleva sua dignidade e honra.	Dinâmico: sua coragem é reduzida diante das dificuldades econômicas que enfrenta (desemprego).
Profunda relação afetiva com seu “lugar de origem”, mantida mesmo quando forçado a abandoná-lo.	Valoriza seu “lugar de origem”, mas deixa de acreditá-lo, migrando para outras regiões.
Ameaçados pela “tecnologia” das armas do exército (Estado), transformam-se em guerrilheiros.	Seduzido pela tecnologia presente nas diferentes manifestações da modernidade dos grandes centros urbanos.

Fonte: Cunha (1984), Fundação Roberto Marinho (1996); Org.: Belo, Evelyn Monari (2004).

⁴ In: Belo, E. M. (2005, p.56).

A partir das informações obtidas no quadro explicativo, é possível observar como a vida dos sertanejos identificados em estudos que realizamos para a dissertação de mestrado pode ser compreendida manifestando a presença de realidades “diferentes”. Tal fato concretiza a diferença de visões do mundo observadas em tais realidades e, por este motivo, nos encontramos diante do questionamento inicial: *temos a partir da elaboração de tais imagens uma Geografia da realidade ou uma realidade geográfica?*

Se tomarmos como referência a Geografia da realidade, podemos observar que nos encontramos diante da possibilidade de elaboração e/ou evocação de imagens associadas diretamente às dificuldades e/ou facilidades que constituem tanto a rotina do “sertanejo euclidiano” quanto do “sertanejo aluno do TC 2000”. Entre semelhanças e diferenças, ambos podem ser considerados “leitores do mundo”, pois expressam em sua vivência a experiência, o conhecimento obtido via “contato direto” com o mundo.

Considerando como leitores em contato com materiais impressos e, portanto, escritos, não apenas os “telealunos” – como são denominados os alunos na proposta pedagógica considerada (TC 2000) – mas todos os que possuem acesso à leitura de quaisquer tipos de textos selecionados para a análise – didático, literário e científico –, confirmamos o que relacionamos anteriormente: a leitura de um texto permite ao leitor a elaboração de imagens a todo o momento, e esta condição se torna presente na realização de qualquer leitura, de qualquer informação apresentada em forma de representação gráfica escrita. Em sociedades grafocêntricas como a nossa, a importância do registro escrito é inquestionável.

Sabendo que a definição de texto tem sua origem no verbo tecer, temos nos diferentes tipos de texto um verdadeiro emaranhado de ideias, que impulsionam e originam todo o processo de imaginação, assegurando a elaboração e/ou evocação de imagens que constituem nossa realidade. No entanto, não podemos desconsiderar a importância de interpretações de registros que, não se constituindo como representações gráficas – escrita – se constituem a partir da interpretação de imagens que, então, compõem diversos símbolos: letras e números são elementos fundamentais para a manifestação de qualquer cultura, pois ultrapassam os limites da capacidade de abstração humana e constituem a linguagem, seja ela escrita ou oral. Assim, interpretar o **HOMEM** a partir das informações que detectamos como

características e critérios expressos no Quadro 01, por exemplo, implica, necessariamente, na interpretação da realidade.

Podemos, neste momento, retomar uma questão proposta no início deste capítulo: *qual é essa realidade?* Subentendemos que a resposta se encontra implícita na constituição dos conceitos que abordamos como foco central do estudo proposto e, então, compreendemos a importância da interpretação da realidade a partir da leitura por diferentes imagens. Cada imagem, por sua vez, nos remete a observar que a:

[...] constituição literária [...] possui um grau muito maior de abertura que constitutivamente a define como plurissignificativa. [...] Se essa capacidade de se expandir em diferentes leituras é própria do literário, não lhe é exclusiva [...] os textos ocupam um lugar na tradição, seja ou não literária, com a qual se estabelecem relações quando se escreve ou se lê.

(WALTY; FONSECA; CURY, 2006, p.73)

Nas ideias relacionadas, podemos considerar a importância atribuída à interpretação de um texto por todos os que se submetem à condição de leitores. Temos, nestas argumentações, a presença da compreensão da realidade a partir de conceitos próprios, que, de certa forma, poderiam até ser considerados produtos, ou seja, imagens de uma realidade construída a partir da (re)construção do conhecimento. Por este motivo, um texto científico é o apoio para a verificação de uma realidade elaborada, constituída a partir de fatos que são peculiares a cada indivíduo, tornando esta realidade constituída a partir de observações e sensações presentes em um mundo subjetivo, mas que se concretiza a partir do momento em que nos dedicamos à compreensão do espaço em que vivemos. Podemos, inclusive, tomar como exemplo de texto científico os fragmentos que selecionamos para fundamentar nossas reflexões apresentadas nesta tese.

Complementando a apresentação da necessidade de um texto científico ser considerado como contraponto das discussões propostas nesta tese, a visão do mundo se torna presente neste momento, quando nos encontramos diante de reflexões que transmitem sua importância na elaboração de textos. Em outras palavras, o autor ou escritor também é um leitor de sua obra e, principalmente, de sua realidade. Também elabora e/ou evoca imagens que simbolizam seu pensamento. A complexidade que se manifesta em tais imagens também se faz presente em nossa (re)interpretação. Porém:

[...] nem tudo o que um autor escreveu tem a mesma importância para a compreensão de sua obra. Há textos que se explicam pelos acasos particulares da vida do autor e que como tal apresentam, quando muito, um interesse [sic] biográfico: há os textos *essenciais* sem os quais a obra é incompreensível. [...] Encontramo-nos diante de uma das manifestações da dificuldade fundamental de todo trabalho científico: a distinção entre o essencial e o acidental [...].

(GOLDMANN, 1991, p.11, grifos do autor)

O que seria, então, o essencial e o acidental na proposta de (re)leitura do mundo a partir das imagens que elaboramos e/ou evocamos quando nos propomos a “ler” a realidade que vivemos, na qual são concretizadas nossas experiências?

Retomando nossas reflexões observamos que, tradicionalmente, os registros escritos são, na maioria das vezes, mais importantes e valorizados do que o conhecimento (re)transmitido oralmente. Tal afirmação pode ser observada nas impostas situações de leitura que se concretizam nas escolas e, assim, acabam por deteriorar uma prática que, por vezes, deveria impulsionar a imaginação, criando e recriando imagens que permitem o livre acesso ao conhecimento e o livre arbítrio diante das possibilidades de (re)interpretação da realidade:

É preciso ler. soa como declaração de princípio para os ouvidos adolescentes. Por mais brilhantes que sejam as demonstrações... nada mais do que uma declaração de princípio.

Aqueles entre os nossos alunos que descobriram o livro por outros meios continuarão simplesmente a ler. Os mais curiosos entre eles guiarão suas leituras pelos fanais de nossas explicações mais luminosas.

Entre aqueles que não lêem, os mais espertos saberão aprender, como nós, a *rodear o assunto*: serão excelentes na arte inflacionária do comentário (leio dez linhas, produzo dez páginas), na prática jívoro da ficha (percorro 400 páginas, reduzo a cinco), na pesca à citação judiciosa (nesses pequenos manuais de cultura congelada disponíveis em todos os comerciantes de sucessos), eles saberão manejar o escapelo da análise linear e se tornarão especialistas na sabida cabotagem por entre os “textos escolhidos” que leva seguramente ao vestibular, à graduação, mesmo à admissão aos

concursos... mas não necessariamente ao amor pelos livros.

Sobram os outros alunos.

Aqueles que não lêem e que se aterrorizam logo cedo com as emanções do *sentido*.

Aqueles que se crêem burros...

Para sempre privados de livros...

Para sempre sem resposta...

E logo sem perguntas.

(PENNAC, 1993, p.93-94, grifos do autor)

Os argumentos apresentados pelo autor relacionado anteriormente nos induzem a compreender a importância associada à escrita para uma sociedade que tem nos registros escritos a base de sua história e, portanto, de sua cultura.

Assumindo a condição de leitores, observamos que prevalece, em muitos momentos, a imagem de um **HOMEM** que pratica a leitura obrigatoriamente. Que pensa obrigatoriamente. Que interage com os registros escritos obrigatoriamente. Que não formula suas próprias ideias porque suas ações resultam da obrigação a ser desempenhada em seu cotidiano. Em poucas palavras, as afirmações transcritas nos remetem a refletir sobre a ordem imposta socialmente, que nos induz a ações que nem sempre correspondem aos nossos desejos e vontades, mas acabam determinando e caracterizando nossa realidade. Então, quando retomamos a questão “*qual é essa realidade?*”, nos encontramos diante de situações que nos permitem identificar uma realidade constituída a partir de imagens de aceitação e submissão a uma vida marcada pelas condições e imposições. Não se permite o ato de sentir o que a vida pode proporcionar a partir de observações e experiências, anulando-se então o verdadeiro sentido de compreensão da realidade que se manifesta, neste contexto, na impossibilidade de uma leitura prazerosa.

Retomando nossas reflexões sobre “*quem é o leitor?*” presente em nossa abordagem, se tomarmos como referência tanto o “sertanejo euclidiano” quanto o “sertanejo aluno do TC 2000”, verificaremos que ambos possuem uma cultura repleta, rica em elementos tradicionais e, mesmo sem estabelecerem profunda relação com a cultura do “registro escrito” e do “hábito da leitura”, também sobrevivem em uma sociedade grafocêntrica, que fundamenta seu conhecimento na comprovação de fatos a partir do uso do método científico, rigoroso e certo.

Quando nos propomos a investigar como, de que forma as imagens constituem a realidade e, conseqüentemente, a vida das pessoas, não podemos desconsiderar que nosso objeto de estudo nos permite interpretações diversas, que acabam por sugerir a valorização da experiência do **HOMEM** e, portanto, de sua percepção sobre o meio. Assim, podemos observar que “a imagem pode se desenovelar dentro de uma descrição infinita e uma contemplação inesgotável” (DURAND, 2004, p.10), reafirmando o sentido de emaranhado de ideias proposto pela interpretação de um texto.

A importância que atribuímos ao nosso objeto de estudo – as imagens – não se origina em decorrência do acaso. Entre a leitura de um texto e o ato de assistir a um programa televisivo, por exemplo, existe uma preferência acentuada em relação ao segundo elemento. Por este motivo, a pesquisa que fundamentou a realização da dissertação de mestrado nos permitiu identificar como os telealunos

apreciavam as imagens que constituem as teleaulas de Geografia, e não os textos das apostilas que acompanham a apresentação dos conteúdos expostos com a utilização das fitas VHS. Assim, podemos observar que “[...] entre um bom livro e um telefilme ruim, o segundo muitas vezes ganha, mesmo que preferíssemos confessar ser o primeiro” (PENNAC, 1993, p.143).

Sabendo que toda e qualquer imagem é dotada de complexidade e subjetividade, temos na incerteza atribuída ao sentido e à interpretação de uma imagem a crítica àquilo que vemos e que, portanto, integra nossa realidade a partir de nossa percepção. Em outras palavras, temos nas imagens a visualização de aspectos de nossas visões do mundo que, então, se concretizam como interpretações particulares, próprias a cada um de nós. Neste sentido, a singularidade do **HOMEM** pode ser compreendida como um elemento necessário às relações estabelecidas com o espaço geográfico e com os outros homens, pois se manifestará nos resultados obtidos que podem, também, ser denominados arranjos.

Tais “arranjos” constituem tanto a “emaranhada” compreensão humana quanto as diferentes paisagens que observamos no espaço geográfico. Neste contexto, o **HOMEM**, assumindo a condição de leitor, se encontra diante de diversas situações que compõem sua realidade. Em cada situação vivida e “experienciada” tem uma visão individualista, mas que se manifesta na participação de novas “constituições” dos diferentes elementos que compõem as paisagens, e que passam a fazer parte de sua vida, pois são incorporadas em sua vivência e forma de compreensão. Assim, a leitura de imagens se traduz na observação da realidade que, constituindo a Geografia da realidade e a realidade geográfica, nos permite observar que:

[...] A paisagem significa participação mais que distanciamento, proximidade mais que elevação, opacidade mais que vista panorâmica. A paisagem, por ser ausência e totalização, é antes de mais nada a experiência da proximidade das coisas.

(BESSE, 2006, p.80)

A proximidade da complexidade e realidade, expressa nas imagens que constituem as paisagens e nas imagens que constituem a realidade vivida e “experienciada” pelo **HOMEM**, é certa.

Uma paisagem pode, entretanto, representar incontestável significação na compreensão humana, sendo expressa, muitas vezes, por uma imagem presente na memória humana.

Uma outra possibilidade de análise surge quando tomamos como referência Platão e a indiscutível importância de sua Teoria das Ideias, expressa na alegoria do Mito da Caverna.

A interpretação da realidade pelos seres aprisionados nos faz refletir sobre a impossibilidade de compreensão da própria vida, fato que pode ser decisivo na realidade dos sertanejos identificados e relacionados nesta tese.

Submetidos às condições de sobrevivência – muitas vezes indignas – impostas pelo lugar onde vivem, nem sempre se permitem a condição de “*leitores do mundo*”, que agem, lêem e interpretam, mesmo sem decodificar os códigos linguísticos.

Percebemos e sentimos, mas o mundo sensível – platônico –, ao contrário do exposto na alegoria, nem sempre é suficiente à compreensão daquilo que consideramos real. No contexto da alegoria, a Teoria das Ideias seria suficiente para explicar a função das imagens, que nem sempre podem ser consideradas fidedignas à realidade que constitui o mundo.

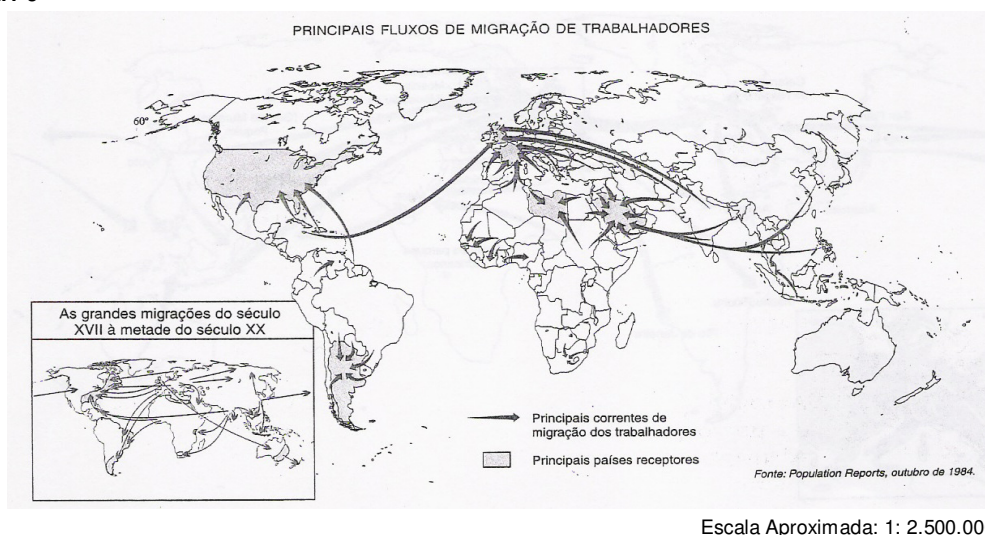
Submetidos a observar imagens que nos são, por vezes, impostas, compreendemos que as imagens da ordem se sobrepõem, neste momento de nossa tese, a toda e qualquer possibilidade de compreensão e (re)interpretação de uma realidade que se manifesta em nossas vidas. Nossas visões do mundo se opõem à teoria platônica quando se referem à nossa possibilidade de (re)interpretação do mundo considerando nossas peculiaridades, mas também não pode ser considerada completamente distante do que o referido mito nos explica. A percepção humana que conduz à compreensão de uma realidade apresentada “pronta”, cujo conhecimento é definido previamente, é alterada na medida em que o **HOMEM** estabelece novas formas de compreensão da realidade e de (re)interpretação do mundo, tomando como referencial o conhecimento adquirido e apreendido.

Em contraposição, temos a visão aristotélica, que incorpora às imagens definições a partir de um momento em que o iconoclasmo imperava na compreensão do conhecimento presente no mundo. Atualmente, as imagens já não são expressas a exemplo da simbologia e do fantasioso que caracterizava os mitos, mas configuram a presença destes elementos quando permitem a crença, a

possibilidade de se atingir patamares diferentes daqueles que constituem a realidade vivida e “experenciada” pelo **HOMEM**.

Nesta perspectiva, são as imagens constituídas, impregnadas pelas visões do mundo, que representam a particularidade de cada indivíduo, tornando-a peculiar e única. Por este motivo, compreendemos que as imagens apresentadas nos textos didáticos das apostilas de Geografia se aproximam de algumas definições expressas em textos de caráter científico e, ao mesmo tempo, se distanciam da realidade de seu leitor:

FIGURA 3



In: Fundação Roberto Marinho, 1996, p. 79, vol.2.

A imagem que apresentamos para esclarecer nossas reflexões pode ser considerada como complementar às imagens que apresentamos anteriormente para esclarecer como os textos didáticos, editados em diferentes momentos, apresentam ao leitor a condição de sobrevivência e atuação dos trabalhadores brasileiros, tanto por meio dos mapas quanto da fotografia empregada para caracterizar as condições de trabalho.

Compreendemos que estes textos se distanciam da realidade porque uma leitura realizada sobre um texto didático que apresenta informações escritas numa escala global deve, sobretudo, ser associada às condições de sobrevivência das pessoas. Ao verificarmos que o material com edição de 1996 prioriza a (re)transmissão de um conhecimento tomando como apoio o recurso cartográfico (mapas), observamos também que não estamos diante de uma Geografia tradicional

e, sim, de um ensino pautado numa tendência pedagógica tradicional. O mapa “fala por si só” e, neste sentido, basta observarmos as imagens que expressam as Figuras 1, 2, 3, 4 e 5 nesta tese: seriam os elementos responsáveis pela (re)interpretação da realidade.

Para confirmar nossas reflexões, propomos uma observação das ideias de Besse (2006, p. 73), ao afirmar que “[...] é preciso saber ver, o que significa ter apreendido o conjunto das técnicas visuais próprias para captar o objeto em questão”.

Se neste momento de nossa tese considerarmos a variável tempo atrelada ao sentido de espaço, para a compreensão das imagens que constituem a morada do **HOMEM**, estaremos diante de seu caráter histórico e, então, podemos retomar algumas ideias de David Hume expressas no século XVIII. Em suas investigações e/ou compreensões sobre o conhecimento, Hume considera a percepção do mundo como meio para conhecê-lo. Nesta perspectiva, é necessário compreender que há diferenças entre ideias e impressões, pois estas podem ser simples ou complexas. Às ideias cabe nossa interpretação sobre o que pode ser compreendido como imagens restritas em nosso pensamento e em nossa reflexão. Esta restrição pode ser interpretada como a impossibilidade de libertação do **HOMEM** quando não se permite conhecer. Se comparada à alegoria do Mito da Caverna, representa os seres aprisionados, para os quais o conhecimento seria a libertação, mas, inicialmente, representa o desconhecido e, portanto, o perigo. Já no tocante às impressões, fundamentam nossas ideias porque são anteriores às imagens. Correspondem à percepção que preconiza o conhecimento para Platão. Hume enfatiza a razão e busca demonstrações que descartam o conhecimento relacionado com a manifestação divina.

Neste sentido, podemos apresentar algumas comparações entre as afirmações relacionadas e a nossa compreensão sobre a constituição das imagens.

Se para Platão as imagens antecipam o conhecimento, para Aristóteles se constituem após a comprovação da essência das coisas e, para Hume, são confirmadas como manifestação do pensamento e da reflexão. Em outras palavras, podemos considerar as imagens como elementos da realidade que representa as visões do mundo em função da época considerada. Encontramo-nos diante do conhecimento articulado com a realidade e, por este motivo, estabelecido a partir da consciência humana.

Não temos como objetivo relatar nossa compreensão sobre a consciência e suas manifestações. No entanto, não poderíamos, simplesmente, desconsiderá-la, pois compreendemos a sua interpretação como manifestação do pensamento e reflexão, elementos “responsáveis” pela constituição das imagens de nossa realidade. Uma observação, então, merece destaque: o pensamento marxista nos fornece elementos suficientes à verificação de uma “*falsa consciência*” que se instala nas diferentes formas de compreensão humana: a ideologia.

De acordo com Moraes (1988, p.37), “[...] a ideologia seria a ciência da gênese das idéias, cujos resultados serviriam para um melhor ordenamento da vida social”.

Sua “sutil” manifestação, nas diferentes formas de domínio, confirma a força que a representatividade da (re)leitura que realizamos sobre o mundo em que vivemos exerce em nossa compreensão da realidade. Em suma, simboliza imagens já apontadas nesta tese: as imagens da ordem se constituem como fundamentais na presença das imagens da aceitação e da passividade.

Na dissertação de mestrado, discutimos que o “sertanejo aluno do TC 2000” se encontra, geralmente, distante de seu lugar de origem e, sem condições de retorno, amarga a dura sobrevivência numa cidade grande, que não corresponde às expectativas criadas juntamente com as imagens que elaborou e/ou evocou quando imaginou a possibilidade de uma vida melhor, pautada em melhores condições de sobrevivência. No tocante ao “sertanejo euclidiano”, este também imagina como poderá vencer o inimigo expresso na figura dos militares, portadores da tecnologia expressa no porte de armas de fogo.

Tanto o “sertanejo euclidiano” quanto o “sertanejo aluno do TC2000” têm, em sua consciência, o desejo de uma vida melhor, que pode ser traduzida a partir da imagem da esperança. O significado de sua realidade, de sua visão do mundo, ressalta o poder que a imagem originada no momento em que busca esta nova condição possui: é capaz de torná-lo um indivíduo que busca, incansavelmente, vencer o inimigo.

Se para o “sertanejo euclidiano” o inimigo vem expresso na figura dos militares, para o “sertanejo aluno do TC 2000” o inimigo pode ser compreendido na figura das contrariedades que constituem sua árdua rotina ou mesmo na imagem da esperança, que simboliza também o desejo de regresso ao seu lugar de origem.

Tal afirmação nos permite verificar como as propagandas ou mesmo programas transmitidos ao público nos “canais abertos” podem influenciar as decisões a serem tomadas pelas pessoas. Ambos os sertanejos compartilham da imagem da incerteza. Este é o leitor considerado em nossa tese: o *“leitor do mundo”*.

CAPÍTULO 2

GEOGRAFIA DA REALIDADE E REALIDADE GEOGRÁFICA: a (re)leitura do mundo a partir dos diferentes tipos de texto

Conhecer, desvendar. Vencer as barreiras do medo originadas pelo desconhecido. Eis uma das principais funções a serem desempenhadas com a prática do ato da leitura. Resta-nos uma reflexão: *como as diferentes formas de compreensão da realidade interferem na (re)interpretação do conhecimento se os textos didático, literário e científico chegam “prontos” até os leitores? O que representam?*⁵

Estas indagações norteiam nossas reflexões, neste capítulo, pois tomamos a (re)leitura do mundo na manifestação das imagens que constituem a Geografia da realidade e a realidade geográfica.

⁵ Um texto “pronto” deve ser compreendido na condição de material impresso ou veiculado via Internet. Entretanto, esta segunda condição apontada não impede a apresentação de ideias prontas, ou seja, “fechadas”, que não permitem a integração com as reflexões do leitor e, portanto, a verificação de conceitos embutidos na leitura realizada em suas entrelinhas.

2.1. A leitura do mundo e a (re)interpretação do conhecimento geográfico

Conforme relatamos em capítulo anterior, a complexidade e a subjetividade inerentes às imagens permitem a compreensão da realidade que, mesmo considerada a partir dos rigores que constituem o método científico, carregam consigo a sabedoria expressa no senso comum. Esta condição é fundamental para a compreensão dos conceitos que constituem nossos questionamentos: Geografia da realidade e realidade geográfica.

Retomando o foco de nossa pesquisa, verificamos que as informações obtidas com a (re)leitura e a (re)interpretação de textos, além de constituírem o conhecimento obtido sem a necessidade da experiência como sua principal origem, tornam-se elementos de fundamental importância na sua construção, a partir da Geografia da realidade e da realidade geográfica. Caracterizam diferentes formas e possibilidades de interpretação e, então, constituem as imagens.

Assim, compreendemos que a capacidade de abstração humana se manifesta na possibilidade de concretização do pensamento expresso com a atividade escrita. Por este motivo, compreender a realidade significa, principalmente, concretizar pensamentos não apenas a partir de atos, de diferentes formas de inferência na realidade, mas, sobretudo, a partir da possibilidade de (re)transmissão de informações. Em suma, temos nesta atividade a concretização do imaginário, reafirmando o que propomos como discussão até o presente momento. Utilizamos o conhecimento geográfico como elemento que constitui a imagem a partir da leitura e/ou interpretação de diferentes tipos de texto, porque consideramos que “o leitor, ao ler um texto, [...] cria novas imagens” (WALT, FONSECA, CURY, 2006, p. 62).

Estas imagens passam, então, a acompanhá-lo, determinando não apenas sua compreensão, mas sua maneira de interpretar a vida a partir das condições de sobrevivência que possui. Fragmentos dos textos que consideramos nesta pesquisa nos permitem a afirmação desta condição. Para tanto, devemos considerar o **HOMEM** como elemento central das relações estabelecidas, que caracterizam esta realidade e, por este motivo, devemos observar uma análise já realizada pela autora em estudos anteriores para prosseguirmos. Questionamos, neste momento, qual é a imagem de **HOMEM** que se constitui como elemento para a análise da realidade que propomos neste trabalho.

Como produto inicial de nossas reflexões, encontramos o “sertanejo euclidiano” e o “sertanejo aluno do TC 2000” apresentados no Quadro 01. Temos então, como referência, um homem presente na realidade expressa no mundo (espaço geográfico), que estabelece relações com o meio ambiente e com outros homens modificando, ou seja, transformando esta mesma realidade e, por este motivo, representando um elemento fundamental na análise proposta nesta pesquisa. Retomemos, neste momento, considerações realizadas no capítulo anterior.

Ao “sertanejo euclidiano” atribuímos a condição de homem que conhece profundamente o lugar em que vive, habita e transforma. Associando tal condição ao conhecimento geográfico, temos neste “tipo humano” a manifestação de um homem que conhece profundamente o território e, por este motivo, faz desta condição sua “arma” na luta, no combate ao inimigo expresso na figura de outro “tipo humano”, que observamos na imagem dos militares, detentores da força imposta pelo uso das armas de fogo.

Em contrapartida, quando tomamos como referência a figura do “sertanejo aluno do TC 2000”, encontramos um homem que busca, incansavelmente, melhores condições de sobrevivência, e então representa a imagem de alguém que submete suas vontades e desejos a condições que ignoram sua realidade, conduzindo-o a caminhos que não correspondem a sua realidade. Em suma, temos nesta figura de homem um “tipo humano” que, momentaneamente, abandona seus reais desejos e vontades para viver uma vida que não lhe pertence, constituindo a imagem do sonho “inatingível”.

Diante de tais colocações, podemos considerar que o **HOMEM** sertanejo, nas duas condições estabelecidas para análise, pode ser compreendido a partir de realidades diferentes. Tal fato concretiza a diferença de visões do mundo observadas em tais realidades e, por este motivo, nos encontramos diante do questionamento inicial: temos a partir da elaboração de tais imagens uma Geografia da realidade ou uma realidade geográfica?

Observar a realidade é, sobretudo, olhar, visualizar o mundo a nossa volta. Temos no **HOMEM** a figura central das imagens que se constituem como fundamentação da realidade e, além disso, atua no espaço geográfico. Não nos resta dúvida quanto à importância e veracidade de tal afirmação. Porém, para compreendermos a importância tanto da Geografia da realidade como da realidade

geográfica, no conhecimento obtido a partir da (re)leitura e (re)interpretação dos diferentes tipos de texto, devemos fundamentar nossa análise em alguns aspectos que nos permitem “transitar” a partir de diferentes interpretações, que constituem o ato de ler como elemento que fundamenta a constituição de imagens.

A vivência do **HOMEM** sob diferentes condições e em diferentes localidades nos possibilita compreender como uma vasta gama de observações implica, diretamente, na pluralidade de imagens e significados expressos em suas inúmeras possibilidades de interpretação. O real se torna produto, fruto de sua imaginação.

As imagens, então, se constituem como sua principal fonte de conhecimento. A partir de sua observação, o **HOMEM** se propõe a (re)interpretar sua realidade, priorizando seus interesses. Vontades e desejos se tornam a mola que impulsiona a busca pelas suas realizações.

E, por este motivo:

[...] a visão do mundo se torna uma entidade metafísica e abstrata! [...] Ela é o sistema de pensamento que, em certas condições, se impõe a um grupo de homens que se encontram em situações econômicas e sociais análogas, isto é, a certas classes sociais.

(GOLDMANN, 1991, p.73)

As reflexões apresentadas nos permitem uma observação sobre as ideias expressas por Bourdieu (2007, p.107-108, grifos do autor), quando aborda a realidade no processo de construção do conhecimento, tão peculiar:

[...] àqueles que vissem neste projecto de tomar para objecto os instrumentos de construção do objecto, de fazer a história social das categorias de pensamento do mundo social, uma espécie de desvio perverso da intenção científica, poder-se-ia objectar que a certeza em nome da qual eles privilegiam o conhecimento da “realidade” em relação ao conhecimento dos instrumentos do conhecimento nunca é, indubitavelmente, tão pouco fundamentada como no caso de uma “realidade” que, sendo em primeiro lugar, *representação*, depende tão profundamente do conhecimento e do reconhecimento.

É possível constatar que a realidade deve ser compreendida como a fundamentação do conhecimento adquirido. Seja na formalidade ou na informalidade, constantemente nos encontramos submetidos à construção de uma

realidade dinâmica, que se constitui a partir do conhecimento e do reconhecimento dos fatos, dos elementos “responsáveis” por sua concretização.

Temos, neste sentido, tanto o “sertanejo euclidiano” quanto o “sertanejo aluno do TC 2000” como elementos que constituem a figura do **HOMEM**, visto como ator principal do processo de construção e reconstrução do mundo.

Sobre a possibilidade de (re)interpretação do mundo e do conhecimento nele presente, retomamos a comparação proposta nesta tese e, para um melhor esclarecimento sobre as possibilidades de (re)interpretação da realidade, a partir dos diferentes tipos de texto, podemos considerar as seguintes informações:

QUADRO 02: Principais características dos textos literário, didático e científico

DIDÁTICO	LITERÁRIO	CIENTÍFICO
Explicação conteudista, resumida.	Descrição mais “completa”.	Caráter justificativo, pois é a concretização do conhecimento científico.
Proximidade com a ciência geográfica (tradicional).	Proximidade com a ciência geográfica (tradicional).	Proximidade com a ciência geográfica (tradicional).
⇒ Caráter “controlador”; ⇒ Transmite informações com o objetivo de estabelecer e manter a ordem social e sua hierarquia (status quo);	Sua estrutura é próxima da Geografia tradicional quando parte do geral para o pontual: ⇒ A Terra (descrição física); ⇒ O Homem (subjetividade); ⇒ A Luta (integração).	Estabelece com o leitor uma “troca de idéias” porque provoca reflexões/questionamentos sobre uma realidade observada, pesquisada e levada a conhecimento acadêmico para ser considerada ou não verdadeira.

Org.: Belo, E. M. (2007)

Diante das características apresentadas no Quadro 02, o **HOMEM** se constitui como produto histórico e social. Aos textos considerados cabe a mesma interpretação. Assim, sua atuação no espaço geográfico caracteriza o modo de produção presente na sociedade determinando, desta forma, as condições nas quais são estabelecidas as relações sociais, conforme Corrêa (apud CASTRO, GOMES e CORRÊA, 1995).

Temos no espaço geográfico o elemento que pressupõe a compreensão da realidade geográfica, implícita na ação humana e que, portanto, impõe sua

presença e concretização tornando esta mesma ação única e necessária ao estabelecimento das dinâmicas relações presentes no mundo.

Temos na Geografia da realidade a possibilidade de observação dos fatos que constituem a realidade geográfica e, assim, as apostilas de Geografia do TC 2000 nos fornecem elementos suficientes para a compreensão da presença do **HOMEM** como responsável pela sua transformação. Neste sentido, observamos os modos de produção como fator de análise para a compreensão de uma nova realidade – geográfica – e, conseqüentemente, de uma nova forma de compreensão da ciência geográfica. Por este motivo, reafirmamos a presença dos conceitos que constituem nosso principal questionamento: Geografia da realidade e realidade geográfica.

2.2. Principais aspectos dos textos didático e literário: imagens observadas na Geografia da realidade e na realidade geográfica

O texto que utilizamos para o início de nossa pesquisa faz parte da obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha⁶.

Caracterizando o estilo literário, o texto de “Os Sertões” nos permite observar em sua estrutura aspectos que o aproximam da estrutura do texto científico, em especial da ciência geográfica, sob a visão tradicional, positivista, que parte do geral para o pontual.

A obra é dividida em três partes, que podem ser assim compreendidas:

- a. *A Terra*: representando os aspectos físicos (meio ambiente, espaço geográfico) do Brasil;
- b. *O Homem*: descrito na figura do sertanejo. Para descrevê-lo, no entanto, Euclides da Cunha conduz o leitor ao entendimento dos “tipos humanos” que, a partir do que denominou “mestiçagem embaralhada”, resulta em tal figura (presença humana), além da comparação com outros “tipos humanos” que compõem a população brasileira e das relações do **HOMEM** com o meio em que vive;

⁶ Em muitos momentos, faremos referência ao texto literário selecionado para a pesquisa como “obra euclidiana”.

- c. *A Luta*: o conflito em Canudos nos permite observar a integração dos elementos que constituem as “divisões” mencionadas, a partir das relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico e dos homens entre si, e a ação desmensurada do Estado brasileiro para impor, a ferro e fogo, a ordem e o progresso naqueles espaços interioranos.

Se em momento anterior nos dedicamos à identificação de imagens elaboradas e/ou evocadas a partir da (re)interptração de diferentes tipos de texto, esta tese tem como principal objetivo identificar como a realidade pode ser (re)interpretada, considerando aspectos que configuram sua concretização – e também a concretização das imagens – a partir das relações estabelecidas entre homem e meio ambiente. Por este motivo, podemos confirmar a importância de “*O Homem*” como referência para a realização da pesquisa proposta.

Outro aspecto que merece importância é entender que a ideia da luta pela vida, na qual prevalece a lei do mais forte, expressa no “darwinismo social” presente no texto euclidiano, configura a presença da aceitação, da submissão e da passividade dos indivíduos que se constituem como personagens do texto descritivo. Este aspecto pode ser identificado tanto na obra literária (no caso “*Os Sertões*”) quanto no texto de caráter didático, representado pelas apostilas de Geografia do TC 2000, o qual será abordado posteriormente. Assim, é válido ressaltar que o **HOMEM** identificado na figura do “sertanejo aluno do TC 2000” é personagem das imagens que representam a realidade retratada no texto didático das apostilas.

No texto didático das apostilas de Geografia do TC 2000, observamos que sua estrutura se aproxima da Geografia de caráter tradicional, a partir do momento em que nos permite identificar que todo o conteúdo oferecido ao leitor é resultado de uma tendência pedagógica tecnicista, cuja forma de ensino enquadra-se no conceito de programação para a (re)transmissão do conhecimento científico (caracterizando uma visão neopositivista).

Relacionando esta condição ao que denominamos Geografia da realidade e realidade geográfica, compreendemos a necessidade de alguns esclarecimentos.

Primeiramente, podemos questionar: *quais imagens resultantes da leitura e interpretação dos diferentes tipos de texto nos permitem identificar a Geografia da realidade e também a realidade geográfica?*

Na condição de “*leitor do mundo*”, é possível considerarmos que o aluno do TC 2000 é submetido a uma interpretação que resulta na identificação de uma “visão do mundo” inadequada e até mesmo “imprópria”, pois não corresponde à sua realidade observada, que constitui sua vida diária. Retomando parte de nosso questionamento: *qual é esta realidade observada?*

No “sertanejo aluno do TC 2000”, identificamos a figura de um homem capaz de buscar uma nova condição de sobrevivência, submetendo sua esperança e seus anseios a uma realidade que difere da sua condição inicial: sujeito que sofre para conseguir sobreviver em um mundo transformado a partir da interferência da ação humana no espaço geográfico.

Neste sentido, podemos considerar as ideias expressas por Corrêa (apud CASTRO, GOMES e CORRÊA, 1995, p.25, grifos do autor):

O espaço entendido como espaço social, vívido, em estreita correlação com a prática social não deve ser visto como espaço absoluto [...] também não é um instrumento político, um campo de ações de um indivíduo ou grupo, ligado ao processo de reprodução da força de trabalho através do consumo. Segundo Lefévre, o espaço é mais do que isto. Engloba esta concepção e a ultrapassa. O espaço é o *locus* da reprodução das relações sociais de produção.

A interpretação do espaço geográfico, considerada neste estudo, pressupõe a compreensão inicial da presença do que denominamos realidade geográfica. Implícita na atuação humana, determina a presença das relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico e dos homens entre si, consideradas pelo autor citado como relações sociais de produção.

Sob esta perspectiva, a realidade geográfica impõe sua presença e concretização, tornando a atuação humana única, ou seja, peculiar e necessária ao estabelecimento das dinâmicas relações apontadas como fundamentais na realização da análise proposta nesta pesquisa.

Os textos que constituem as apostilas do TC 2000 nos apontam a possibilidade de realização de um trabalho que visa à inovação, presente na sua forma de apresentação, que considera o uso de apostilas impressas associado à aplicação de fitas VHS⁷. É importante salientar que a proposta pedagógica em

⁷ Para maiores esclarecimentos sobre a proposta ver BELO, E. M. **A Imagem Educa?** 2002, 105 f. Relatório Final de Especialização em Instrumentação para o Ensino da Geografia – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro. Além disso, salientamos que não consideramos o material reeditado em DVD, já comercializado, mas sem alterações em relação ao material considerado.

questão considera que todos os indivíduos envolvidos nesta modalidade de ensino aceitam, sem questionamento, tanto as informações contidas nos textos como nos vídeos.

As apostilas de Geografia (1996) apresentam, no início das aulas, um pequeno texto que caracteriza um resumo do conteúdo a ser trabalhado. Os textos propriamente ditos nada mais são do que o reflexo de “modelos econômicos importados”. Em relação às apostilas editadas anteriormente (1989), os textos também podem ser assim considerados. Não foi observado o material apresentado como constituinte da proposta pedagógica do TC 2000 em anos posteriores, mas é possível observar uma aparente reformulação, com a apresentação das imagens realizadas em DVD's, conforme informamos na introdução desta tese.

Embora esta nova modalidade de ensino pretendesse ser uma proposta nova, seus modelos continuam fundamentados em propostas pedagógicas que caracterizam uma realidade que não corresponde à situação brasileira.

Nesse contexto, procurando reverter tal situação, foi implantado o Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE), lançado em 15 de março de 2007, pelo Ministério da Educação.

A seguir, apresentamos algumas considerações sobre o referido plano, com a intenção de identificar como as condições impostas determinam as imagens que constituem a Geografia da realidade e a realidade geográfica na vida do **HOMEM**.

2.2.1. A força do Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) e do Banco Mundial na constituição das imagens do leitor do mundo, produzidas nas escolas

O Plano de Desenvolvimento da Educação (PDE) prevê a instituição de “grandes metas” a serem alcançadas, com o objetivo de promover a melhoria do ensino ministrado em todo o território nacional, sob a supervisão do Ministério da Educação e Cultura (MEC). Tal condição retrata a urgência na obtenção de resultados que permitam ao país abandonar posições assumidas no ranking mundial, que indicam sua ineficiência no tocante ao setor educacional: ainda

possuímos um dos maiores índices de analfabetismo. Uma das consequências – certamente a principal – seria a melhoria nas oportunidades e condições de sobrevivência das pessoas. É por este motivo que afirmamos, ao final do tópico anterior, a aplicação do PDE como elemento que nos permite identificar as imagens que constituem os conceitos centrais desta tese.

Não temos a intenção de realizar uma análise sobre o PDE e o alcance de suas metas. Entretanto, compreendemos que o momento é oportuno para que sejam realizadas algumas considerações sobre as interpretações que podemos realizar tomando como referência as informações obtidas e que, na maioria das vezes, se constituem a partir de relatos que se caracterizam como produto da atividade exercida pelos leitores do mundo, conforme definimos o leitor de nossos textos.

Diante da necessidade de conseguir uma colocação no mercado de trabalho, vitimado pelo processo de globalização, o **HOMEM**, expresso na figura do “sertanejo aluno do TC 2000”, carrega consigo uma vasta gama de sonhos e desejos. Inicialmente, seduzido pelas propostas de conquista de melhores condições de sobrevivência, constrói a imagem do sucesso e da vitória, mas não percebe a força da imagem da aceitação, neste caso, sinônimo de submissão.

Neste sentido, não podemos desconsiderar a força da imposição de condições que não correspondem à imagem construída, que simboliza os sonhos e desejos deste **HOMEM**. Submetido às condições impostas pelo lugar, temos no “sertanejo aluno do TC 2000” a figura de um **HOMEM** que, a exemplo do “sertanejo euclidiano”, não permite a derrota como imagem de sua realidade.

Temos nesta condição uma realidade geográfica. Constatamos sua presença quando verificamos que nos referimos a um **HOMEM** que abandonou seu lugar de origem, seduzido pela imagem construída a partir da esperança, elemento que caracteriza e constitui a busca por melhores condições de vida. Se retomarmos, neste momento, o Quadro 01, observaremos que esta realidade geográfica pode ser identificada nos critérios apresentados para identificar o “sertanejo aluno do TC 2000”: combatente, dinâmico, vinculado “afetivamente” ao seu lugar de origem e seduzido pela imagem da beleza expressa pela tecnologia que constitui o conceito de modernidade.

Sendo a Geografia uma ciência que abrange diversas áreas do conhecimento, a Geografia da realidade “traduz” esta condição.

Considerando o **HOMEM** como produto histórico e social, sua atuação no espaço geográfico caracteriza o modo de produção presente na sociedade, determinando assim as condições nas quais são estabelecidas as relações sociais de produção, citadas por Corrêa apud Castro, Gomes e Corrêa (1995).

À Geografia da realidade cabe a possibilidade de observação dos fatos que constituem a realidade geográfica.

Neste momento, consideramos a importância da presença e atuação de órgãos responsáveis pela implantação dos modelos importados que, em determinados momentos, caracterizam a realidade educacional brasileira. Consideremos, então, o Banco Mundial.

Investindo em projetos setoriais, dentre os quais merecem destaque os que compreendem o setor educacional, os recursos financeiros disponibilizados aos países em desenvolvimento – como é o caso do Brasil – compreendem a realização de pesquisas que forneçam subsídios à sua frente de atuação. Em outras palavras, trata-se de conhecer a realidade dos países considerados “inferiores”, se comparados aos países desenvolvidos, para que não ocorra a promoção do “*welfare state*” e, conseqüentemente, a elevação de índices que assegurem melhoria no tocante à qualidade de vida das pessoas.

O critério “qualidade de vida”, por sua vez, implica uma análise das imagens que o leitor dos textos didáticos elabora quando acredita na possibilidade de melhoria relacionada à própria sobrevivência.

Um dos produtos que resulta desta forma de investimento compreende propostas pedagógicas caracteristicamente emergenciais e paliativas. E, um bom exemplo disso, é o Programa de Educação à Distância Telecurso 2000 (TC 2000).

Compreendendo os textos que constituem as apostilas de Geografia do TC 2000, podemos tomar como exemplos alguns fragmentos. Entre eles, vamos considerar, inicialmente, um fragmento pertencente à *Aula 04*, intitulada “*O estudo da ação humana*”:

[...] durante muito tempo, nos estudos sobre a paisagem terrestre, predominaram os aspectos físicos. Para esses estudos, a geografia contou com os seus próprios conhecimentos e com os de disciplinas que tratavam especificamente do clima, relevo, vegetação, geologia, entre outros aspectos. No século XX, porém, com o desenvolvimento de ciências como a sociologia, a economia e a economia política, os fatos sociais e humanos passaram para primeiro plano. Nos estudos geográficos, eles ganharam

decisiva importância como fatores explicativos das transformações da paisagem terrestre.

A ação humana sobre o ambiente físico passou a ser analisada em toda a sua extensão: ação direta do indivíduo; ação direta ou indireta de grupos sociais, econômicos e políticos; a ação dos grupos entre si. Nessa análise, a geografia aplicou vários conceitos desenvolvidos pela economia política, destacando-se o conceito *meios de produção*.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1989, p.24, grifos do autor)

Tomando como referência o fragmento da aula transcrito, observamos que a realidade geográfica pode ser identificada no momento em que a ação humana é explicada como ação direta ou indireta do indivíduo sobre o espaço geográfico. Assim, resultando da interferência realizada a partir dos meios de produção, temos uma realidade que interpretamos a partir das imagens que elaboramos quando nos propomos a buscar conceitos e/ou explicações mais profundas sobre a situação observada.

Se a ação humana interfere diretamente no espaço geográfico, não podemos deixar de observar que o **HOMEM** “*leitor do mundo*”, apresentado nesta tese, modifica, transforma-o a partir de sua produção. No entanto, o simples fato de produzir não justifica, simplesmente, as diferentes formas de manifestação de sua ação, pois, para compreendermos as paisagens, devemos considerar que:

[...] três termos são encadeados (representação, estética, pintura) para afirmar que a paisagem é, de maneira geral, uma construção cultural, que ela não é um objeto físico, não pode ser confundida com o ambiente natural, nem com o território de um país. A paisagem é da ordem da imagem, seja esta imagem mental, verbal, inscrita sobre uma tela, ou realizada sobre o território [...]

(BESSE, 2006, p.60)

Compreendendo que o conceito “meios de produção”, abordado na aula em questão, implica toda e qualquer possibilidade de análise que consolida a ocupação territorial, não podemos desconsiderar que ao mesmo tempo em que tal conceito possibilita a instituição de grupos sociais e territórios, os “modos de produção” também podem ser interpretados como responsáveis pela “desunião” ou impossibilidade de constituição destes mesmos grupos.

A consolidação de grupos é associada à ideia de território, que não abordaremos nesta tese, mas não desconsideraremos em totalidade, pois temos como correspondente seu conceito oposto: a desterritorialização.

Neste sentido, mesmo não propondo uma análise sobre tais conceitos, compreendemos que a “desterritorialização é focalizada a partir das mais diferentes dimensões, do econômico ao político, do cultural ao geográfico propriamente dito” (HAESBAERT, 2006, p. 311).

Por se constituir como um conceito que transita entre diversos elementos da realidade geográfica, a desterritorialização também representa a constituição de uma Geografia da realidade. Tal realidade se manifesta em elementos que, indiscutivelmente, estão presentes na vida das pessoas, ou seja, no cotidiano do **HOMEM** que identificamos e compreendemos como “*leitor do mundo*”.

Sendo a Geografia uma ciência que se apoia em outros ramos do conhecimento, temos a oportunidade de continuar a busca do que denominamos Geografia da realidade e, a partir de tais considerações, retomamos o foco central da análise proposta nesta tese:

“IMAGEM: Geografia da realidade ou realidade geográfica?”

2.3. A relação entre as imagens e as informações obtidas a partir da (re)leitura e (re)interpretação de textos: identificando a presença da Geografia da realidade e da realidade geográfica

O principal objetivo que fundamenta e direciona a concretização de nosso trabalho se resume na identificação dos conceitos apresentados no título desta tese: buscamos a identificação da Geografia da realidade e da realidade geográfica em diferentes tipos de texto que possibilitam a elaboração e/ou a evocação de imagens, tomando como referência sua (re)interpretação.

Assim, iniciamos este tópico considerando, primeiramente, o texto de caráter literário de “Os Sertões”.

O texto literário selecionado para esta análise nos permite identificar a presença de características estruturais como a narração e a descrição, responsáveis pelas inúmeras possibilidades de interpretação e, portanto, da elaboração das mais belas imagens a partir do ato da (re)leitura.

Suas descrições nos permitem observar, principalmente, a presença de uma adjetivação excessiva, característica que pode ser considerada fundamental para a análise dos textos de Euclides da Cunha. Temos neste autor um escritor de

gênio, que representa, na realidade, a *"intelligentsia"* de sua época, a elite pensante do Brasil. Então, em função destas características, identificamos também a presença da Geografia da realidade nesta obra literária.

Se a ciência geográfica é capaz de abranger em totalidade os diferentes aspectos da vida humana, não há como negar que a compreensão e interpretação do mundo constituem uma Geografia articulada às diferentes situações que constituem o mundo, o espaço geográfico. Esta é a condição "básica" para a concretização da Geografia da realidade.

Como exemplo para tal condição, podemos observar as ideias de Cunha (1984, p.69) quando aponta, em sua descrição, a ocupação do espaço geográfico pelo homem. As características físicas do local determinam a relação dos homens com o lugar e dos homens entre si:

[...] Abrindo aos exploradores duas entradas únicas, à nascente e à foz, levando os homens do Sul ao encontro dos homens do Norte, o grande rio erigia-se desde o princípio com a feição de um unificador étnico, longo traço de união entre as duas sociedades que se não conheciam.

A rica descrição realizada por Euclides da Cunha facilita a interpretação deste fragmento, onde temos como uma das possibilidades a imagem que representa o contato inicial entre grupos sociais distintos, cuja integração ocorreria, posteriormente, em situação conflituosa. Portanto, nos encontramos diante do sentido atribuído por Haesbaert (2006) ao conceito de desterritorialização, que apontamos anteriormente como elemento responsável pela identificação de elementos presentes na realidade geográfica, constituinte do cotidiano do **HOMEM**, principal referência de nosso objeto de estudo: as imagens.

A relação estabelecida entre o fragmento apresentado e as considerações do autor citado se dá no momento em que compreendemos como fundamental a contraposição de diferentes grupos. Neste momento, podemos observar como as contrariedades se tornam elementos complementares. Quando Haesbaert (2006) aponta em suas reflexões as diferentes dimensões, podemos associá-las à compreensão do alcance das ações humanas que se refletem a partir das diferentes e inúmeras relações estabelecidas entre os homens e o espaço geográfico e dos homens entre si. A complexidade expressa nesta afirmação de difícil argumentação e esclarecimento se torna fator decisivo na identificação das imagens que podem se

originar a partir da interpretação do **HOMEM**, “*leitor do mundo*”. Diferentes grupos devem ser interpretados como os autores e os leitores dos diferentes tipos de textos considerados, confirmando a presença de classes sociais antagônicas, que se constituem a partir de uma divisão histórica e intelectual do trabalho: os que pensam e os que fazem.

Retomando o autor relacionado, inicialmente temos a imagem da presença humana num determinado território, demarcado pela sobriedade e imposição desta mesma presença, que se torna implacável na apresentação ao “adversário”, também expresso em outra imagem: a do inimigo.

No entanto, também podemos associar a cena descrita a partir da disposição dos diferentes elementos que a constituem: o enfrentamento de diferentes grupos sociais se consolida como a justaposição da força, da valentia e, portanto, origina a imagem da coragem. Em sentido amplo, a coragem se constitui como imagem que simboliza a supremacia humana e também se manifesta como realidade do “sertanejo aluno do TC 2000” e do “sertanejo euclidiano”.

Então, pensar em uma realidade geográfica nos remete à possibilidade de pensar em uma condição de interpretação do mundo a partir dos elementos que constituem o cotidiano das pessoas, elementos que são presentes em sua realidade. Se considerarmos os textos das apostilas do TC 2000 e voltarmos nossas reflexões à possibilidade de um trabalho pedagógico que priorize e atribua a devida importância à realidade do telealuno, verificaremos que o ensino da disciplina Geografia propõe uma (re)leitura e (re)interpretação da realidade a partir do emprego de textos que podem, se bem conduzidos, oferecer ao leitor novas condições de análise de sua própria realidade.

Por outro lado, a presença da tecnologia como recurso a ser utilizado nas teleaulas seria o elemento necessário ao combate do ensino insuficiente que vem caracterizando o sistema educacional brasileiro, no decorrer de sua história. Entretanto, o que presenciamos é que:

O desenvolvimento técnico, científico e informacional foi tomado pelo modo de produção capitalista em favor de um seleto grupo de pessoas, ou seja, da classe dos empresários, sejam eles de produção, comércio ou especuladores financeiros, em detrimento da ampla maioria da humanidade, isto é, do proletariado e, atualmente, daqueles que nem mais como proletariados se inserem no sistema.

(STRAFORINI, 2008, p.34)

A função do ensino e mesmo do professor deveria, então, ser “repensada”, pois aulas que caracterizam tendências pedagógicas tradicionais já não atendem adequadamente à realidade que configura nossa atual sociedade. No entanto, não dispomos – na maioria das escolas – de recursos que ultrapassam a mídia impressa. O que fazer? Apostar no livro didático – primeiro material que caracteriza o ensino à distância – e relacioná-lo a um trabalho que desenvolva o senso crítico nas pessoas.

Porém, com relação aos textos das apostilas de Geografia do TC 2000, temos em mãos textos empobrecidos, que constituem uma visão mais conteudista. Esses mesmos textos trazem consigo, por exemplo, em apenas um parágrafo, muitos conceitos de uma única vez.

Relacionando tais considerações aos conceitos que buscamos identificar e definir nos textos de caráter didático, algumas considerações merecem destaque.

Inicialmente, consideremos a Geografia da realidade.

Uma leitura dos textos que constituem as apostilas de Geografia do TC 2000 pode contradizer, imediatamente, o que apontamos nos dizeres de “Os Sertões”. Tal aspecto pode ser assim compreendido: uma leitura que permite interpretar a realidade de forma objetiva descarta a possibilidade de conhecimento sobre o complexo mundo onde vivemos, reafirmando a aceitação dos indivíduos perante uma situação de vida indigna.

Subentendemos por indigna a vida humana que não assegura condições básicas de sobrevivência, expressa na realidade geográfica do “sertanejo aluno do TC 2000” e também do “sertanejo euclidiano”.

A realidade observada e vivida é peculiar a cada indivíduo e, por este motivo, elemento de fundamental importância na constituição das imagens que se originam a partir da (re)interpretação realizada pelo **HOMEM** “*leitor do mundo*”, que, por sua vez, se manifesta quando expõe sua própria visão do mundo.

Esta situação retrata tanto a aceitação quanto a passividade às quais o telealuno é submetido, quando em contato com esta modalidade de ensino. Caracteristicamente “supletivo”, o TC 2000 é composto por um material que visa oferecer conhecimento⁸ em pouco tempo. As dificuldades são reveladas quando a (re)leitura e a (re)interpretação das linhas e entrelinhas da referida proposta

⁸ Conhecimento, neste contexto, pode ser compreendido como a possibilidade de aquisição de certificado.

pedagógica se manifestam como difíceis, inacessíveis aos leitores mais simples – ou menos cultos –, contrariando o que observamos no texto de Euclides da Cunha.

A dificuldade de interpretação e até mesmo de assimilação do conteúdo abordado nas apostilas destinadas à (re)transmissão do conhecimento geográfico – material didático do TC 2000 – se consolida a partir do momento em que as abordagens são realizadas tomando como referência o fato de o telealuno já possuir um “pré-conhecimento” dos temas abordados nas teleaulas, fundamentadas e planejadas, por sua vez, a partir de textos científicos. Assim, o que transparece, inicialmente, clareza e objetividade, se “transforma” em um elemento inatingível. A incompreensão expressa na dificuldade de (re)interpretação da realidade, a partir dos textos que constituem as apostilas em questão, impede a busca pelo conhecimento, o que, ao contrário, o texto literário oferece a partir da sedução que as descrições proporcionam ao leitor. Tal condição assegura a inacessibilidade ao conhecimento considerado verdadeiro e, portanto, origina imagens do fracasso, desestimulando a busca pelo conhecimento e, conseqüentemente, o avanço e o progresso. Como produto desta situação, podemos apontar a Geografia da realidade, distante da Geografia tradicional (positivista).

Esta realidade, indicada no conceito obtido como fruto da (re)interpretação do **HOMEM** “*leitor do mundo*”, se constitui como fator decisivo ao seu futuro: tem a capacidade tanto de fomentar sua busca pelo conhecimento quanto de promover sua desistência de tudo, pelas diferentes dimensões de observação e inserção em um novo mundo, que adquire quando amplia seu universo.

Observamos, então, que a realidade se manifesta em toda e qualquer situação e que as diferentes formas de interpretação resultam nas imagens, elementos fundamentais tanto à constituição da Geografia da realidade quanto da realidade geográfica.

Se as palavras são empregadas para que a imaginação do leitor estabeleça uma conexão com a realidade, interpretando e buscando uma possível compreensão, as imagens traduzem por si só uma vasta gama de elementos que desencadeiam, a todo o momento, uma nova gama de reflexões e, conseqüentemente, saberes que nos introduzem no mundo do conhecimento.

A exemplo das imagens, o texto escrito também se constitui desta maneira. Não importa se é um texto ou se é uma situação que diga respeito ao saber popular ou ao saber formal. Então, *como justificar a diferença apontada em*

relação às possibilidades de interpretação e elaboração de imagens quando lemos um texto didático como o das apostilas de Geografia do TC 2000 e o texto literário de Euclides da Cunha? Por que identificamos essa diferença? Porque em “Os Sertões” temos a manifestação da cultura popular e a formalidade seria, por sua vez, um aspecto presente de forma mais explícita nos textos das apostilas de Geografia do TC 2000.

CAPÍTULO 3

INTERPRETANDO TEXTOS E RECONHECENDO IMAGENS:

aspectos da Geografia da realidade e da realidade geográfica como elementos que integram o entendimento do “leitor do mundo”

A função de um texto pode ser compreendida em sua capacidade de (re)transmitir a informação e possibilitar, também, a (re)construção do conhecimento.

A interpretação que o **HOMEM**, “leitor do mundo”, realiza do espaço geográfico, pode ser identificada nas reflexões de teóricos que se referem à importância do ato da linguagem em suas diferentes manifestações, sobretudo porque tais manifestações se expressam no processo de (re)construção e (re)organização de ideias:

[...] O homem está sempre reagindo sobre a natureza para lhe dar uma organização mais rica, com atividades *ad infinitum*, pois cada vez que satisfaz uma necessidade, cria uma nova. Assim, fabrica máquinas de fabricar, tem conhecimento da forma, da especulação e tem por função estabelecer relações.

(SILVA, apud BARZOTTO e GHILARDI, 1999, P.169, grifos do autor)

A máquina de fabricar, criada pelo **HOMEM** e mencionada anteriormente, pode ser identificada como a imagem da possibilidade de (re)criação do conhecimento, de apropriação de objetos e técnicas presentes na Geografia da realidade e na realidade geográfica.

Considerando tanto as apostilas de Geografia editadas em 1996 quanto em 1989, é importante salientar que a apresentação deste material didático nos permite identificar as relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico, mas também simboliza um novo momento para a educação formal:

Nas sociedades que presenciaram a socialização da leitura da imprensa (livro, jornal, revista) antes do aparecimento dos meios audiovisuais (cinema, rádio, televisão), verificou-se uma forte dependência qualitativa desses novos veículos em relação aos precedentes [...].

(MELO, apud BARZOTTO e GHILARDI, 1999, p.44)

No entanto, atreladas ao conteúdo que caracteriza e torna única a ciência geográfica, os títulos das aulas do material referente à proposta pedagógica do TC 2000, editado na década de 80, asseguram a presença marcante do **HOMEM** como ator principal das relações estabelecidas na constituição do espaço geográfico e, conseqüentemente, na constituição das imagens que retratam o mundo.

QUADRO 03: Estrutura das aulas de Geografia na apostila do TC2000 (1989)

Temática	Aulas
Caracterização, interesses e instrumentos da geografia	1 a 5
Estudos sobre a população humana	6 a 8
O conteúdo e a forma das cidades	9 a 13
As atividades de transformação dos produtos naturais	14 a 17
A circulação de pessoas, bens e informações	18 a 22
Os usos do espaço rural	23 a 27
Os recursos da natureza: seu uso e abuso pelos homens	28 a 35
As sociedades humanas e seu futuro: o papel e a utilidade social da geografia	36 a 40

Fonte: Fundação Roberto Marinho, 1989, p.01.

Como é possível observar, o conteúdo a ser trabalhado tem como referência a integração entre homem e espaço geográfico. A unidade constituída

pelas aulas iniciais (tomemos como referência neste momento a *Aula 6*) nos permite estabelecer uma proximidade entre a referida apostila e a obra literária “Os Sertões”.

Um dos aspectos que nos permite tal comparação refere-se ao fato de que as unidades iniciais indicadas, assim como a obra euclidiana, encarregam-se da descrição do espaço geográfico habitado pelo homem:

Se considerarmos toda a superfície de terras emersas – ou seja – a superfície dos continentes e das ilhas –, poderemos perceber que são bastante extensas as áreas em que as condições naturais limitam seriamente as possibilidades de moradia permanente para grupos humanos. Mas não tão extensas quanto as áreas que apresentam situações menos limitantes ou até mesmo favoráveis à fixação dos seres humanos.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1989, p.38)

O fragmento apresentado para fundamentação de nossas reflexões nos permite observar que o espaço geográfico é “alvo” do domínio humano. Em outras palavras, é notória a importância da presença do homem no espaço em que vive. Conhecê-lo é algo que vai além de uma atitude, pois representa de forma soberana uma necessidade de adequação e apropriação. Conhecer o espaço geográfico é sinônimo de conhecimento do mundo. Atuar no espaço geográfico é, neste sentido, concretizar a possibilidade de transformação. A atuação humana no mundo garantiu a ocupação e também a adequação do espaço às necessidades dos indivíduos.

Considerando que nosso foco, nesta tese, é a interpretação das imagens que constituem o que denominamos Geografia da realidade e realidade geográfica, podemos apoiar nossas reflexões nas ideias de Santos (2004, p.59), quando o mesmo afirma que “para interpretar corretamente o espaço é preciso descobrir e afastar todos os símbolos destinados a fazer sombra à nossa capacidade de apreensão da realidade”.

Tais considerações nos permitem compreender que nossas imagens são elaboradas a partir de um conhecimento prévio, que constitui nossa rotina e, portanto, nossas vidas. Apreendemos aquilo que é significativo.

Para confirmar as afirmações do domínio humano sobre o espaço geográfico, utilizamos um fragmento de “Os Sertões”, que nos permite identificar a possibilidade de adequação do homem às condições do espaço geográfico:

Por fim tudo se esgota e a situação não muda. Não há probabilidade sequer de chuvas. A casca dos marizeiros não transuda, prenunciando-as. O *nordeste* persiste intenso, rolante, pelas chapadas, zunindo em prolongações uivadas na galhada estrepitante das caatingas e o sol alastra, reverberando no firmamento claro, os incêndios inextinguíveis da canícula. O sertanejo, assoberbado de reveses, dobra-se afinal.

Passa certo dia, à sua porta, a primeira turma de “retirantes”. Vê-a, assombrado, atravessar o terreiro, miseranda, desaparecendo adiante, numa nuvem de poeira, na curva do caminho... No outro dia, outra. E outras. É sertão que esvazia.

Não resiste mais. Amatula-se num daqueles bandos, que lá se vão caminho em fora, debruando de ossadas as veredas, e lá se vai ele no êxodo penosíssimo para a costa, para as serras distantes, para quaisquer lugares onde o não mate o elemento primordial da vida.

(CUNHA, 1984, p.95, grifos do autor)

À Geografia da realidade, neste momento, cabe a interpretação das imagens que retratam, simplesmente, a vida das pessoas. Observar e interpretar o espaço em que vivemos é criar possibilidades de identificação dos elementos que nos parecem simples em um primeiro momento.

Então, considerando a simultaneidade que se manifesta e se concretiza entre as leituras e releituras realizadas pelo **HOMEM** leitor do mundo, é importante que se ressalte qual é a função de um texto descritivo, a exemplo do texto literário “Os Sertões”, pois:

[...] a característica fundamental de um texto descritivo é a inexistência de progressão temporal. Tudo o que é descrito é considerado como simultâneo, não podendo, portanto, um enunciado ser considerado anterior ou posterior a outro. [...]

(SAVIOLI; FIORIN, 1999, p.242)

Tomemos como exemplo para esta afirmação o fato de que a Geografia é uma ciência complexa e abrangente. A abrangência, neste sentido, é representada na possibilidade de abordar, simultaneamente, diferentes conceitos. Então, como conclusão prévia, nos encontramos diante de uma ciência descritiva “não-reducionista”, pois sua abrangência assegura sua capacidade de se manifestar em diferentes ramos do conhecimento. Assim, “[...] um texto constitui, portanto, uma mensagem codificada, e sua leitura implica a decodificação da mensagem pela compreensão e acompanhamento do autor” (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2007, p.221).

Associando tais colocações a Haesbaert (2006), nos encontramos, novamente, diante das diferentes dimensões apontadas pelo autor no tocante ao conceito de desterritorialização. As possibilidades de interpretação sobre o território

e as relações nele estabelecidas se tornam imagens das diferentes possibilidades de (re)interpretação do conhecimento, a partir dos diferentes tipos de texto.

A possibilidade de múltipla interpretação sobre o conhecimento constitui o início das aulas apresentadas na apostila de Geografia do TC2000 (1989), consideradas nesta tese. Por este motivo, a característica do texto descritivo, relacionada ao texto literário de “Os Sertões”, também deve ser observada em relação ao texto didático. A simultaneidade dos fatos presentes no texto descritivo também ocorre no texto didático, quando confirmamos a Geografia como ciência descritiva não-reducionista. Para confirmar tais reflexões, salientamos o conteúdo da *Aula 1*:

[...] a geografia não se limita ao estudo do que ocorre *na* superfície, mas também *sob* ela e *acima* dela; estuda o globo terrestre nos conjuntos planetário e extra-planetário de que ele faz parte; aborda tanto os aspectos físicos como os humanos e sociais; busca a explicação dos fatos não só no presente, mas também no passado, já que eles têm sempre uma origem histórica, cuja compreensão é necessária.

A geografia tem, portanto, um campo de interesses bastante abrangente e complexo. E, por isso mesmo, existe divisão de trabalho dentro da própria geografia, com linhas de estudos especializados, enfocando um ou mais aspectos de interesse.

Assim, a chamada *geografia física* pode estudar os rios, o clima e o relevo existentes numa certa área, cada um em separado ou todos em conjunto. A *geografia humana* pode realizar, na mesma área, estudos sobre a população, a agricultura, a indústria e o comércio – também em separado ou conjuntamente. Por outro lado, todos esses aspectos – e outros mais, inclusive externos à área – podem ser estudados de maneira integrada, para a explicação do conjunto.

E qualquer um desses estudos, com enfoques parciais ou globais, são *estudos geográficos*, ou seja, de busca do conhecimento da realidade através da disciplina científica chamada geografia.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1989, p.7-8, grifos do autor)

A *aula 1* tem como tema central “*A geografia como conhecimento científico*”, cujas subdivisões são “*O conhecimento individual*”, “*O conhecimento coletivo*”, “*A divisão do trabalho científico*”, “*A geografia como disciplina científica*”. Nela podemos identificar o conceito que denominamos Geografia da realidade.

A presença do dinamismo apontado na realidade vivida e “experienciada” pelo **HOMEM** nos possibilita a verificação de uma realidade que se torna complexa à medida que buscamos explicações plausíveis para a interpretação de fatos que a constituem. Os “estudos geográficos” apontados no fragmento transcrito se encarregam de explicar os fatos e fenômenos cotidianos, reforçando a presença de elementos que confirmam a importância das relações estabelecidas entre homem e

espaço geográfico. Neste espaço prevalece a ação humana e, portanto, a existência de elementos que se constituem a partir da transformação produzida pelo **HOMEM**. Esta transformação é observada nas ações humanas, mas, principalmente, nas imagens que passam a constituir o mundo em que vivemos.

Representando a realidade das pessoas, as imagens se tornam fundamentais na (re)interpretação do mundo. Assim, o **HOMEM** interpreta sua realidade de maneira única, caracterizando sua visão do mundo a partir de uma compreensão que agrega valores próprios a sua formação.

A partir do momento em que observamos a presença da Geografia da realidade, decorre desta mesma observação a existência da realidade geográfica. É comum considerarmos que tudo o que é real é verdadeiro. Então, tomando como referência tal afirmação, compreendemos que *a realidade se torna geográfica quando consideramos a atuação humana transformando o espaço e garantindo a adequação da vida às condições impostas ao homem*. Sua realidade se torna a realidade do mundo. Sua realidade se torna a realidade geográfica.

Para qualquer referência sobre a Geografia da realidade e a realidade geográfica, a compreensão sobre a importância do método científico – já abordado em momento anterior – bem como da ciência geográfica se torna indispensável.

A *aula 1*, que tomamos como referência neste momento da tese, nos permite observar a necessidade de explicação desta condição na realidade do telealuno. Geralmente, trabalhador e operário braçal, suas fontes de conhecimento não ultrapassam o que se considera senso comum. No entanto, sua sabedoria merece destaque, pois sua sobrevivência foi assegurada a partir de sua capacidade de observar, entender, compreender e (re)interpretar o mundo em que vive. Neste sentido, concordamos com Sagan (2006, p. 48), quando afirma que “a ciência pode ser difícil de entender. Pode desafiar opiniões que nutrimos”.

Esta afirmação nos remete a algumas reflexões. Entre elas, confirma a necessidade das explicações científicas sem promover nosso afastamento da realidade constituída pela sabedoria popular.

A interpretação da realidade geográfica manifesta as diferentes visões do mundo e interpretações do homem sobre o espaço geográfico, mesmo que não esteja ao seu alcance a explicação científica dos fenômenos presentes neste ambiente.

Retomando as idéias de Sagan (2006, p.50), observamos que as dúvidas e a submissão de ideias ao processo de análise também se fundamentam na apreciação e interpretação da realidade. Porém, vale ressaltar que sua realidade difere de outras, decorrentes de outras formas de interpretação do mundo:

O processo da ciência pode parecer confuso e desordenado. De certo modo, ele é. Se a ciência é examinada em seu aspecto cotidiano, é claro que se descobre que os cientistas experimentam toda gama de emoção, personalidade e caráter humanos. Mas há uma faceta realmente extraordinária para quem está de fora: o grau de crítica considerado aceitável ou até desejável. [...]

Associando tais ideias com as reflexões até aqui apresentadas, podemos estabelecer uma comparação entre as ideias do autor e a questão que configura a pesquisa pretendida: se os cientistas são submetidos a questionamentos que refletem sua realidade, repleta de imagens próprias às suas visões do mundo, as possibilidades de interpretação que consideramos para a busca de prováveis respostas às questões que propomos também provocam a existência de críticas que podem ou não ser aceitas ou mesmo desejáveis.

A cada (re)interpretação da realidade surge uma imagem que carrega consigo valores subjacentes a uma determinada ideologia e, portanto, se torna única. Esta peculiaridade inerente às imagens assegura a presença da ideologia, capaz de permitir às pessoas acreditarem que são livres e até mesmo autônomas. Esta “falsa” autonomia se torna condição indispensável para a confirmação de nossa aceitação e submissão, já apontadas em momento anterior.

Pensar, neste sentido, em uma Geografia da realidade implica, necessariamente, a possibilidade de compreensão de uma ciência capaz de atender às necessidades próprias, peculiares a cada situação observada, promovendo a existência da realidade geográfica, também “singular”, peculiar e, portanto, única. Seriam estes dois conceitos elementos capazes de modificar a visão exposta, pois configuram a necessidade de atuação do **HOMEM**, contradizendo a presença da aceitação e da submissão.

Retomando as aulas do TC 2000, a *aula 2* intitula-se “*O estudo da Terra*”, subdividindo-se em “*Um interesse muito antigo*”, onde o homem é descrito, sucintamente, a partir da análise de registros e de seu interesse pelos fenômenos

naturais. A Geografia é considerada como disciplina científica, e, de acordo com o texto apresentado pela apostila, é denominada “ciência ocidental”.

Esta “separação” entre diferentes paradigmas assegurou, por muito tempo, a extrema valorização do mundo ocidental. Apenas o que era cientificamente comprovado era considerado verdadeiro e válido.

Na mesma aula, também são abordados temas como “*A época das grandes navegações e a geografia*”, “*As subdivisões da geografia*”, “*As relações entre as disciplinas científicas*” e “*Geografia e planejamento*”.

Observando cada subtítulo descrito, é possível identificar a relação entre homem e espaço geográfico, bem como entender a Geografia como ciência necessária à compreensão do mundo. Os mesmos subtítulos também carregam consigo a presença da Geografia da realidade e da realidade geográfica, valorizando as condições reais de sobrevivência às quais todos são submetidos, assim como as peculiaridades de cada indivíduo.

Cada indivíduo tem sua importância, pois age, continuamente, promovendo as transformações que ocorrem no mundo. Por este motivo, podemos retomar as ideias de Santos (2004, p.23), quando afirma que “[...] a universalização não suprime os particularismos [...]”, confirmando o que expressamos até o momento.

A presença de “particularidades”, por exemplo, nos remete a considerar o subtítulo *Geografia e planejamento* para uma observação sobre a importância da compreensão desta ciência em situações que nos remetem aos conceitos que conduzem nosso questionamento. Para tanto, devemos considerar o seguinte fragmento:

É fácil perceber que a complexidade de cada assunto é grande e não há *uma* disciplina científica que, sozinha, possa estudá-los em profundidade e em todos os seus aspectos.

[...]

Finalmente, é importante ressaltar que o trabalho científico *deve sempre aproximar-se o mais possível da realidade*, sem o que os resultados obtidos perdem seu significado de utilidade. Isso vale tanto para os estudos voltados para a explicação de como e por que ocorrem os fatos naturais e históricos na Terra, quanto para a aplicação dos conhecimentos adquiridos em esforços de mudança intencional de diferentes aspectos da realidade de nosso planeta.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1989, p.15, grifos do autor)

Associando tais ideias às nossas reflexões, podemos interpretar a importância da Geografia na sua condição de ciência que permite a interpretação da realidade de forma simples e verdadeira, pois deve ser próxima do que conhecemos, do que constitui nossa própria realidade.

A Geografia é uma ciência que se aproxima da realidade, pois se constitui como um produto histórico, resultante das diferentes relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico, bem como dos homens entre si.

Entretanto, considerando as reflexões que realizamos até este momento, observamos que a Geografia está sujeita a profundas modificações, em função de sua capacidade de abrangência dos diferentes ramos do conhecimento e de sua presença na vida cotidiana das pessoas. Nesse sentido, Moraes e Costa (1984, p. 25) apontam uma análise fundamental às nossas interpretações:

[...] a Geografia tradicional foi quase que totalmente dominada pelo positivismo. Sua discussão passou ao largo de várias outras vertentes metodológicas da ciência moderna. Há, desse modo, caminhos quanto ao método não trilhados pelos geógrafos, que deverão ser agora revelados no processo de construção da Geografia do devir.

As reflexões apresentadas, de certa forma, confirmam a presença de uma Geografia da realidade e também da realidade geográfica.

A Geografia tem em sua história momentos que merecem nossa atenção nesta tese. Assumindo como tendência a corrente tradicional, se instituiu como uma Geografia soberana, que prevaleceu nas diferentes formas de conhecimento a partir de uma interpretação do mundo, por vezes, inadequada. Na condição de ciência de síntese, ser tradicional, positivista, se torna uma condição adequada, contrariando a caracterização atribuída à sua interpretação do mundo.

No tocante ao ensino desta disciplina, observamos que:

Os saberes da Geografia [...] sempre estiveram presentes nos currículos escolares do Brasil. As formas de ensiná-los, da mesma forma que a ciência, têm se transformado para estar em conexão com o tempo em que vivemos, para poder explicar as relações que se estabelecem entre a sociedade e a natureza, fonte geradora da organização espacial [...].
(OLIVEIRA, apud TRINDADE; CHIAPETTI, 2007, p.46)

O ensino desta disciplina, neste contexto, pode ser comparado com os processos de (re)leitura e (re)interpretação da realidade, que se manifestam nas

imagens elaboradas e/ou evocadas a partir destas ações tipicamente humanas, frutos da atividade cognitiva.

Tais considerações nos permitem observar que, a exemplo do conhecimento científico, na condição de ciência e na condição de disciplina escolar a Geografia se caracteriza pelo mesmo dinamismo que identificamos e apontamos como fator constituinte da realidade dinâmica em que vivemos e à qual submetemos nossas ações.

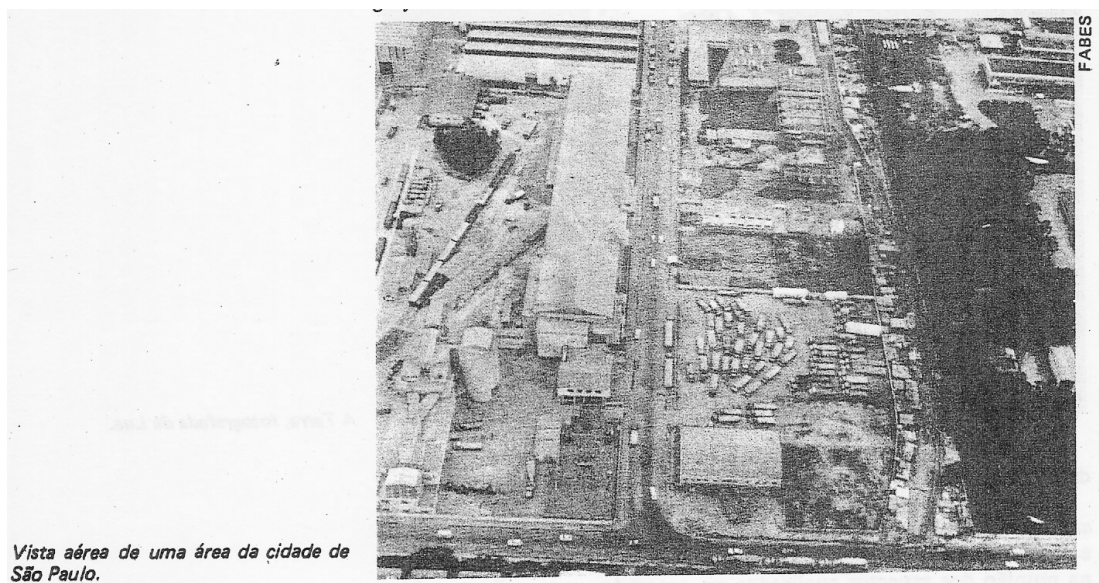
Numa outra perspectiva, temos a Geografia radical ou crítica, considerando os espaços materiais – concretos – e, portanto, as relações sociais e espaciais que representam as lutas de classes sociais, a partir de estudos que versam sobre os modos de produção e reprodução, conforme Pontuschka, Paganelli e Cacete (2007).

A Geografia radical ou crítica se torna, então, mais próxima da Geografia da realidade. Pode ser identificada quando Moraes e Costa (1984) apontam o processo de construção da Geografia do devir com a função de expressar novos caminhos na busca pelo conhecimento geográfico, sob os moldes e padrões científicos, fato que não anula o avanço do conhecimento, ao contrário, assegura sua permanência. Como certeza desta situação, temos o produto: a realidade geográfica. Esta nova realidade, então, representaria a concretização de uma nova Geografia, capaz de configurar o que realmente constitui a vida das pessoas e, por isso, capaz, também, de considerar novas formas de busca pelo conhecimento geográfico.

Ainda fundamentando nossas reflexões nas ideias expressas pelos autores, concordamos com Moraes e Costa quando afirmam que “o compromisso do cientista só pode ser com o real” (1984, p.30).

Na *aula 3*, temos uma análise do próprio espaço geográfico a partir dos instrumentos de análise que dispomos para (re)conhecimento do local no qual vivemos. Seu tema é “*Ferramentas básicas da geografia*” e, dentre os pequenos textos didáticos que podem ser considerados explicativos, temos a seguinte subdivisão: “*Técnicas e processos apropriados*”, “*A cartografia*”, “*As coordenadas geográficas: paralelos e meridianos*”, “*Escalas e tipos de mapas*”, “*Outras formas de representação gráfica*”.

FIGURA 4



Fonte: Fundação Roberto Marinho, 1989, p.18.

A cidade de São Paulo pode ser considerada um elemento fundamental na (re)leitura e (re)interpretação realizadas pelo *"leitor do mundo"*, considerando neste momento o "sertanejo aluno do TC 2000". Seduzido pela possibilidade de conquistar, na cidade grande, uma melhor condição de vida, este **HOMEM** carrega consigo imagens mentais que simbolizam a realização de um sonho. Distante desta possibilidade de interpretação, as imagens apresentadas nos textos didáticos não se aproximam desta elaboração e/ou evocação de imagens, pois retratam de forma "prática", "simplista", e até mesmo "reducionista" a vista aérea da cidade, associada ao emprego de técnicas próprias à ciência geográfica.

Devido a esta condição, temos a presença da subjetividade reforçada nas imagens que caracterizam a (re)interpretação da realidade como elemento fundamental em nossa perspectiva de análise.

Neste momento, é necessário considerarmos, novamente, que a Geografia parte do pontual para o geral. A Geografia tradicional é fundamentada em paradigmas positivistas, cuja pesquisa evoluiu no século XX. No entanto, é importante observarmos também que esse processo foi tardio para a Geografia, se comparamos tal ciência à Física, por exemplo.

As análises, sob uma perspectiva tradicional, consideram as especificidades após uma ênfase nas generalidades que constituem a realidade

observada. O caminho percorrido pela ciência geográfica nos permite identificar como a realidade interfere na elaboração do conhecimento científico, considerado verdadeiro. Novas informações e/ou informações que diferem dos conceitos “aceitáveis” retratam a busca pelo rompimento com tal postura, como podemos observar:

[...] não há nada de estranho que a Geografia hoje, vivendo o limiar de uma nova concepção, vá buscar inspiração em escritos extrageográficos. A fidelidade a uma tradição pode ser o critério para o avanço, pois inibe a criatividade, logo, a possibilidade de pensar o momento.

(MORAES; COSTA, 1984, p.18)

A abordagem verificada e apresentada ao leitor desta tese conduz nossos questionamentos de forma a considerar como a ciência geográfica se constitui de forma “criativa”. Esta criatividade se concretiza na medida em que o avanço do conhecimento induz nossa compreensão sobre uma realidade que apresenta um novo perfil, que nos permite observar de que maneira a realidade que constitui nossas vidas afeta nossa compreensão e (re)interpretação do mundo.

Na *aula 4*, intitulada “*O estudo da ação humana*”, são abordados os tópicos: “*Trabalho humano: agente de transformação*”, “*Os meios de produção*”, “*A divisão social do trabalho*”, “*O geral e o específico*”. Tais subtítulos nos permitem observar a presença de abordagens que retratam uma realidade “comum” às pessoas.

Esta consideração deve ser interpretada quando o cotidiano das pessoas é tomado como elemento de análise, em função de sua relação com o espaço geográfico. O trabalho humano, atividade dinâmica e presente no mundo, simboliza a atuação das pessoas e também o modo de produção que caracteriza uma sociedade em uma determinada época.

Atualmente, a tecnologia comanda os rumos da economia mundial e esta afirmação nos permite observar como a própria organização do espaço é influenciada. Assim, conforme Santos (2004, p.65):

Uma mudança radical na organização atual do espaço só é possível em duas hipóteses: 1. Com a modificação da natureza das relações do Estado com o sistema internacional; 2. Com a mudança do próprio sistema internacional.

O espaço geográfico, então, concretiza a existência da Geografia da realidade e da realidade geográfica constituindo o mundo. A proposta pedagógica do TC 2000 é a de que os telealunos compreendam a realidade a partir de suas interpretações e observações, confirmando a presença de sua visão do mundo. Porém, os textos didáticos priorizam a transmissão de conceitos e informações que contrariam a lógica apresentada nesta visão, pois consideram com naturalidade a hierarquia social estabelecida a partir da *divisão social do trabalho*:

Muitos dos grandes problemas hoje existentes estão ligados às questões de acesso aos meios de produção, de possibilidade de utilizá-los e de distribuição e consumo dos produtos obtidos. Exemplo disso, no mundo atual, é a discussão que existe em torno dos chamados sistemas econômicos e sociais capitalista e socialista.

No sistema capitalista, o acesso aos meios de produção está, quase sempre, sujeito às normas da propriedade privada, ou seja, ao direito de propriedade de determinados meios de produção por uma ou mais pessoas. Nesse sistema, cabe a cada um ou a cada grupo decidir sobre a utilização desses meios. E cabe ao Estado, através do seu governo, o papel regulador e fiscalizador do funcionamento do sistema, com maior ou menor participação do conjunto da população nesse processo.

No sistema socialista, o acesso aos meios de produção se dá através da propriedade coletiva dos meios de produção, exercida através do Estado e do seu governo. É este que determina o uso desses meios, de acordo com o interesse coletivo.

Qual a relação desses conceitos com a geografia?

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1989, p.27)

A questão que finaliza o fragmento transcrito possibilita tanto o prosseguimento quanto o aprofundamento de nossas reflexões. Quando consideramos a relação dos conceitos apresentados como elementos da aula proposta com a ciência geográfica, confirmamos a necessidade de compreensão das dinâmicas relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico. Além disso, ao interpretarmos a realidade a partir de tais informações, compreendemos a importância de tais relações para a constituição da Geografia da realidade e da realidade geográfica.

A organização mundial estabelecida a partir dos sistemas econômicos e sociais capitalistas e socialistas, apontada no fragmento transcrito, nos permite observar a organização do espaço geográfico a partir das interferências resultantes da ação humana e de diferentes modos de produção. Neste sentido, as ideias de Santos (2004), apresentadas anteriormente, nos permitem a confirmação destas

considerações, ao mesmo tempo em que contradizem a possibilidade de transformação expressa com a “[...] mudança do próprio sistema internacional”.

Neste momento, não apresentaremos uma comparação das aulas editadas no material pedagógico do TC 2000 editado em 1996, pois o mesmo é abordado em outros momentos desta tese, que julgamos mais oportunos e necessários como esclarecimento.

Para finalizar estas considerações iniciais, a *aula 5* tem como tema central “*As necessidades dos homens*”, enfocando “*O mais complexo dos seres vivos*”, “*A agricultura e a divisão do trabalho*”, “*A divisão do trabalho na sociedade atual*” e “*Os três setores da atividade econômica*”. Em linhas gerais, podemos verificar que a *aula 5* retoma a atuação das pessoas como condição indispensável à interpretação da realidade que vivem e “experimentam”.

Alguns aspectos já abordados merecem destaque neste momento:

- 1º) As apostilas de Geografia do TC 2000 constituem nosso referencial de texto didático. Neste sentido, é importante salientar que todo texto didático abarca consigo uma gama de valores, que denotam a presença da ideologia dominante correspondente a cada momento histórico. Seu conteúdo, semelhante no tocante às características da Geografia tradicional (positivista), assume a função de difusão de um conhecimento “pronto”, “acabado” e, como é considerado cientificamente correto, deve ser entendido como incontestável.

Este primeiro aspecto considerado nos permite a retomada das ideias expressas por Moraes e Costa (1984, p. 20-21):

[...] é só de ruptura o momento atual da Geografia? Não existe qualquer tipo de laço com as formulações tradicionais? Por que falar, então, de Geografia? São dúvidas bastante pertinentes [...].

Em primeiro lugar, deve-se lembrar a existência de uma grande inércia nos sistemas e aparatos institucionais de produção e difusão da ciência. O espaço existente para a formulação de novas propostas é o herdado do passado, isto é, organizado em função das concepções então dominantes. A velocidade de alterações das instituições científicas é bem menor que a observada no plano do conhecimento. Isso leva, realmente, a defasagens entre rótulos e conteúdos. Os rótulos, com destaque para a realização da pesquisa e discussão a respeito de conjuntos de temas delimitados. [...]

Entendemos que a questão dos rótulos é secundária, se bem que não desprezível. O critério para se avaliar um estudo não pode ser o de sua fidelidade a uma rotulação, em si mesma passível de controvérsias (vide a

polêmica em torno do objeto, no âmbito estrito da Geografia tradicional). Um critério mais adequado é o da relevância social daqueles estudos ou o do seu valor intrínseco para o desenvolvimento da ciência. [...]

Interpretar a importância dos critérios para a avaliação de um estudo é um primeiro passo para o reconhecimento de um conceito, bem como de sua validação. Quando consideramos o texto didático semelhante, “próximo” à Geografia tradicional, temos a possibilidade de verificar como o conhecimento fundamentado em aspectos positivistas assume a função de determinar o que e como é transmitido, enfatizando uma ordem lógica, inquestionável.

A própria ciência geográfica, como sabemos, enfrentou momentos de crise na elaboração de concepções que, de certa forma, tentavam superar tal paradigma.

Ao afirmarem que a fidelidade não pode ser considerada como fundamentação para a avaliação de um estudo geográfico, Moraes e Costa (1984) confirmam a vasta abrangência que a ciência geográfica possui em relação aos demais ramos do conhecimento e também à realidade das pessoas, o que também confirma a presença dos conceitos que tentamos definir: da Geografia da realidade e da realidade geográfica.

Uma postura mais crítica pode ser interpretada como essencial para esta nova abordagem, pois permite que os conceitos geográficos já consolidados não “percam” sua validade, mas sejam adequados a novas visões do mundo.

2º) O texto literário representado pela obra “Os Sertões”, de Euclides da Cunha, também é estruturado de forma a corresponder à linearidade positivista, fato que o torna passível de uma compreensão direcionada. Esta forma de compreensão pode ser melhor entendida se retermos nossa capacidade de análise e síntese das ideias expressas pelo autor, quando observamos sua visão preconceituosa, expressando sua visão “determinista fatalista”. No entanto, esta condição pode ser considerada desfeita quando observamos que a excessiva adjetivação de seu texto – característica que determina sua condição de texto “sedutor” do leitor – conduz a curiosidade do receptor das mensagens expressas nas linhas e entrelinhas de sua escrita. O leitor, aguçado pela curiosidade, busca conhecer o significado de palavras que passam a integrar sua “realidade”, adquirindo novo(s) conhecimento(s).

- 3º) Estabelecendo uma comparação entre os dois textos relacionados, não podemos desconsiderar os textos que constituem as apostilas de Geografia, Ensino Médio, do TC 2000, editadas em 1996. Neste material, verificamos que as aulas também são estruturadas correspondendo a uma linearidade, que tem como objetivo principal assegurar a formação de uma mentalidade que atenda aos interesses majoritários de uma sociedade que, ao menos legalmente, é considerada democrática e igualitária, no sentido de oferecer condições a todos os indivíduos. No entanto, esta sociedade é submetida à “falsa consciência”, ideologia que também abordamos nesta tese.
- 4º) Quando consideramos as imagens como produtos de nossa própria interpretação do real e, portanto, resultados de nossa busca pelo conhecimento, podemos fundamentar nossas reflexões em Tuan (1980, p.64), o qual afirma que para “[...] ver a paisagem requer, antes de tudo, a habilidade de fazer distinção nítida entre o eu e os outros”.

As considerações de Tuan nos permitem identificar a realidade como o elemento fundamental ao reflexo das imagens que são elaboradas e/ou evocadas pela mente humana, além de compreendidas pelo homem a partir de seus processos cognitivos, que caracterizam sua peculiar atividade: o raciocínio. Neste sentido, a maneira pela qual compreende e interpreta o espaço geográfico torna sua realidade tão peculiar quanto sua própria capacidade intelectual. Além disso, confirmando reflexões anteriormente apresentadas, observamos também que “[...] as imagens mudam à medida em que as pessoas adquirem novos interesses e poder” (TUAN, 1980, p.137).

Em relação ao 1.º tópico, observamos como os valores implícitos nos textos didáticos considerados neste estudo determinam tanto a possibilidade quanto a impossibilidade de rupturas em relação ao conhecimento científico, considerado, academicamente, como verdadeiro.

A linearidade que apontamos no 2.º tópico nos permite identificar como a visão de Euclides da Cunha retrata a aceitação que apontamos tanto em nosso projeto de pesquisa como em momentos da concretização da tese, principalmente se considerarmos a presença do “*pseudocidadão*”.

Um “*pseudocidadão*”, em nosso entendimento, pode ser representado por imagens de um **HOMEM** suscetível às imposições de uma sociedade já consolidada, não vivendo conforme suas vontades, desejos e aspirações. Temos, neste contexto, um **HOMEM** incapaz de reagir a um mundo dinâmico, pois esta realidade dinâmica apenas lhe impõe o que e como fazer. Apesar de afirmarmos que o espaço geográfico é produto da ação humana, não há como desconsiderar a “*força e a imposição*” de uma ideologia.

Em outras palavras, observamos que, imerso em um mundo que se constitui – como já afirmamos – em uma realidade dinâmica –, este “*pseudocidadão*” se torna presente quando verificamos que todos nós, sem qualquer exceção, nos submetemos a uma ideologia, que também se denomina “falsa consciência”.

Diante de dois conceitos que expressam uma visão “mascarada” daquilo que observamos e vivemos, temos tanto no “*pseudocidadão*” quanto na “falsa consciência” a presença de elementos que asseguram o controle expresso nos ideais positivistas. Reafirmando a força do conhecimento científico, promovem a ordem e a manutenção de uma sociedade já consolidada. Não seria possível, sob esta perspectiva, permitir a ocorrência de transformações expressas em novas formas de interpretação da realidade. Por este motivo, compreendemos que o “*pseudocidadão*” se manifesta na figura de um **HOMEM** diferente do leitor do mundo, pois acredita que se encontra inserido em um mundo repleto de valores que lhe são peculiares e acolhedores.

O sentido buscado para esta última consideração se resume na possibilidade de um entendimento sobre a condição de aceitação. Apto a observar a realidade com um olhar que podemos caracterizar como treinado, temos neste **HOMEM** a figura de um indivíduo pronto para receber informações. Seus questionamentos podem ser compreendidos como uma confirmação da realidade, ou seja, nem são questionamentos. Retratam imagens da ordem, pois expressam apenas um discurso que acredita, literalmente, estar contribuindo com as situações que se manifestam na nova sociedade que se constitui cotidianamente. Como resposta a esta afirmação, temos um **HOMEM** voltado ao atendimento de uma ordem hierárquica e histórica, que satisfaz interesses majoritários, distantes de sua realidade.

Contraditoriamente, este “*pseudocidadão*”, apesar de aceitar condições impostas à sua realidade, (re)interpreta o mundo, (re)constrói seu conhecimento e,

portanto, (re)conhece uma nova realidade. Em outras palavras, a realidade geográfica se manifesta na possibilidade de criação, de elaboração de uma Geografia da realidade, pelo simples fato de conduzir a interpretação humana sobre o espaço geográfico: as paisagens produzidas, transformadas pela ação humana são “[...] uma construção da mente [...]” (TUAN, 2005, p.12).

Em suma, a linearidade que apontamos como elemento, no 2.º tópico, também se manifesta no 3.º tópico de forma diferente. Enquanto o 2.º tópico caracteriza a aceitação expressa nas condições de sobrevivência impostas pela realidade dos habitantes de Canudos, no 3.º tópico esta mesma aceitação se manifesta por meio do processo de (re)transmissão de conceitos que visam, objetivamente, a partir do texto didático, inculcar valores e padrões a serem assimilados e, portanto, aceitos pelas pessoas.

Tais considerações nos permitem comparar diferentes textos, que nos conduzem ao entendimento da capacidade de interpretação humana como elemento fundamental na elaboração e/ou evocação de imagens que caracterizam o que vivemos e, portanto, constituem nossa própria realidade. Criamos, tomamos como base o novo e, então, nos encontramos diante de uma Geografia da realidade e de uma realidade geográfica.

Certamente o texto de Euclides da Cunha não foi escrito com o propósito de se tornar “pedagógico”. Porém, esta possibilidade se concretiza quando verificamos que seu conteúdo nos fornece uma leitura que prioriza a realidade humana, sob o ponto de vista de uma visão cartesiana do mundo. É por este motivo que o material foi selecionado para a análise proposta, pois em suas linhas e entrelinhas temos a possibilidade de observar aspectos que identificam e determinam as diferentes formas de integração entre homem e espaço geográfico. Considerando que o mesmo é subdividido em três partes – já citadas anteriormente – observamos que a segunda parte é de fundamental importância para a análise pretendida.

Sua segunda parte, “*O Homem*”, nos permite observar tanto como a ação humana interfere no espaço geográfico quanto como o espaço geográfico interfere na ação humana. Em nosso entendimento, este segundo aspecto se torna mais relevante e, até mesmo, mais interessante que o primeiro, pois nos permite observar como uma “nova realidade” é construída a partir das condições e adequações do homem às condições impostas pelas características do ambiente:

Chegavam estropiados da jornada longa, mas felizes. Acampavam à gandaia pelo alto dos cômoros. À noite acendiam-se as fogueiras nos pousos dos peregrinos relentados. Uma faixa fulgurante enlaçava o arraial; e, uníssonas, entrecruzavam-se, ressoando nos pousos e nas casas, as vozes da multidão penitente, na melopéia plangente dos benditos.

Ao clarear da manhã entregavam-se à azáfama da construção dos casebres. Estes, a princípio apinhando-se próximos à depressão em que se erigia a primitiva igreja, e descendo desnivelados ao viés das encostas breves até ao rio, começaram a salpintar, esparsos, o terreno rugado, mais longe.

Construções ligeiras, distantes do núcleo compacto da casaria, pareciam obedecer ao traçado de um plano de defesa. [...]

Porque a cidade selvagem, desde o princípio, tinha em torno, acompanhando-a no crescimento rápido, um círculo formidável de trincheiras cavadas em todos os pendores, enfiando todas as veredas, planos de fogo volvidos, rasantes com o chão, para todos os rumos. Veladas por touceiras inextricáveis de macambiras ou lascas de pedra, não se revelavam à distância. Vindo do levante, o viajor que as abeirasse, ao divisar, esparsas sobre os cerros, as choupanas exíguas à maneira de guaritas, acreditaria topar uma rancharia esparsa de vaqueiros inofensivos. Atingia, de repente, a casaria compacta, surpreso, como se caísse numa tocaia.

(CUNHA, 1984, p.127)

Como podemos identificar no fragmento, a construção de moradias ocorria de acordo com as condições do lugar, mas, simultaneamente, atendia a uma necessidade maior, “funcionando como emboscada” ao intruso. Em outras palavras, a descrição euclidiana nos permite elaborar e/ou evocar imagens que refletem a integração homem e espaço geográfico, constituídas a partir de elementos presentes na Geografia da realidade e na realidade geográfica do sertanejo, segundo a visão de Euclides da Cunha.

Se considerarmos a Geografia da realidade, verificaremos que as condições de estabelecimento de moradia fixa acabam promovendo a identificação de imagens que nos permitem conhecer o perfil físico do local. Nesta mesma perspectiva, a realidade geográfica se faz presente porque decorre da Geografia da realidade e assegura a possibilidade de análise de uma nova realidade, fundamentada nas “novas” condições que o local abarca a partir da apropriação humana e de sua adequação às necessidades expressas pelos indivíduos que constituem o grupo social ali estabelecido. Podemos, então, concordar com Santos (2004, p.25), quando afirma que “[...] é a unidade dos acontecimentos e a cumplicidade das formas que perfazem a unidade do espaço. [...]”.

Para comparar tal condição com os textos de caráter didático, podemos considerar um fragmento da *Aula 5*:

Fisicamente fraco em relação ao meio natural, o homem desenvolveu formas muito especiais de garantir sua sobrevivência e a conservação da espécie, ou seja, garantir a vida dos filhos, dos netos e das gerações futuras.

Por isso, organizou-se em grupos de modo a poder obter da natureza, ou reproduzir com os recursos tirados dela, *bens* para sua sobrevivência. Para que isso fosse possível, os homens sempre precisaram trabalhar.

[...]

Com o passar do tempo, os homens tiveram de inventar e produzir instrumentos como lanças, arco e flecha e machados de pedra, para se dedicarem à caça, à pesca e ao pastoreio. Pouco a pouco, essas sociedades de caçadores e pastores foram se aperfeiçoando, inventando novas ferramentas e abrindo o caminho para que novas atividades surgissem.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1989, p.31, grifos do autor)

A descrição da atividade humana no texto didático assume caráter diferente dos aspectos que identificamos e apontamos no fragmento de “Os Sertões” (1989) e na breve afirmação de Santos (2004).

Em “Os Sertões” identificamos a ação humana como fator determinante para a compreensão e também a identificação tanto da Geografia da realidade quanto da realidade geográfica, como elementos fundamentais ao estabelecimento das imagens que evocamos e/ou elaboramos a partir da situação descrita. Na obra de Santos (2004), verificamos como o autor define a ideia de unidade do espaço. No entanto, quando nos deparamos com o fragmento do texto didático, podemos observar que a Geografia da realidade ou a realidade geográfica inerente à sua condição implicam na aceitação de um desenvolvimento “lógico”, linear e, portanto, correspondente aos ideais positivistas. A interpretação da sociedade descrita a partir das condições estabelecidas pela adaptação do homem ao espaço geográfico constitui imagens da “aceitação”, da presença de um homem que age em função de atendimento de suas necessidades básicas, que nem sempre são supridas.

Assim, não se trata de sua superação ser resultante de um desejo, de uma vontade de conquistar uma “nova” condição de sobrevivência. A superação apontada pode ser compreendida como uma condição inerente às sociedades atuais. Neste sentido, Santos (2004, p.29-30) nos permite compreender que:

[...] O espaço, soma dos resultados da intervenção humana sobre a terra, é formado pelo espaço construído que é também espaço produtivo, pelo espaço construído que é apenas uma expectativa, primeira ou segunda, de uma atividade produtiva, e ainda pelo espaço não-construído, mas suscetível – face ao avanço da ciência e das técnicas e às necessidades econômicas e políticas ou simplesmente militares – de tornar-se um valor,

não-específico ou particular, mas universal, como os da mercadoria de mercado mundial. [...] o espaço se converte numa gama de especulações de ordem econômica, ideológica, política, isoladamente ou em conjunto. [...]

Este espaço descrito por Santos (2004) caracteriza, de forma adequada, as sociedades cujo modo de produção capitalista domina o cenário mundial atualmente. No entanto, é necessário considerarmos que “a ação produtiva dos homens, porém, não se dá pela somatória dos trabalhos individuais ou pela reunião arbitrária desses indivíduos”, conforme Moraes e Costa (1984, p.61).

Se o espaço geográfico assume a condição de elemento fundamental na interpretação de imagens que elaboramos e/ou evocamos a partir da interpretação do conhecimento, a Geografia da realidade e a realidade geográfica se tornam conceitos decorrentes desta interpretação.

As relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico merecem algumas considerações. Inicialmente, é necessário observar que a transformação do espaço geográfico ocorre em função da interferência humana, ou seja, da ação que é denominada trabalho.

As transformações observadas não são “recentes”. Ao contrário, decorrem de todo um processo de desenvolvimento, ao qual o homem foi submetido. Tal submissão resultou na profunda relação entre homem e natureza. A partir do que propomos buscar como entendimento para os conceitos de Geografia da realidade e realidade geográfica, compreendemos que esta profunda relação expressa que “a quase ausência de separação entre homem e a natureza nesses casos determina aos grupos sociais a busca intermitente de novos espaços [...]” (MORAES; COSTA, 1984, p.77).

Tais afirmações nos possibilitam observar que a ciência geográfica ultrapassa quaisquer barreiras que, incompreendidas, se tornam problemas na compreensão da realidade, pois necessitam da superação de conceitos que, por vezes, não correspondem à realidade observada e/ou vivida pelas pessoas.

Em outras palavras, compreendemos que a Geografia da realidade representa a possibilidade de interpretação da realidade a partir da aceitação de novas formas de interpretação, representando, talvez, a mesma situação enfrentada pelos geógrafos tradicionais quando a Geografia crítica conquista seu espaço na busca pelo conhecimento.

A valorização do conhecimento das pessoas, também denominado senso comum, nos conduz à observação de aspectos que, aos olhos da ciência, são desconsiderados. Neste sentido, compreender o espaço habitado pelo homem vai além da compreensão do conceito de espaço, pois, na maioria das vezes, observamos que “a palavra espaço é de uso corrente, sendo utilizada tanto no dia-a-dia como nas diversas ciências” (CORRÊA, apud CASTRO; GOMES; CORRÊA, 1995, p.16).

Conforme informamos na introdução desta tese, nossa análise não tem como objetivo definir ou discutir definições sobre o espaço geográfico, mas não podemos desconsiderar a necessidade de confrontar sua existência e sua interpretação.

À sua existência compete a simplicidade. Sua presença em nossas vidas pode, até mesmo, fazer com que o espaço não seja percebido ou não mereça a importância necessária. Já à sua interpretação compete a complexidade, inerente às diversas tentativas de compreensão e explicação. Tentamos, incansavelmente, encontrar explicações para algo que é presente em nossas vidas.

Esta simplicidade apontada em elementos que são presentes em nossas vidas pode ser compreendida como um fator que possibilita a elaboração de imagens sobre a realidade vivida. Eis um primeiro momento em que apontamos a presença dos elementos que constituem nosso questionamento de forma concreta.

Porém, como em cada época prevalece uma visão do mundo, além de observarmos tal visão nas diferentes informações encontradas nos textos de caráter didático e literário, verificamos que o espaço é valorizado de acordo com as características momentâneas, e que “[...] os momentos, as formas, as qualidades do processo de valorização do espaço adquirem também características novas. [...]” (MORAES; COSTA, 1984, p.168).

Em muitos momentos, muitos conceitos geográficos podem ser confundidos. Se considerarmos o termo espaço geográfico, observaremos que ele também se refere aos conceitos de lugar e território. Para as interpretações de lugar são reservadas compreensões da realidade que valorizam a afetividade. Então, considerar a valorização do espaço, neste sentido, implica na possibilidade de aceitação do novo, do real, que passa a constituir o cotidiano das pessoas.

Observar as imagens que podemos elaborar e/ou evocar quando interpretamos o conhecimento a partir das informações contidas nos textos

confirmam a realidade que constitui nossas vidas, expressa na Geografia da realidade e na realidade geográfica.

CAPÍTULO 4

A CONSTITUIÇÃO DAS IMAGENS NO ENSINO DA GEOGRAFIA: a busca do conhecimento na interpretação da realidade

O ensino da Geografia passa por modificações, tal como os elementos que constituem tanto as paisagens naturais quanto as paisagens “humanizadas”, ou seja, construídas pelo homem, pois, de acordo com Andrade (1987, p.17), “[...] a Geografia, estudando as relações entre a Sociedade e a Natureza, tem um objeto muito amplo [...]”.

Compreender a ciência geográfica implica, então, na busca pelo conhecimento a partir das diferentes possibilidades de interpretação da realidade. Desse modo, não podemos desconsiderar a importância de outros ramos do conhecimento científico, expresso nas demais disciplinas que resultam do processo investigativo acadêmico, pois a ciência geográfica apresenta caráter interdisciplinar,

buscando fundamentar suas explicações junto a outros ramos do conhecimento legitimado na academia.

Considerando o homem como elemento para o desenvolvimento das ideias que constituem nosso questionamento neste estudo, não podemos ignorar a necessidade desta interdisciplinaridade, pois o mesmo se constitui como sujeito que resulta de processos, sobretudo, históricos.

Assim, como ciência da sociedade, a ciência geográfica assume, simultaneamente, tanto o caráter interdisciplinar quanto o excesso de especializações para explicar seu objeto de estudo. Em outras palavras, podemos considerar que:

[...] estudando as relações entre a sociedade e a natureza, ela tem áreas em comum com os dois grandes grupos científicos, e se o espaço é produzido e reproduzido pela sociedade, a Geografia tem grande aproximação com as mais diversas ciências sociais; [...] Analisando a ação da sociedade sobre o espaço, produzindo e reproduzindo formas que são visíveis ao observador, mas que necessitam ser investigadas nas suas origens, o geógrafo muitas vezes tem de recorrer ao conhecimento da Sociologia, da ciência especializada no estudo da estrutura e das relações da sociedade; além disso, as transformações no espaço se fazem provocando modificações de formas anteriores e contrariando interesses estabelecidos, consolidados, provocando resistências e mudanças, assunto que está confiado, nas estruturas científicas atuais, à Antropologia; as transformações nas formas de utilização do espaço são provocadas pela necessidade de ordem econômica que formam a infra-estrutura que influencia a formação das várias supra-estruturas sociais, levando o geógrafo a necessitar de uma formação razoável de Economia Política, para melhor explicar o seu objeto de estudo; mas o homem não é apenas uma máquina, ele raciocina, delibera, toma posições de apoio e resistência a mudanças, fazendo representações mentais, o que faz com que haja também uma influência psicológica e, conseqüentemente, grande intercâmbio, relação íntima entre a Geografia e a Psicologia. Ao se defrontar com os vários espaços em transformação, o geógrafo sabe que eles são povoados e que os povos que neles habitam formam etnias, têm um embasamento cultural tradicional que, naturalmente, terá grande influência sobre a produção do espaço, levando a Geografia a ter maior contato com a Etnologia.

(ANDRADE, 1987, p. 16)

Não podemos nos esquecer que o geógrafo é, sobretudo, parte do grupo social que vive num determinado lugar. Por sua vez, tomamos o **HOMEM** como elemento que interpreta a realidade e, assim, nos permite a identificação das imagens que configuram a realidade observada no espaço geográfico.

Neste sentido, não há como ignorar a necessidade de integração entre a Geografia Física e a Geografia Humana que, em relação à questão que constitui

nossa investigação, se manifesta na proposta de análise da integração entre homem e espaço geográfico, na elaboração e/ou evocação de imagens presentes na Geografia da realidade e na realidade geográfica.

Em uma de suas muitas fases, os estudos geográficos foram representados pela elaboração de monografias e, a partir desta manifestação de produção científica, o conhecimento geográfico passou a representar a possibilidade de uma nova forma de concretização de pesquisas que buscavam retratar a realidade, apontando aspectos que demonstrassem sua dinâmica e sua complexidade. A Geografia, então, passou a considerar novas maneiras de compreensão do mundo e, conseqüentemente, da realidade.

Para um melhor entendimento, julgamos necessário, nesta abordagem, apresentar ao leitor a interpretação de Andrade (1987, p.13) sobre o caráter descritivo peculiar ao conhecimento geográfico:

A importância destas descrições, às vezes eivadas de fantasias ditadas pela imaginação de autores, às vezes preocupadas com a explicação dos principais fenômenos descritos, iria dar origem, na primeira metade do século XX, a uma multiplicidade de enfoques geográficos. Havia uma Geografia dos exploradores, desenvolvida pelas sociedades exploradoras, e que continha uma série de ricas informações sobre áreas pouco conhecidas; ao seu lado havia uma geografia vulgar, popular, que se detalhava, em mapas e compêndios, uma relação de acidentes e de divisões políticas e informações econômicas de grande interesse para curiosos; e uma terceira, a Geografia dita científica, cultivada nas Universidades, em que havia disciplinas específicas de Geografia, que procuravam para esta ciência o seu paradigma, a sua caracterização.

Uma descrição é uma tarefa que procura “retratar”, representar um determinado objeto submetido a estudos e análises. Em outras palavras, uma descrição é a concretização de uma ou mais imagens. No entanto, há necessidade de buscarmos compreender que as descrições enfatizadas em determinada fase histórica da ciência geográfica servem como base para nossa interpretação das imagens que constituem o que denominamos realidade geográfica.

4.1. Imagens e realidade nas apostilas de Geografia do TC 2000

A abordagem da ciência geográfica, como fundamentação na conceituação da Geografia da realidade e da realidade geográfica, é fato relevante para que possamos interpretar as imagens que constituem tais conceitos.

Há uma vasta gama de possibilidades de interpretação da realidade que a ciência geográfica nos proporciona. Temos a possibilidade de identificar elementos que, conforme sua disposição no espaço geográfico, configuram uma nova realidade pelo simples fato de que seus “arranjos” e “combinações” asseguram a organização e reorganização do espaço geográfico. Assim, as relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico também se encontram sujeitas a novas formas de análise e interpretação. Por este motivo, a “realidade geográfica” pode, em muitos momentos, ser confundida com o que denominamos “Geografia da realidade”.

A Geografia da realidade pode ser (re)interpretada como um conceito que determina a presença incontestável de aspectos que caracterizam as possibilidades de sobrevivência do **HOMEM**, em diferentes situações no espaço geográfico. Neste sentido, pode tanto significar a passividade e aceitação dos indivíduos em relação às condições de sobrevivência quanto a possibilidade de aquisição do conhecimento, sendo este um elemento que concretiza a “libertação” deste mesmo **HOMEM** em relação às mesmas condições de sobrevivência que apontamos nesta análise.

Em outras palavras, temos na Geografia da realidade a possibilidade de compreensão e (re)interpretação da realidade como elemento que constitui o conhecimento. Parece uma afirmação óbvia, mas é possível verificar que esta afirmação nos remete a uma reflexão sobre a interpretação de textos, realizada pelo leitor na condição de aluno.

O aluno do TC 2000 representa o **HOMEM** que (re)interpreta a realidade vivida e “experienciada”, na medida em que observa a realidade dinâmica que apontamos anteriormente. O conhecimento do mundo e as diversas relações estabelecidas neste mesmo espaço geográfico determinam a necessidade de constituição de um conhecimento que seja considerado próximo da verdade.

Podemos, então, interpretar e compreender a Geografia da realidade como a tentativa de se estabelecer um conceito capaz de identificar a realidade dos indivíduos, distanciando-se de qualquer provável manifestação do determinismo. Neste sentido, não expressa passividade e aceitação do **HOMEM** em relação às

condições necessárias à sua sobrevivência, assegurando, conseqüentemente, a presença da realidade geográfica como conceito que reafirma a possibilidade de transformação da aceitação e da passividade em condições que permitam a transformação do **HOMEM** “conhecedor” do mundo.

Esta condição é apontada porque compreendemos que, na medida em que a Geografia da realidade surge como possibilidade de compreensão, tanto do **HOMEM** quanto do próprio mundo, pode ser compreendida e/ou interpretada como elemento que, por vezes, se distancia da realidade.

Na medida em que se distanciam da realidade, a Geografia da realidade e a realidade geográfica manifestam a importância do (re)conhecimento que o **HOMEM** adquire sobre o mundo em que vive. Por este motivo, podemos também observar que há uma aproximação dos conceitos aqui considerados com o método científico, pautado nos rigores que são exigidos para confirmação de fatos. Apesar da subjetividade e da complexidade que integram a Geografia da realidade e a realidade geográfica, temos nos conceitos aqui apresentados a possibilidade de verificação de uma vasta gama de interpretações e, em nosso entendimento, observamos que podemos questionar:

Qual é a realidade deste homem que se relaciona com o espaço geográfico?

Esta é uma boa indagação para estudos futuros. No entanto, temos nesta colocação uma possibilidade de interpretação a partir de nossas reflexões, já neste momento: a imaginação, proveniente da imagem e da ação, se torna elemento fundamental na compreensão das imagens que elaboramos e/ou evocamos a partir de nossa (re)interpretação da realidade. Tal característica nos propõe interpretar a imaginação como a “a capacidade mais alargada para pensar, para encontrar soluções inteligentes para um problema, para adivinhar o sentido de alguma coisa que não está muito evidente” (CHAUI, 2006, p.142).

Se considerarmos a realidade geográfica constituída a partir da (re)interpretação de imagens que elaboramos e/ou evocamos quando nos propomos a observar o mundo no qual vivemos e estamos inseridos, verificaremos que esta mesma realidade necessita de uma Geografia da realidade para ser compreendida. Desse modo, apoiamo-nos em nossa capacidade de imaginação para compreender uma realidade que, por vezes, se mostra inacessível.

Então, tomando como referência as apostilas de Geografia do TC 2000, podemos confirmar que os diferentes elementos que constituem o espaço geográfico promovem uma vasta gama de possibilidades de interpretação da realidade. A interpretação que realizamos a partir das imagens elaboradas quando nos propomos a ler os diferentes tipos de texto considerados neste estudo constitui uma leitura que pode ser denominada como a *“leitura do mundo”* no qual vivemos.

Relacionando tal aspecto com a leitura e interpretação dos textos de caráter literário e didático, podemos salientar que as palavras e/ou expressões utilizadas em sua escrita também assumem papel fundamental na constituição das imagens que configuram a realidade.

Nesta tese, toda possibilidade de interpretação de uma realidade “específica”, “nova”, que denominamos “geográfica”, é associada à presença de elementos que, a partir de inúmeros “arranjos” e combinações entre si, configuram paisagens diversificadas. Tanto nas apostilas de Geografia do TC 2000 consideradas, quanto na obra literária euclidiana, podemos identificar esses elementos.

As imagens que são produzidas a partir da leitura e/ou interpretação do conhecimento (re)transmitido nos textos didático e científico não podem ser consideradas sob os mesmos parâmetros de análise que compreendem as imagens produzidas a partir da própria realidade.

A informação obtida quando (re)lemos ou (re)interpretamos um texto é bem direcionada, se comparada à informação que obtemos quando nos encontramos diante de situações e experiências que enriquecem nosso conhecimento. A mesma situação pode ser observada com as imagens. Nossa capacidade visual está diretamente associada à nossa receptividade de informações do meio ambiente (espaço geográfico) e, assim, podemos considerar que as imagens que produzimos a partir da realidade que vivemos são tão significativas e importantes quanto as imagens que resultam do conhecimento científico, próximo da verdade aceita academicamente.

Nesta perspectiva de análise, Tuan (1980, p.130) afirma que “as pessoas sonham com lugares ideais”. Relacionando tal afirmação com a pesquisa realizada, podemos considerar que tanto o sertanejo euclidiano quanto o sertanejo aluno do TC 2000 elaboram e/ou evocam suas imagens tomando como referência o que lhes é mais significativo: sua própria realidade. Então, elaboram seu conhecimento

construindo sua compreensão sobre o mundo e confirmando a presença da Geografia da realidade e da realidade geográfica.

Assim, tomemos como exemplo alguns aspectos que selecionamos das apostilas consideradas e apresentamos no quadro a seguir, para uma melhor compreensão do que afirmamos:

QUADRO 04: Exemplos de textos didáticos para a elaboração de imagens a partir da realização de uma leitura interpretativa

	Apostila de Geografia – Ensino Médio – Vol. Único (1989)	Apostila de Geografia – Ensino Médio – vol.1 (1996)	Apostila de Geografia – Ensino Médio – vol.2 (1996)
Aula	Aula 6 – A distribuição dos homens no mundo	Aula 20 – Propor Alternativas	Aula 34 – Ritmos e movimentos da população mundial
Descrição do conteúdo	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Aspectos físicos do espaço geográfico: condições climáticas, qualidade do solo, etc.; ▪ Evolução, distribuição da população no mundo; ▪ Distribuição da população brasileira. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Desenvolvimento sustentável; ▪ Gestão democrática do território. 	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Transição demográfica

Org.: BELO, E. M. (2007).

As aulas que selecionamos neste momento, para a análise proposta, apresentam aspectos da integração entre homem e espaço geográfico. Considerando a *Aula 6* da apostila editada em 1989, observamos que o título “*A distribuição dos homens no mundo*” nos permite identificar a presença de relações estabelecidas entre ambos.

Em contato com o texto da apostila, didático, é possível perceber a importância dos aspectos físicos do espaço geográfico como fatores determinantes da ocupação territorial pelos homens, logo no parágrafo inicial da aula em questão:

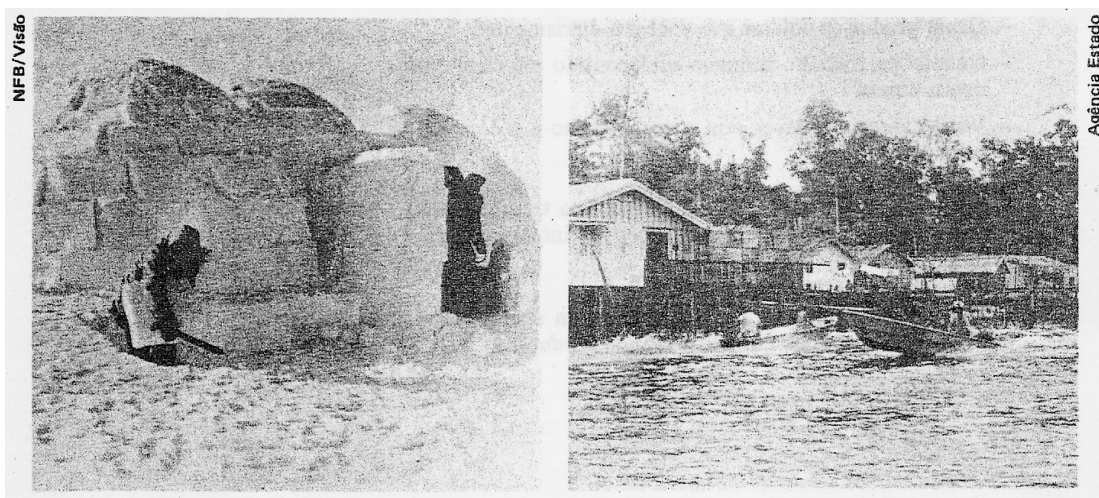
A partir do fato de que, para manter-se, a vida humana precisa de alimento e abrigo, podemos fazer uma série de observações. Podemos, por exemplo, verificar que em uma determinada área, na qual não existem condições de solo e de clima para o desenvolvimento de vegetais, não há também condições para o desenvolvimento da vida animal.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1989, p.37)

No entanto, analisando atentamente a referida apostila, na página 30 vemos imagens que mostram como a vida humana também ocorre em locais que,

em uma (re)leitura superficial, seriam inadequados à sobrevivência, se comparados aos hábitos que não correspondem à vida em regiões mais desenvolvidas:

FIGURA 5



Fonte: Fundação Roberto Marinho, 1989, p.30

Retomando o fragmento apresentado, o texto didático é bem objetivo ao oferecer ao leitor condições de uma interpretação fundamentada em princípios caracteristicamente positivistas: o lugar (espaço geográfico) não oferece condições básicas à sobrevivência e, assim, o homem sobrevive procurando adequar-se às condições impostas pelo meio. Temos nesta interpretação uma proximidade com o possibilismo, corrente do pensamento geográfico segundo a qual situações em que o ambiente natural impõe as formas de vida do homem também permitem que este estabeleça condições de permanência em função de suas necessidades. Em contrapartida, as imagens selecionadas e apresentadas nos permitem observar, mais uma vez, a presença da aceitação.

Então, questionamos:

*“Seria o **HOMEM** um agente ativo, o principal agente geográfico?”*

Os estudos geográficos, por muito tempo, apresentaram descrições do espaço geográfico (paisagens) que fomentaram a interpretação e a busca de conhecimento aprofundado da morada do homem. Neste sentido, “a existência de indivíduos reais e o *modo* como eles produzem os seus *meios de vida* são o

pressuposto de toda a história humana” (MORAES; COSTA, 1984, p.61, grifos do autor).

No contexto da *Aula 6*, podemos identificar que as relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico dependem, diretamente, das condições oferecidas pelo lugar. Tal característica se repete também no fragmento abaixo:

Para os grupos humanos, é muito difícil viver permanentemente em áreas onde faltem abrigos e alimentos. Isso faz com que, em uma grande parte da superfície terrestre, a população humana seja muito pequena, ou inexistente. Como acontece, por exemplo, nas regiões *polares árticas* (próximas do Pólo Norte) e *antárticas* (próximas ao Pólo Sul), nos *altos de montanhas e cordilheiras*, como a do Himalaia (na Ásia), e nos *grandes desertos de areia*, com altas temperaturas, como o Saara (na África). Se considerarmos toda a superfície de terras emersas – ou seja, a superfície dos continentes e das ilhas –, poderemos perceber que são bastante extensas as áreas em que as condições naturais limitam seriamente as possibilidades de moradia permanente para grupos humanos. Mas não tão extensas quanto as áreas que apresentam situações menos limitantes ou até mesmo favoráveis à fixação dos seres humanos.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1989, p.37-8, grifos do autor)

Aceitar as condições de sobrevivência impostas pelas características do espaço geográfico significa, sobretudo, a submissão humana às condições do lugar sem questionar a(s) possibilidade(s) de alteração(ões) que, na medida em que são provocadas, promovem a alteração das condições iniciais. Neste sentido, nos distanciamos da observação realizada sobre o possibilismo e nos aproximamos do determinismo geográfico, que difere do primeiro pelo fato de afirmar que a sobrevivência do indivíduo é determinada pela natureza, pelo espaço que o cerca.

Relacionando tais afirmações com a análise aqui apresentada, temos que o homem se submete e submete suas ações às condições impostas pelo lugar. Não se trata de “criar” o espaço, mas de assegurar sua sobrevivência a partir de uma nova compreensão da realidade vivida e observada. Estabelecendo relações com o lugar, o homem expressa sua visão do mundo a partir de suas ações, tornando concreta a Geografia da realidade e também a realidade geográfica.

É possível, porém, considerarmos tais afirmações relacionadas à aceitação de uma “realidade geográfica” que, no decorrer do conteúdo apresentado nas demais aulas da apostila em questão, impõe uma condição básica ao leitor: o texto didático propõe ao leitor a aceitação de uma “realidade geográfica” pronta.

Definimos tal realidade como pronta porque, como é possível perceber nos fragmentos apresentados, não há “abertura” para que o leitor questione a informação recebida por meio da escrita. Tal fato só concretizar-se-á se o leitor for orientado ou, então, suficientemente autônomo para questionar a realidade apresentada nas linhas e entrelinhas que constituem seu conteúdo.

Situações como esta podem ser consideradas comuns para os telealunos. Geralmente, frequentam as telesalas após o trabalho, cansados, e, na ânsia de conquistar um certificado – condição necessária para a permanência no emprego – recebem as informações e procuram assimilá-las para, simplesmente, obterem um bom resultado nas avaliações. Em outras palavras, nestas condições o conhecimento não representa o resultado de um processo reflexivo, pois a capacidade cognitiva do telealuno acaba reduzida a uma aprendizagem tradicional, que pressupõe o professor como detentor do conhecimento e o aluno como mero receptor.

Relacionando tal condição com os textos de caráter científico e literário, observamos que a clareza de informações se concretiza na medida em que ambos permitem ao leitor um diálogo entre informação e realidade. Nesta possibilidade de (re)interpretação, o texto literário se sobrepõe. Um dos fatores para tal condição se estabelecer é a descrição que se efetiva a partir de uma rica adjetivação, capaz de “produzir” as imagens e, assim, assegurar a abstração do leitor, que argumenta por meio de seu pensamento, mas também pode, a exemplo dos autores dos textos, manifestar suas impressões na concretização deste mesmo pensamento: a atividade escrita. Como tais interpretações são peculiares a cada indivíduo, podemos observar que:

Na verdade, os textos incitam pactos de leitura, espécie de regras, de dicas para a entrada do leitor no seu universo de significações. O pacto de leitura que se trava em uma obra historiográfica – pretensamente verídica na sua recuperação de fatos ocorridos no passado – é diferente do estabelecido de um texto literário, que justamente tira seu valor da ambigüidade dos seus termos, passíveis de decodificações até paradoxais.

(WALTY; FONSECA; CURY, 2006, p. 45)

Retomando o texto didático, a aceitação e a passividade, então, tornam-se características peculiares de um trabalho pedagógico que, a partir do emprego de textos, condiciona suas atitudes e se constitui como imagens, produtos de sua (re)leitura e (re)interpretação do mundo.

Considerando os textos que correspondem às teleaulas, podemos tomar como referência a apresentação de dados que retratam o perfil da distribuição populacional, priorizando aspectos que contribuem com a impossibilidade de questionamentos.

Cabe ao leitor uma interpretação de acordo com as informações obtidas a partir de uma leitura direcionada, na qual prevalece a visão dos autores contratados para a elaboração do material. Neste sentido, prevalece a ideologia dominante no momento em que o material foi editado e não há imagens em forma de fotografias e/ou gravuras para representar concretamente esta afirmação.

O aspecto apresentado pode ser analisado em comparação com a ideologia subjacente aos textos didáticos que, há muito tempo, imperam nas escolas de ensino fundamental:

[...] É criado um “círculo vicioso” que, por meio do conteúdo educacional e de outros aspectos da estrutura escolar, manterá e legitimará o *status quo*, isto é, a superioridade da classe social dominante. [...] O conteúdo educacional tem, por isso, uma conotação classista, já que confere prestígio aos indivíduos que o possuem e desprezo aos ignorantes que estão privados dele; ou, também, pode qualificar melhor algumas crianças “para a vida” do que outras.

(NOSELLA, 1981, p. 63-64, grifos do autor)

Como se vê, a realidade do ensino brasileiro é pautada num sistema educacional falho em relação ao oferecimento de condições básicas para o desenvolvimento e desempenho satisfatório de nossos educandos. Por outro lado, eficiente no oferecimento de condições que assegurem a constituição de uma população que atenda aos interesses majoritários, numa política que desconsidera suas reais necessidades e, conseqüentemente, prejudica o futuro do país, não investindo em seus cidadãos.

Temos nestas colocações a possibilidade de elaborar e/ou evocar imagens que retratam uma realidade geográfica inadequada e longe de oferecer condições de sobrevivência adequadas ao homem. Este, por sua vez, não age pelo fato de serem as condições impostas e, portanto, arbitrárias.

Porém, conforme nossas reflexões até aqui apresentadas, podemos tomar nosso objeto de estudo – as imagens – como elemento que se concretiza, valorizando a singularidade humana a partir da compreensão da realidade obtida com a (re)interpretação das informações contidas no texto:

No processo de leitura, vislumbram-se imagens construídas pelas palavras. Sem necessidade de gravuras ou quaisquer ilustrações, imagens que se formam na mente do leitor por força de recursos utilizados, de ordem fônica, gráfica, morfo-sintática, atravessados sempre pela rede de significações. Tudo são imagens, linguagem que se faz figura a desafiar o investimento do leitor no texto.

(WALTY; FONSECA; CURY, 2006, p. 48)

Tais aspectos não se restringem apenas à *Aula 6* da apostila de Geografia do TC 2000, editada no ano de 1989.

Tomemos como referência, para o prosseguimento de nossa análise, a *Aula 20, “Propor Alternativas”*, da apostila de Geografia do TC 2000, vol. 1, editada em 1996, ou seja, 7 anos após a primeira versão que apresentamos.

A década de 1990 pode ser compreendida como um período no qual muitas visões e posturas passaram a “dominar” o contexto mundial. Conferências como a “Rio-92”⁹ alertavam para a necessidade de serem estabelecidas “normas de conduta” diante das condições ambientais do planeta, para que fossem estabelecidos parâmetros que possibilitassem um “desenvolvimento sustentável”.

Pensar em desenvolvimento implica, sobretudo, pensar nas alterações que a ação humana provoca no espaço geográfico. O homem, apresentado como submisso às condições físicas do lugar em que habita, nos textos didáticos de 1989, é apresentado, posteriormente, como elemento responsável pelas alterações provocadas no meio ambiente.

Tanto na *Aula 6* da apostila editada no ano de 1989 quanto na *Aula 20* da apostila editada no ano de 1996 – vol. 1 –, podemos observar a integração entre homem e espaço geográfico. Porém, enquanto no texto de 1989 o homem é apresentado como elemento que deve se adequar às condições do meio ambiente, no texto editado em 1996 observa-se que, de certa forma, é atribuída ao homem a responsabilidade de mudança de postura diante da realidade que enfrentamos:

O reconhecimento das diversidades – biológicas, culturais e tecnológicas – é um bom princípio para romper com a herança homogeneizadora do autoritarismo e para estimular novas formas de gestão democrática do território, que ampliem a participação e o compromisso dos brasileiros com a construção de seu futuro.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, vol.1., p.113)

⁹ Conferência sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento da ONU, realizada na cidade do Rio de Janeiro no ano de 1992.

Em nenhum momento são observadas imagens que confirmam a situação descrita, fato que nos conduz a observar que cabe ao **HOMEM**, “*leitor do mundo*”, (re)ler e (re)interpretar de acordo com suas necessidades, mesmo que provisórias. No entanto, percebem-se, no fragmento apresentado, aspectos que confirmam a responsabilidade atribuída ao homem.

Sendo o texto das apostilas do TC 2000 didático, a ideologia a ele subjacente tem como principal objetivo promover a aceitação e a passividade. Mesmo observando que estamos repetindo a todo o momento esta afirmativa, tal condição se torna necessária para que o leitor tenha o esclarecimento necessário à compreensão do que nos propomos pesquisar.

Então, quando identificamos o conceito “gestão democrática do território”, encontramos uma primeira oportunidade de apresentar uma ideologia que pode ser considerada “favorável” à interpretação de uma nova realidade, cujas imagens a serem elaboradas e/ou evocadas pelo leitor representem as transformações necessárias para a consolidação de uma Geografia da realidade.

Compreendemos por uma ideologia favorável um elemento de extrema importância para a manutenção da ordem social a ser instaurada e se tornar permanente no país. Para tanto, julgamos necessário um esclarecimento: vivemos em uma sociedade que, além de grafocêntrica, se constitui tendo como fundamentação para seu avanço e desenvolvimento o uso da razão. Neste contexto, toda e qualquer forma de conhecimento é contestada, levada a questionamentos que são fundamentados nos rigores do método científico. Assim, a sabedoria popular, ou seja, o senso comum, não teria condições de aceitação e validação. Se tais características fundamentam o que apontamos nesta abordagem como ideologia favorável, não podemos desconsiderar que uma sociedade se organiza hierarquicamente e, então, reafirmamos que teremos uma sociedade que “divide”, organiza os indivíduos em classes. A classe dos que sabem corresponde aos que detêm o poder assegurado pelo conhecimento. A classe dos que fazem corresponde aos que trabalham para a manutenção daquilo que não lhes pertence diretamente. Associando tais afirmações com a tese aqui apresentada, temos que a classe dos que fazem corresponde tanto ao “sertanejo euclidiano” quanto ao “sertanejo aluno do TC2000”, homens que lutam incansavelmente para sobreviver em um mundo repleto de dificuldades e incertezas.

Nesse contexto, porém, a identificação das imagens que constituem a Geografia da realidade e a realidade geográfica corresponde à libertação via conhecimento. Através dela o leitor se torna conhecedor e, também, “proprietário do saber”. Esta condição pode, indiscutivelmente, conduzi-lo a questionamentos que, certamente, significarão o abandono de velhas posturas. Temos nesta situação a mesma possibilidade de ruptura de paradigmas expressa pela possibilidade de refutabilidade da ciência, fato que pode, por vezes, determinar uma nova ordem, mas também o abandono de posturas que representavam segurança e, portanto, certezas.

Em estudo realizado em outro momento de nossa trajetória acadêmica – mestrado –, tivemos a possibilidade de identificar imagens que denominamos como “imagens da ordem” e “imagens do caos”. São imagens que nos permitem verificar a presença de elementos essenciais ao controle do que é compreendido como conhecimento que pode ser (re)transmitido e, também, veiculado a partir de diferentes propostas pedagógicas. Neste sentido, as considerações que realizamos são referentes ao TC 2000 e à composição de seu material pedagógico – fitas VHS e apostilas impressas – que, objetivamente, apresentam o conhecimento considerado “oficial”, (re)transmitido na escola formal – credenciada pelo MEC – mas também podem ser identificadas em “Os Sertões”.

Distante de ser um texto caracteristicamente didático, o texto literário de Euclides da Cunha não deixa de inculcar valores ao leitor. No entanto, a diferença observada em relação ao texto didático das apostilas de Geografia do TC 2000 se manifesta quando observamos que as imagens produzidas com a (re)interpretação de texto literário constituem uma forma de compreensão da realidade capaz de “traduzir” valores referentes a uma determinada época e, portanto, a um determinado momento histórico e político. Não se trata de um texto que visa o controle das atitudes e ações das pessoas, mas de um texto que retrata as condições de sobrevivência de uma parcela da população extremamente significativa na constituição do povo brasileiro. Participantes da história confirmam a importância da ação humana como elemento fundamental da transformação do espaço geográfico e, além disso, da constituição de uma nova realidade, a realidade geográfica.

Nesta perspectiva, considerar a ideologia como elemento favorável à interpretação de uma nova realidade significa, sobretudo, considerar uma ideologia

que permite compreender uma nova realidade como fundamentação de diferentes visões do mundo, que se manifestam na compreensão que as pessoas possuem sobre sua própria realidade.

A ideia de algo favorável deve, então, ser compreendida como a ideia daquilo que facilita, que é conveniente. Porém, tanto a facilidade quanto a conveniência apontadas são referentes à ideologia dominante, muito mais próxima de propostas pedagógicas – como o TC 2000, por exemplo – do que de textos que não possuem o caráter didático.

Se pensarmos em gestão, estamos considerando a possibilidade de gerenciamento, diretamente associado a ações e atitudes que resultam na organização, estruturação e, principalmente, manutenção da sociedade.

Diante de tais colocações, podemos questionar:

“Quais imagens resultam desta interpretação?”

“Como podemos interpretar o conceito “gestão democrática” apresentado no texto didático, e como tal conceito pode interferir na compreensão da realidade geográfica a partir das imagens que se constituem em nossa mente, na condição de leitores, quando estamos em contato com tais registros escritos?”

Primeiramente, torna-se necessário esclarecer que o conceito de “gestão democrática” pode ser compreendido como um conceito novo, presente em muitos segmentos da sociedade civil organizada, mas que, apesar de se constituir como nova característica em muitas administrações, ainda representa um ideal a ser conquistado.

Mas o que seria esse ideal? Podemos considerar que sua aplicabilidade seria tão fácil e eficaz nas organizações sociais ou o mesmo traz em sua ideologia a complexidade das relações estabelecidas entre os homens?

Diante de tais questionamentos, promover uma administração que prioriza a aplicação de uma gestão democrática implica, necessariamente, na aplicação de novos conceitos e, portanto, novas formas de interpretação da realidade. Eis a manifestação da presença de uma “nova realidade”, uma realidade geográfica.

A possibilidade de atribuímos à realidade um sentido geográfico pode ser interpretada como a possibilidade de considerarmos a realidade de acordo com as características próprias, inerentes a um determinado grupo social, devidamente organizado e localizado. Temos no espaço geográfico o local das diferentes relações, que nos permitem verificar que “nossa imagem ambiental ainda é parte

fundamental de nosso instrumental de vida, mas hoje, para a maioria das pessoas, talvez seja muito menos expressiva e particular” (LYNCH, 2006, p.140).

O termo imagem ambiental, utilizado pelo autor citado, nos permite confirmar a importância atribuída à (re)interpretação realizada pelo homem “*leitor do mundo*”. Temos nesta expressão a identificação de uma realidade constituída singularmente, priorizando a visão do mundo e, portanto, as particularidades que determinam as diferentes formas de compreensão do homem sobre a realidade, sendo esta geográfica.

Neste sentido, podemos identificar uma segunda manifestação da presença desta realidade geográfica: não podemos desconsiderar o conhecimento prévio que o indivíduo, em sua experiência de vida, acumula. Tal acúmulo implica, por sua vez, na possibilidade de compreensão e/ou interpretação da realidade a partir das imagens que observa em um momento inicial para, posteriormente, elaborar as suas próprias.

Pensar, então, no conceito de gestão democrática apresentado no texto didático da apostila significa pensar na possibilidade de interpretar este mesmo texto a partir de experiências de vida. As visões do mundo, mais uma vez, se tornam indispensáveis para a análise proposta.

Ao apresentar em seu conteúdo a importância do reconhecimento da diversidade, o texto didático estabelece o primeiro fator fundamental, que confirma o que expressamos em nossas reflexões: as diferenças existem e devem ser consideradas como elementos que asseguram diferentes formas de manifestação da realidade. Tais formas são impregnadas pelas diferentes visões do mundo e reafirmam a presença de peculiaridades que concretizam a singularidade expressa no pensamento.

A realidade do leitor é, então, o primeiro fator – fundamental em nosso entendimento – que relacionamos no parágrafo anterior. Sem considerá-la, não conseguimos estabelecer quaisquer vínculos com as imagens que podemos elaborar e/ou evocar a partir da (re)interpretação e/ou compreensão do texto considerado, seja ele didático, literário ou científico.

Esta mesma realidade é fator determinante quando consideramos a análise de outro fragmento extraído das aulas das apostilas de Geografia do TC 2000. A Aula 34 da apostila de Geografia do TC 2000, vol. 2, também editada no ano de 1996, tem como título “*Ritmos e movimentos da população mundial*”.

Como podemos observar, tal título pode ser compreendido como complementar ao tema proposto para trabalhar o conteúdo da disciplina Geografia nas *Aulas 6 e 20*, consideradas anteriormente.

A abordagem da *Aula 34* sustenta alguns conceitos presentes nos textos das apostilas de Geografia do TC 2000 que apresentamos anteriormente, merecendo destaque a referência ao crescimento da população mundial.

Logo em sua apresentação, o texto didático da apostila “prepara” o leitor para o assunto a ser trabalhado, questionando a importância dos movimentos populacionais observados em escala mundial, associando o fenômeno da densidade demográfica à globalização:

Qual a importância dos movimentos de população no mundo atual? Diante de um período histórico em que o dinheiro praticamente não encontra limites a sua mobilidade, qual a situação do trabalho diante da globalização?

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, vol.2., p.76)

Diretamente relacionado ao aspecto de produtividade e lucro, que caracterizam a sociedade neoliberal, o texto didático retrata o trabalho e a condição socioeconômica das pessoas como algo natural, que pode ou não interferir no aspecto “mobilidade social”, assegurando a manutenção das camadas hierárquicas da sociedade e o estabelecimento dos diferentes grupos sociais.

Compreendendo a sociedade como uma estrutura já consolidada, é importante observarmos também que as condições de sobrevivência apresentadas como “comuns” a todos os indivíduos se tornam aspecto de fundamental importância para nossa compreensão, mas, sobretudo, para a aceitação que os indivíduos inseridos neste contexto apresentam sobre sua própria realidade.

Diante de tais colocações, a organização do espaço pelos indivíduos também reflete o conceito de crescimento vegetativo, abordado no mesmo texto. Tal aspecto é justificado como um fator inerente à realidade que, nas linhas e entrelinhas do texto, pode ser denominada “realidade mundial”. Porém, em nosso entendimento, é denominada realidade geográfica, pois caracteriza as condições de sobrevivência a partir das diferentes relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico.

Para a explicação destes fenômenos, o texto didático é estruturado da seguinte forma: partindo da Revolução Industrial, relata as taxas de natalidade e mortalidade, tomando como referência também o período após a Segunda Guerra Mundial, para que o leitor, nas palavras dos autores, identifique os quatro grandes fluxos migratórios internacionais:

- O primeiro refere-se aos deslocamentos da população para fazer coincidir a “nova” fronteira política com os grupos étnicos. O exemplo mais significativo ocorreu após a divisão política da União Indiana, em 1947, quando aproximadamente 15 milhões de pessoas foram deslocadas entre a Índia e o Paquistão. Outro exemplo, mais recente, deu-se na região balcânica, quando houve a fragmentação política da Iugoslávia.
- O segundo diz respeito aos refugiados políticos, que chegam hoje a mais de 25 milhões de pessoas. Eles procedem dos “pontos quentes”, ou seja, das áreas de conflitos internos, nas quais uma facção temporariamente derrotada se refugia em outro país. A situação trágica desses grupos é marcada pela indefinição e pela precariedade das condições de vida que anulam, em grande parte, a ação do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR). O Sudeste Asiático, o Oriente Médio, a América Central e a África Oriental são as principais regiões desses refugiados. O Leste Europeu, enquanto esteve isolado pela chamada Cortina de Ferro, dava origem a numerosos contingentes de refugiados políticos. A crise de 1989 facilitou o deslocamento de mais de um milhão e trezentos mil emigrantes que deixaram seus países em direção à Europa Ocidental, por razões basicamente econômicas, e que solicitavam, no país de acolhimento, o estatuto dos refugiados políticos.
- O terceiro é marcado pelo deslocamento de “cérebros”. A imigração de pessoas com alta qualificação profissional e/ou de estudos significa uma vantagem enorme porque as despesas para sua formação foram desembolsadas pelos países de origem. Os Estados Unidos são beneficiados por esses movimentos porque entre 1970 e 1990 receberam perto de um milhão de imigrantes altamente qualificados, procedentes de todo o mundo, embora no mesmo período tenham sido adotadas leis cada vez mais restritivas à imigração de mão-de-obra não qualificada.
- Finalmente, o quarto fluxo agrupa as migrações de trabalhadores. Após a Segunda Guerra Mundial, a Europa Norte-Occidental se abastecia de mão-de-obra nas regiões da economia deprimida da bacia mediterrânea. Já os Estados Unidos recorriam a seus vizinhos mais próximos, o México e o Caribe. No entanto, a partir da crise dos anos 70 e da adoção das novas técnicas de produção do modelo de industrialização pós-fordista, agravou-se a situação de desemprego nesses países. Nas antigas áreas de acolhimento de imigrantes cresceram os sentimentos xenófobos (do grego: xeno = estrangeiro + fobia = aversão) e os movimentos de pressão para a adoção de leis restritivas à imigração. Os problemas surgidos com os árabes na França são análogos aos dos turcos na Alemanha e aos dos jamaicanos na Inglaterra. Hoje, na Europa e nos Estados Unidos, a imigração é uma questão social e política preocupante.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, vol.2., p.79-80, grifos do autor)

Através do fragmento apresentado, identificamos que a estrutura do texto didático das apostilas permite ao leitor uma interpretação que denominamos “simplista”, sem possibilidade de aprofundamentos que caracterizem a necessidade de busca pelo conhecimento.

Tal condição acarreta apenas a possibilidade de aceitação, a partir da apresentação de conceitos que estruturam toda a organização mundial em níveis sociais: sejam grupos étnicos, refugiados políticos, “cérebros” que se deslocam ou migrações de trabalhadores. Todas as condições de deslocamento populacional apresentadas são extremamente “naturais”, decorrentes de outras condições e, assim sendo, não há motivos para preocupações ou questionamentos sobre fatos que delineiam um novo perfil social mundial.

Quando afirmamos que todas as condições de deslocamento populacional apresentadas são extremamente “naturais”, nos referimos às imagens de aceitação e passividade que já citamos em momento anterior desta tese. Todas as condições identificadas são comuns, são normais e, portanto, não há necessidade de questionamento sobre sua existência. São tão “naturais” que se incorporam à Geografia da realidade e à realidade geográfica, de modo a fazer com que as pessoas, em muitos momentos, nem mesmo percebam como são submetidas às condições de sobrevivência impostas pela hierarquia social já estabelecida no mundo. Esta condição é mais uma manifestação da ideologia favorável que abordamos anteriormente.

De acordo com os fragmentos do texto didático, as relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico determinam e asseguram esta condição, ou seja, a de submissão do homem às constantes formas de adequação ao espaço geográfico. Esta adequação ocorrerá de forma mais tranquila quando as ações refletirem apenas o que é viável e não provocarem bruscas transformações em uma organização já estabelecida. Esta situação pode ser comparada com a abordagem que realizamos, no momento anterior, sobre a ciência geográfica adequar-se aos diferentes momentos da história mundial, refletindo posturas e visões do mundo inerentes a cada época considerada. No mesmo sentido, observamos naquele momento que o método científico também apresenta necessidade de adequação aos conceitos e às necessidades de uma nova época, cujos valores e padrões já não são os mesmos que prevaleciam quando a ciência fundamentou suas bases e

seu rigor como pressupostos para a obtenção de um conhecimento mais próximo do conceito de verdade.

4.2. Imagens e realidade presentes na associação dos textos que constituem “Os Sertões” e as apostilas de Geografia do TC 2000

Tomando como referência “Os Sertões” e a parte intitulada por Euclides a Cunha “*O Homem*”, prosseguimos nossas reflexões. A leitura desta parte, especificamente, nos permite verificar que, conforme ocorrem os conflitos em Canudos, a atuação do homem no espaço geográfico implica na busca por locais que permitam sua sobrevivência a partir das reais condições oferecidas por aquela realidade. Então, podemos retomar o foco de nossos questionamentos:

“Seriam as imagens resultantes desta situação elementos representantes de uma realidade geográfica ou temos a necessidade de uma Geografia da realidade?”

Sendo o ato educativo um ato capaz de oferecer e criar possibilidades aos indivíduos para que desenvolvam suas potencialidades, podemos compará-lo com a atuação humana observada em “*O Homem*”, apresentada na escrita de “Os Sertões”.

Sobre a importância da atuação humana no meio ambiente, nesta etapa do texto euclidiano, são necessários alguns esclarecimentos.

Um primeiro fator para ser analisado se refere à possibilidade de adequação que o homem possui em relação à ocupação do espaço geográfico, moldando-o em função de suas necessidades. Vivendo em uma localidade cujas características lhe impõem a superação de dificuldades em relação, principalmente, ao clima, o sertanejo vive em busca de condições de sobrevivência que determinam a sua forma de atuação. Da mesma maneira, se considerarmos o leitor dos textos didáticos das apostilas de Geografia do TC 2000, teremos a oportunidade de observar que não são apenas as condições físicas do lugar que determinam as condições de sobrevivência e a forma de adaptação do homem ao espaço geográfico. São decisivas, também, as condições de sobrevivência impostas pela atividade que exercem (trabalho) e que lhes assegura o sustento.

Um fragmento de “Os Sertões”, selecionado e apresentado neste momento, nos permite identificar como as características do lugar determinam as condições de sobrevivência do homem, em especial, do sertanejo em Canudos:

A constância de tal clima faz que se não percebam as estações que, entretanto, como em um índice abreviado, se delineiam nas horas sucessivas de um só dia, sem que a temperatura quotidiana tenha durante todo o ano uma oscilação maior que 1º ou 1,5º. Assim, a vida se equilibra numa constância imperturbável.

Entretanto, a um lado, para o ocidente, no Alto Amazonas manifestações diversas caracterizam o novo *habitat*. E este, não há negá-lo, impõe a aclimação penosa a todos os filhos dos próprios territórios limítrofes.

(CUNHA, 1989, p. 58, grifos do autor)

Diante de tais colocações, confirmamos que as condições climáticas descritas pelo autor representam o elemento responsável pela adaptação do homem ao meio ambiente. Sem esta adaptação ele não conseguiria sobreviver adequadamente. A busca pelo equilíbrio entre as características humanas e as condições apresentadas pelo meio ambiente (espaço geográfico) se torna fator primordial para a vitória a ser alcançada na luta cotidiana pela vida.

Na rica descrição de “Os Sertões”, é possível observar que as condições físicas do lugar impõem a condição física do homem que nele habita.

Em momento anterior, com o objetivo de esclarecer nossas ideias, utilizamos um fragmento do texto de Euclides da Cunha que nos permite identificar como o organismo humano se curva ao processo de adequação do homem às condições impostas pelo meio ambiente. Em outras palavras, as características do espaço geográfico, do local onde o homem reside, estabelecem quais são as condições necessárias para sua sobrevivência.

Euclides da Cunha também nos aponta diferenças percebidas no sertanejo descrito em sua obra, comparando-o a outro tipo humano. Trata-se do vaqueiro do norte e do gaúcho do sul, conforme o Quadro 05 nos permite identificar:

QUADRO 05: Características do vaqueiro do Norte e do gaúcho do Sul

VAQUEIRO DO NORTE	GAÚCHO DO SUL
- Cavaleiro robusto e desgracioso;	- Feição mais cavalheirosa e atraente;
- Agilíssimo diante da ameaça do inimigo;	- Aventureiro e jovial;
- Ameaçado por um futuro incerto;	- Despreocupado;

Fonte: Cunha (1984); Org.: Belo, Evelyn Monari (2004).

A vida do primeiro é repleta de situações que não lhe garantem possibilidades de descanso. Está sempre atento aos fatos para que o inimigo não lhe surpreenda. Além disso, sua vida é marcada pela luta cotidiana em busca da sobrevivência, condição que nem mesmo lhe assegura uma boa noite de sono ou uma refeição capaz de satisfazê-lo em suas necessidades mínimas. Sua feição é de uma pessoa moldada pelas cruéis condições que o lugar lhe impõe, sendo frágil, principalmente, às árduas condições climáticas características do sertão.

Para o gaúcho do sul a vida é mais “agradável”. Sua feição é contrária à feição do vaqueiro do norte, pois sua vida não se constitui dos empecilhos experimentados pelo primeiro. Assim, é comum poder desfrutar de momentos em que se utiliza do gado para extravasar sua alegria, compartilhando com companheiros momentos de descanso e boa refeição.

A breve descrição observada nos permite elaborar imagens que constituem a Geografia da realidade e também a realidade geográfica, porque integram, em seu conteúdo, a presença do que denominamos determinismo geográfico, ou, como o próprio Euclides da Cunha nos aponta, darwinismo social.

A descrição dos tipos humanos apresentada no quadro apresentado anteriormente nos permite observar como a (re)leitura e (re)interpretação do texto literário nos remete a elaborar e/ou a evocar imagens que representam os tipos humanos. Em ambos os casos, temos como produto a imagem do **HOMEM**. No entanto, observamos que as condições de sobrevivência determinaram ao gaúcho do Sul o que, geralmente, é denominado “melhor sorte”. Castigado pelas dificuldades enfrentadas, o vaqueiro do Norte tem em sua imagem traços que caracterizam sua luta pela sobrevivência.

De acordo com tal afirmação, podemos considerar que as condições de sobrevivência humana descritas no texto literário se referem a condições físicas do lugar e podem prolongar, reduzir ou mesmo anular a sobrevivência do homem.

Apesar de toda a possibilidade de “eliminação” apresentada nas ideias apresentadas, é necessário salientar que a descrição do autor também nos permite identificar o “selvagem bronco” como o grande vencedor desta luta, deste conflito que determina o mais forte e, portanto, mais adaptado à sobrevivência.

Se relacionarmos tais afirmações com a imagem que obtemos do leitor dos textos didáticos das apostilas de Geografia do TC 2000, talvez não nos encontremos distantes de condições semelhantes a estas.

Não há uma distinção que os textos das apostilas realizam diretamente relacionadas à figura do “*leitor do mundo*”, que representa o **HOMEM** abordado em nossa tese. Entretanto, é comum observarmos que as informações transmitidas nas linhas e entrelinhas do material pedagógico considerado induzem este mesmo leitor à aceitação da ordem “natural” das coisas, como se elementos que asseguram a presença da pobreza e da riqueza não deveriam ser questionados. Em outras palavras, se um indivíduo não possui condições de vida adequadas a um padrão mínimo, é melhor que ele se conforme com sua condição, pois a própria ciência geográfica, no contexto das apostilas, garante a presença do mesmo determinismo que apontamos no texto literário de “Os Sertões”.

Um fato que deve ser mencionado neste momento é a possibilidade de transformação do espaço geográfico a partir da atuação humana. As transformações que resultam das intervenções realizadas pelo homem se refletem nas características físicas do lugar. A Geografia da realidade e a realidade geográfica abarcam consigo “explicações” para este acontecimento e, assim, a possibilidade de compreensão da importância das alterações provocadas pela ação humana pode ser observada sob dois aspectos:

1. Homem se adaptando ao espaço geográfico: a interferência da ação humana transforma o espaço geográfico, determinando novas condições ao meio ambiente e tornando a paisagem humanizada. Quando a paisagem adquire tais características, podemos questionar quais são as imagens que podem ser elaboradas e/ou evocadas pelo homem, pois sabemos que constituem a Geografia da realidade e também a realidade geográfica pelo fato de concretizarem a realidade cotidiana dos indivíduos;
2. Espaço geográfico como produto da interferência da ação humana: o produto da ação humana sobre o espaço geográfico determina uma nova realidade, a realidade geográfica. A realidade traduz a complexidade inerente à natureza humana e as relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico se tornam fundamentais à elaboração de imagens que venham a constituir a realidade geográfica. Neste momento, podemos afirmar que a Geografia da realidade é decorrente da realidade geográfica porque se constitui como o conhecimento do homem acumulado a partir de suas ações cotidianas.

Em linhas gerais, temos na importância destas transformações a possibilidade de compreensão da realidade sob a perspectiva de uma visão do mundo que valoriza e submete o (meio ambiente) espaço geográfico à ação do homem.

Afirmamos que valoriza porque nos mostra o **HOMEM**, sertanejo sofrido e “mal tratado” pelas condições locais, como vencedor sobre as imposições para sua sobrevivência. E, simultaneamente, afirmamos que submete porque temos no **HOMEM**, atuante no espaço geográfico, o vilão das transformações que passam a afetar e a determinar novas condições de vida a todos os indivíduos, pertencentes ou não à sua espécie. Assim, capaz de se adequar às condições criadas por suas próprias ações, o homem representa toda e qualquer possibilidade de integração com o meio ambiente a partir de sua ação transformadora em qualquer época observada, criando, em cada momento histórico, um “tipo” de sociedade.

Neste sentido, podemos observar também como as apostilas consideradas para a análise proposta nos permitem identificar o homem buscando sua adaptação no espaço geográfico: na medida em que a realidade geográfica impõe novas condições de sobrevivência para a população mundial, ocorrem os deslocamentos e fluxos migratórios que resultam em um novo perfil de sociedade.

Quando nos referimos a este novo perfil de sociedade, estamos, certamente, confirmando a presença da realidade geográfica que tomamos como conceitos que concretizam a realização de nossa tese. Ao mesmo tempo, identificamos a presença da Geografia da realidade, cujo propósito se resume no fato de exercer a função de elemento auxiliar na compreensão dos fatos que constituem a realidade observada.

Então, podemos retomar nossos questionamentos:

“Quais são as imagens que resultam desta interpretação?”

Buscando melhores condições para sua sobrevivência, reafirmamos que o **HOMEM** identificado tanto em “Os Sertões” quanto nas apostilas de Geografia do TC 2000 representa uma figura tão complexa quanto a própria realidade.

Tal condição nos conduz a interpretações da realidade que correspondem a visões próprias, visões do mundo construídas a partir de experiências e que, por vezes, determinam as condições de sobrevivência da mesma maneira que a integração homem e meio ambiente determina uma nova configuração de aspectos

físicos e culturais constituintes das paisagens. Uma associação com as idéias de Lowenthal (apud CHRISTOFOLLET, 1982, p. 105) nos permite observar que “nem o mundo nem as nossas imagens sobre ele são idênticas com a Geografia”.

A necessidade de compreensão desta condição culmina, inquestionavelmente, na presença da realidade geográfica e, conseqüentemente, das imagens que, compreendidas como “novas” – produtos de uma nova realidade – , passam a configurar e a delinear um novo perfil ao espaço geográfico. Respondendo à questão proposta, surgem novas formas de interpretação do espaço geográfico a partir das imagens que são elaboradas e/ou evocadas a partir da vivência do homem no espaço geográfico. Assim, “[...] a imagem não é apenas o resultado de características anteriores exteriores, mas também um produto do observador” (LYNCH, 2006, p.182).

Na medida em que o indivíduo se encontra na condição de leitor de textos, assume, também, a condição de “*leitor do mundo*” e, inserido em um mundo repleto de imagens que constituem sua realidade geográfica, sua interpretação representa, de forma completa, o grande número de experiências que lhe permitem construir seu próprio conhecimento.

Assim, interpreta o espaço geográfico possibilitando o estabelecimento da Geografia da realidade e da realidade geográfica.

Para fundamentar tais reflexões, é necessário associar a esta etapa a observação de alguns aspectos presentes nas apostilas de Geografia do TC 2000.

Buscando a identificação de aspectos que nos permitem observar a integração entre homem e meio ambiente (espaço geográfico), devemos considerar que a visão explícita nos textos didáticos representa a realidade, mas, em linhas gerais, é pautada na ideia de oferecimento de condições que tornem o leitor conformado com suas condições de sobrevivência:

A dinâmica de uma população envolve, além de taxas de natalidade e mortalidade, as diferentes modalidades de migração. Os homens sempre se deslocaram em grupos ou individualmente. Esses deslocamentos influem na organização do espaço e na estrutura da população, tanto na região de saída quanto na região de chegada.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, vol.2., p.78)

Em nossas considerações sobre o texto, temos que um primeiro aspecto se encontra representado por meio da naturalidade expressa na condição de deslocamento dos homens: sempre ocorreu tanto em grupo quanto individualmente.

Como uma condição natural, o ato de deslocamento não representa nada além do que a busca por melhores condições de sobrevivência, independentemente dos motivos que conduzem os homens a tomarem atitudes e/ou exercerem ações que simbolizam sua interferência no espaço geográfico.

O espaço, então, assume novas formas e características. As imagens que passam a constituir este espaço refletem, inquestionavelmente, a presença da Geografia da realidade e da realidade geográfica. Quando o fragmento aponta que os deslocamentos populacionais exercem influência na distribuição dos grupos humanos no espaço geográfico, temos a oportunidade de confirmar que as novas imagens que se constituem a partir desta realidade são, em suma, decorrentes de uma situação já estabelecida. Ou seja, a organização dos grupos humanos e sua distribuição no espaço geográfico já se constituem há tempos no mundo e, certamente, enfrentam e continuarão enfrentando muita resistência em relação a modificações que alterem essa realidade. Novas imagens sempre retratam a resistência e, por isso, a subjetividade e a complexidade que integram sua constituição não podem ser desconsideradas em quaisquer hipóteses de análise.

Se retomarmos a *Aula 6* da apostila de Geografia do TC 2000, editada no ano de 1989, observaremos que o conteúdo abordado em seu subtítulo “*A distribuição da população no mundo é desigual*” nos fornece os indícios necessários a mais uma verificação da importância das características físicas de um determinado lugar para a adaptação do homem:

[...] nessa área, não é possível a produção de alimentos, o que significa que um grande número de homens não pode viver em tal lugar, por muito tempo. A não ser que se transformem as condições naturais da área, melhorando o solo e criando outras condições para superar os problemas climáticos, possibilitando a prática de atividades agrícolas e de criação de animais.

Podemos verificar, também, que as condições climáticas adversas afetam seriamente o organismo humano. Assim, em certas regiões, o homem só pode sobreviver quando recorre a roupas e habitações adequadas, que o protejam suficientemente.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1989, p.37)

Novamente a abordagem do texto didático induz à interpretação de uma realidade que se constitui a partir de imagens que, na medida em que são

elaboradas e/ou evocadas pelo leitor, representam ideias que devem ser consideradas responsáveis pela sua aceitação em relação à realidade que vivencia. Este fragmento reflete imagens pautadas no possibilismo.

No entanto, é necessário considerarmos que, se não fosse a interferência humana no espaço geográfico, o homem não teria condições de sobrevivência no planeta. Diante de tal condição, a própria necessidade de alteração nas características do meio ambiente é elemento responsável pela adaptação humana, que se torna uma decorrência natural das condições impostas ao homem.

Relacionando esta condição com análises de fragmentos dos textos abordados em nosso estudo – didático e literário –, até o presente momento, podemos, então, apontar alguns aspectos que confirmam nossas ideias:

- 1º) Na condição de leitor das apostilas de Geografia do TC 2000, o indivíduo tem a possibilidade de elaborar e/ou evocar imagens que representam sua realidade, mesmo a partir de ideias expostas no texto didático com a intenção de submetê-lo à aceitação de uma realidade que não satisfaça sua sobrevivência de maneira “adequada”, digna;

- 2º) Na condição de leitor do texto literário de “Os Sertões”, a possibilidade de elaboração e/ou evocação de imagens representa a identificação de conflitos ocorridos em uma época anterior à sua e que lhe permitem uma comparação que, em algum momento, pode se assemelhar ou se tornar diferente a partir de seu contexto social.

A sobrevivência humana, então, se torna elemento indispensável à constituição das imagens que culminam tanto na identificação da Geografia da realidade quanto da realidade geográfica.

Considerando que tais conceitos constituem nossa busca nesta tese e constituem nossa questão central, é importante salientar que devem ser interpretados como indicadores da necessidade do nosso conhecimento sobre o espaço geográfico.

Complexo e dinâmico, o espaço geográfico se constitui a partir de conceitos e ideias que, tão próximos da realidade do leitor, por vezes se confundem e se tornam um elemento despercebido nas interpretações que buscam sua

fundamentação, a exemplo do que ocorre, em alguns momentos, com o método científico.

Apontamos a condição de elemento “despercebido” porque observamos que, à medida que se confunde com a própria realidade, deixa de ser interpretado como algo que promove questionamentos decorrentes de inquietações.

Quando percebemos que estamos inseridos neste espaço, nossa integração é tão profunda e complexa que sua existência deixa de ser algo relevante. No entanto, esta irrelevância ocorre apenas pelo fato de estarmos acostumados com sua presença e com a nossa presença em seu interior.

Conforme são estabelecidas relações entre os homens que atuam no espaço geográfico, resultam novas imagens que configuram a realidade geográfica, como afirmamos anteriormente. Neste sentido, como as relações estabelecidas são fundamentadas, principalmente, no trabalho humano, é importante salientar que o espaço passa a ser valorizado e:

Sendo o espaço (e tudo o que ele contém) uma condição universal e preexistente do trabalho, ele é, desde logo, um *valor de uso*, um bem de utilidade geral. A produção, desta forma, sempre se realizará sobre formas preexistentes, sejam naturais ou sociais (herdadas de trabalhos pretéritos). É por isso que o espaço é uma condição geral da produção.

(MORAES; COSTA, 1984, p. 124, grifos do autor)

Esta característica confirma o que estamos abordando em nossa análise, pois as condições físicas do lugar também determinam o tipo de trabalho a ser desenvolvido, ou seja, como o espaço será ocupado e utilizado.

As apostilas de Geografia consideradas em suas duas edições (1989 e 1996) são exemplos de que a ocupação humana é um tema frequente nas aulas que consideramos para nossa tese e, em relação ao texto literário de “Os Sertões”, a valorização do espaço pode ser associada ao fato de que o sertanejo conhece e ocupa o lugar, que também podemos considerar como território. Assim, para fundamentar nossa reflexão neste momento, nos apoiamos, novamente, nas ideias de Moraes e Costa (1984), quando os mesmos afirmam que “o espaço terrestre apresenta uma série enorme e complexa de fenômenos naturais e sociais que se *estendem* sobre o espaço concreto”.

Em suma, os textos didático, literário e científico nos permitem observar a presença do conceito de espaço como elemento fundamental na interpretação das imagens que integram a vida humana.

CAPÍTULO 5

GEOGRAFIA E REALIDADE:

Imagens da vida presentes nos textos

Em momento anterior, apontamos elementos presentes no texto didático das apostilas de Geografia do TC 2000 que permitem ao leitor a identificação de fatores que contribuem diretamente com a interpretação de sua própria realidade. Neste capítulo, não faremos algo diferente. No entanto, prosseguiremos nossa abordagem sobre as imagens que constituem a Geografia da realidade e a realidade geográfica a partir de conceitos que podem ser considerados decorrentes das imagens da ordem e do caos e que, incontestavelmente, constituem nossa sociedade.

Tomando como referência o texto didático das apostilas consideradas, observamos que seu conteúdo expressa, na possibilidade de diversas (re)interpretações das leituras realizadas, a identificação de um indivíduo submisso, passivo, que aceita sem questionamentos. Esta característica é inerente ao trabalho

pedagógico proposto, pois o telealuno corresponde ao leitor que representa um indivíduo apto a receber informações sem questioná-las. Temos na figura do telealuno a imagem do caos, pois sua condição de leitor induzido, que não oferece questionamentos e/ou reflexões, não corresponde à imagem do *“leitor do mundo”*.

Refletindo sobre a realidade geográfica decorrente das condições de vida do “sertanejo euclidiano” e do “sertanejo aluno do TC2000”, nos encontramos diante da possibilidade de identificação de imagens que se constituem a partir destas “imagens do caos”. *Não seriam estas imagens elementos responsáveis pelo prevalectimento das “imagens da ordem”?*

As imagens da ordem correspondem a uma predeterminação expressa em valores que se manifestam na ciência geográfica quando esta é utilizada como recurso destinado à manutenção da ordem e prevalectimento de uma hierarquia social. No entanto, na medida em que o **HOMEM** (re)lê e (re)interpreta o mundo a partir do conhecimento, das informações obtidas no texto, compreendemos também a possibilidade de transposição de uma condição de vida inadequada a uma realidade peculiar e, por este motivo, geográfica.

Na medida em que usa o conhecimento adquirido, o **HOMEM** liberto pode ser compreendido como *“leitor do mundo”* e, por este motivo, se torna elemento fundamental na sua própria história. Sua percepção e seu conhecimento se tornam aspectos essenciais à sua realidade. Desta condição resulta também a Geografia da realidade, pois, à medida em que esse homem interfere conscientemente em sua realidade – geográfica – delinea novos caminhos e, portanto, novas formas de compreensão da realidade, assegurando um novo perfil tanto para si quanto para o lugar em que vive, pois passa a compreendê-lo e a tomá-lo como “objeto” adequado às suas necessidades.

Na condição de **HOMEM** que constitui as imagens de sua realidade, não podemos desconsiderar que nos ligamos afetivamente ao lugar em que vivemos e, neste sentido, “nossa imagem ambiental ainda é uma parte fundamental de nosso instrumental de vida” (LYNCH, 2006, p. 140).

Se convidado a participar da realidade que se constitui como elemento de seu conhecimento, temos um leitor participativo, que contribui diretamente com a (re)construção do mundo. Em outras palavras, temos o *“leitor do mundo”*.

Contrariamente, temos também o leitor que consideramos “leigo”, passivo, expresso na figura do “leitor induzido”. Sem questionar a própria realidade, este

leitor pode ser compreendido como um indivíduo que, apesar de interagir com o meio ambiente (espaço geográfico) e possuir plena consciência de suas atitudes, torna-se incapaz de agir de acordo com suas necessidades e, neste sentido, valorizar e produzir sua própria interpretação da realidade. Este leitor não é capaz de compreender ou mesmo construir a Geografia da realidade e a realidade geográfica. Aceita condições impostas e confirma a presença da aceitação, que culmina em sua passividade.

QUADRO 06: Semelhanças e diferenças entre os “tipos” de leitores

LEITOR INDUZIDO	LEITOR DO MUNDO
Não questiona a própria realidade Não é capaz de compreender a Geografia da realidade e a realidade geográfica.	Participa da realidade que se constitui como elemento de seu conhecimento, contribuindo diretamente com a (re)construção do mundo.
Interage com o meio ambiente conscientemente.	Interage com o meio ambiente conscientemente.
Não é capaz de compreender e/ou identificar a Geografia da realidade e a realidade geográfica.	Faz da Geografia da realidade e da realidade geográfica conceitos que integram sua vida.

Em decorrência desta condição, podemos interpretar a realidade geográfica tomando como referência as ideias de Cunha (1984), já apresentadas em capítulo anterior.

Para este autor, o homem identificado na figura do sertanejo, apesar de submisso às condições do meio ambiente (espaço geográfico), se revela “vitorioso”, pois conseguiu sobreviver à adaptação imposta pelas características locais.

A condição da seca no sertão de Canudos, exemplo citado anteriormente, pode ser retomada neste momento para esclarecermos o que afirmamos anteriormente. O sertanejo, diante das dificuldades impostas pelas características físicas do lugar, é elemento de fundamental importância na interpretação da realidade geográfica que apontamos no parágrafo anterior:

A seca é inevitável.

Então se transfigura. Não é mais o indolente incorrigível ou o impulsivo violento, vivendo às disparadas pelos arrastadores. Transcende a sua situação rudimentar. Resignado e tenaz, com a placabilidade superior dos fortes, encara de fito a fatalidade incoercível; e reage. O heroísmo tem nos sertões, para todo o sempre, perdas, tragédias espantosas. Não há revivê-las ou episodiá-las. Surgem de uma luta que ninguém descreve – a insurreição da terra contra o homem. A princípio este reza, olhos postos na altura. O seu primeiro amparo é a fé religiosa. Sobraçando os santos milagreiros, cruzeiros alçadas, andores erguidos, bandeiras do Divino ruflando, lá se vão, descampados em fora, famílias inteiras – não já os fortes e sadios senão os próprios velhos combalidos e enfermos

claudicantes, carregando aos ombros e à cabeça as pedras dos caminhos, mudando os santos de uns para outros lugares. [...]

(CUNHA, 1984, p. 93)

O sertanejo expresso nas linhas e entrelinhas da obra euclidiana nos permite identificar que sua luta diante da seca se configura como uma realidade própria ao lugar em que reside. Diante das dificuldades, torna-se uma pessoa que cultiva o hábito da religiosidade, principalmente quando se apega às figuras que lhe oferecem a proteção necessária para transpô-las.

A Geografia da realidade, neste caso, promove a busca do entendimento e também possíveis explicações sobre as condições de sobrevivência do sertanejo, em função das características adversas do lugar. Assim, é notória sua relação com o lugar e, portanto, a Geografia da realidade conduz à identificação da realidade geográfica. Em alguns momentos, podemos relacionar tal interpretação com a compreensão das paisagens. Assim, de acordo com Tuan (2005, p.12, grifos do autor), “paisagem’, como o termo tem sido usado desde o século XVII, é uma construção da mente, assim como uma entidade física mensurável”.

A seca, apresentada no fragmento do texto literário selecionado, também constitui fonte das reflexões do autor relacionado, pois “[...] é a ausência de chuva, também um fenômeno invisível, exceto indiretamente pela devastação que produz [...]”¹⁰. Assim, a seca se torna um elemento que nos permite confirmar a presença tanto da realidade geográfica quanto da Geografia da realidade. Se considerarmos a realidade geográfica, nos encontramos diante da adequação do **HOMEM** às condições físicas do lugar em que vive. No que se refere à Geografia da realidade, nos encontramos diante da compreensão e identificação de elementos pertinentes à realidade do **HOMEM**, ou seja, à realidade geográfica.

Então, é necessário considerarmos que a interpretação da realidade é produto direto das imagens que elaboramos e/ou evocamos a partir da (re)interpretação do conhecimento que obtemos. Consideramos, então, a capacidade de observação humana como primeiro elemento para a “libertação” de uma postura passiva, que expressa as (poucas) ações de um homem que aceita sem questionamentos. Desta condição resulta a interpretação de uma nova realidade e, decorrente desta nova realidade – geográfica – resulta a Geografia da realidade.

¹⁰ In: Tuan (2005, p.13).

A interpretação da realidade geográfica, neste momento, corresponde à possibilidade de identificação de imagens que simbolizam as condições de vida que a Geografia tenta explicar. Em outras palavras, a realidade geográfica é peculiar a determinado grupo social, sem desconsiderar conceitos já estabelecidos pela ciência geográfica. A Geografia da realidade, por sua vez, determina as condições de sobrevivência do homem diante da observação de fatos cotidianos que, por vezes, como já citamos, não são percebidos pelo homem em sua dura rotina.

Prosseguindo com a análise proposta, em relação às aulas de Geografia do TC2000 consideradas, a presença da submissão também é verificada quando os conceitos abordados em seu texto são apresentados como indicadores de uma realidade que necessita, apenas, da aceitação dos indivíduos que dela participam.

Para ilustrar o que afirmamos, podemos fundamentar nossas ideias em um fragmento da apostila editada no ano de 1989, quando o mesmo faz referência à ocupação territorial. Compreendemos que este fragmento caracteriza adequadamente as reflexões que apresentamos, pois a ocupação territorial representa a integração entre homem e espaço geográfico, abordada até o momento:

A penetração e ocupação de áreas interioranas deu-se com o desenvolvimento da mineração em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso e com a criação de gado no sertão nordestino, especialmente no Piauí e na Bahia.

Hoje, a situação não mudou muito, mas a repartição da população ainda é desigual. O Brasil tem ao mesmo tempo áreas densamente povoadas e áreas quase inabitadas. A maior parte da população ainda se concentra próximo ao litoral, enquanto o interior se apresenta bem menos povoado.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1989, p.37)

A desigualdade que caracteriza a distribuição espacial das pessoas pode ser tomada como elemento de fundamental importância neste momento de nossa análise. Um fator que merece destaque é a situação que prevaleceu em nosso país, durante algum tempo, de concentração de pessoas em áreas litorâneas e ausência de concentração populacional em áreas interioranas. No entanto, com as transformações ocorridas na sociedade, podemos verificar que, atualmente, ao menos em relação ao Brasil, tal afirmação já não se constitui como verdade.

Neste sentido, atentamos para a data da publicação e observamos que neste fragmento de texto é comum verificarmos que as informações tendem a conduzir o leitor a se conformar com a descrição apresentada, que acaba por

“orientar” sua interpretação e, portanto, a elaboração de imagens que realiza a partir das informações obtidas. Facilidades e dificuldades enfrentadas rotineiramente se constituem como elementos que confirmam, nesta perspectiva, as imagens da ordem como essenciais na constituição da sociedade. Ao observarmos o prevalemento da ordem, verificamos que tais imagens podem ser associadas às imagens da “manutenção”, que asseguram o controle de uma sociedade organizada hierarquicamente, conforme já abordamos em momento anterior. Destas imagens da manutenção resultam, conseqüentemente, a passividade de indivíduos que não percebem sua atuação como interferência direta e consciente na realidade observada e vivida e prevalece a “falsa consciência”, identificada em momento anterior desta tese.

Podemos, então, retomar a análise do fragmento selecionado nesta abordagem, considerando os aspectos que julgamos principais.

Inicialmente, a ocupação das terras em função da atividade econômica, nos Estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Piauí e Bahia, é abordada como uma condição que pode ser considerada “natural”. As localidades citadas apresentaram, na história de seu desenvolvimento, situações que exigiram a presença humana para que as atividades pretendidas fossem realizadas. A ocupação e a transformação do espaço ocorreram, então, como “resposta” a uma determinada situação.

Numa visão que caracteriza a sociedade a partir de seu modo de produção, nos encontramos diante de uma sociedade capitalista, cuja valorização do trabalho determina as relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico. Neste sentido, a atividade humana, além de ser capaz de transformar o espaço geográfico, impõe, também, valor ao espaço, como se este fosse, realmente, uma mercadoria. No entanto, não podemos nos esquecer das ideias expressas por Moraes e Costa (1984, p. 130-1), afirmando que:

[...] O valor no espaço é a própria espacialidade contida nos modos de produção. Ele nos revela mais a especificidade das formas de valorização em geral do que propriamente a da produção do espaço.
Num outro nível, com a propriedade privada e a mercantilização das relações sociais, o próprio espaço torna-se objeto de troca. [...]

As ideias apresentadas nos permitem concluir, neste momento, que a própria valorização do espaço se torna fator responsável pela ocupação do lugar. A

interpretação do fragmento do texto didático citado, em comparação com as ideias de Moraes e Costa (1984), nos fornece indícios necessários à observação de que a atividade econômica exercida atrai os grupos sociais para determinadas localidades, resultando em locais mais e menos populosos. O texto literário, por sua vez, não apresenta situações de exploração comercial do lugar, mas a necessidade de defesa de sua terra conduz o povoamento de Canudos, que também é uma manifestação de valorização do espaço geográfico. Para uma melhor compreensão desta afirmação, podemos observar um fragmento de “Os Sertões” que nos permite identificar a relação que o homem estabelece com o espaço geográfico quando necessita interpretá-lo para decidir sobre seu próprio futuro:

Com os escassos recursos das próprias observações e das dos seus maiores, em que ensinamentos práticos se misturam a extravagantes credices, tem procurado estudar o mal, para o conhecer, suportar e suplantar. Aparelha-se com singular serenidade para a luta. Dous ou três meses antes do solstício de verão, espeda e fortalece os muros dos açudes, ou limpa as cacimbas. Faz os roçados e arrega as estreitas faixas de solo arável à orla dos ribeirões. Está preparado para as plantações ligeiras às vindas das primeiras chuvas.

Procura em seguida desvendar o futuro. Volve o olhar para as alturas; atenta longamente nos quadrantes; e perquire os traços mais fugitivos das paisagens...

(CUNHA, 1984, p. 92)

Esta descrição pode ser considerada como fundamental à interpretação de imagens que, constituindo a Geografia da realidade e a realidade geográfica, determinam a condição de vida do homem no espaço geográfico que representa Canudos.

As condições físicas do lugar impõem ao homem parâmetros necessários tanto à interpretação da realidade quanto à sua adaptação para sobreviver. Podemos até remeter nossas reflexões às imagens que, constituídas a partir da interpretação resultante de nossa leitura, identificam a submissão do homem ao espaço geográfico. No entanto, não podemos desconsiderar que, conforme já mencionamos, as visões do mundo são diferentes, próprias, peculiares à determinada época e:

A articulação firme e precisa das atitudes ambientais requer notáveis habilidades verbais. A literatura, mais do que os levantamentos das ciências sociais, nos fornece informação detalhada e minuciosa de como os seres humanos percebem seus mundos. [...] Os escritores, no entanto,

têm alcançado sucesso em expressar claramente as diferenças sutis na visão do mundo.

(TUAN, 1980, p.56)

Então, compreendendo a importância da visão do mundo na compreensão da realidade observada a partir do conhecimento adquirido com a (re)leitura e (re)interpretação de textos, julgamos necessária a identificação dos mesmos aspectos identificados na abordagem do texto didático da apostila de Geografia do TC 2000 editada em 1989 e em “Os Sertões” nas apostilas de Geografia do TC 2000 editadas em 1996:

As condições naturais são importantes, mas não determinantes. Antes, nosso país era um grande fornecedor de café, mas hoje passou a segundo maior exportador de soja e derivados, com a vantagem de colocar sua produção no mercado durante o período da entressafra norte-americana. A soja, pouco conhecida no Brasil há quinze anos, venceu a barreira ecológica dos **cerrados** e espalhou-se no Planalto Brasileiro, graças aos investimentos em melhorias genéticas e no desenvolvimento de tratamentos em sua cultura. Em 1975, os cerrados eram responsáveis pela produção de cerca de 6% da soja brasileira; em 1982, esse número atingia 22% e, com a grande safra de 1987/88, responderam por 8 milhões de toneladas de soja, isto é, 44,5% do total nacional.

A economia brasileira cresceu, e continua crescendo, pela impressionante capacidade de incorporar rapidamente novas terras. A área total dos estabelecimentos agrícolas era de 198 milhões de hectares em 1940; saltou para 365 milhões em 1980, e atingiu 375 milhões de hectares em 1985, já sob os efeitos da crise econômica do início da década de 1980. E isso representa apenas cerca de metade da área disponível para a agropecuária.

A grande propriedade rural brasileira, herdada do latifúndio escravista, foi um instrumento básico para conservar os trabalhadores e suas famílias em condições próximas à subsistência, rebaixando o nível geral de salários da economia. [...]

A concentração do capital e o crescimento econômico não repousaram apenas nos baixos salários, mas também na extraordinária intensificação da mobilidade dos trabalhadores no decorrer da História. O processo migratório interno foi responsável pelo povoamento do território nacional, que se intensificou com o processo de industrialização, avançando progressivamente para o oeste e o norte. [...]

A **mobilidade da população** ampliou a margem de pobreza em todo o território nacional e fez emergir novos grupos sociais, que compõem o universo da sociedade brasileira. [...]

Essa mobilidade deve-se, de um lado, à atração exercida pelas áreas dinâmicas, com novas oportunidades de emprego e/ou de acesso à terra, sobretudo no Sudeste, nas metrópoles e, com menos intensidade, no Centro-Oeste e Norte; de outro lado, a modernização da agricultura, que libertou a mão-de-obra rural em todo o país, retirou do Nordeste seu papel de fornecedor, quase exclusivo, de migrantes.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, vol.2, p. 18-9, grifos do autor)

Assim como o texto didático das apostilas editadas em 1989, o texto editado em 1996 nos permite observar como a atividade econômica influencia a ocupação territorial.

Entretanto, é interessante observar que a ênfase é atribuída aos movimentos migratórios existentes para suprir a necessidade de mão-de-obra nas regiões brasileiras onde o trabalho é intensificado, visando atender ao mercado estrangeiro. O trabalho latifundiário assegura o pagamento de salários baixos e restringe a possibilidade de ascensão e/ou mobilidade social às pessoas. Resultam desta observação imagens referentes ao caos pré-estabelecido nas relações sociais, bem como imagens da passividade e aceitação. Aceitando passivamente a situação, o **HOMEM** se torna submisso e, nesta perspectiva, temos a imagem da submissão.

Uma leitura interpretativa do fragmento de texto apresentado nos permite observar a condição de submissão do homem, a mesma que também se faz presente no fragmento que apresentamos referente à apostila editada em 1989.

A submissão identificada na edição de 1996 nos permite elaborar e/ou evocar imagens que refletem a reprodução de uma sociedade capitalista, cujo modo de produção determina tanto as relações quanto as “posições” ocupadas pelos homens. A edição de 1989, que tomamos como parâmetro de análise em momento anterior, nos aponta a mesma forma de submissão, justificando a ocupação de áreas litorâneas e interioranas, mas sem aprofundar tanto a atividade humana como o fator responsável pela ocupação. Um ponto, porém, é comum a ambas: a desigualdade da ocupação territorial.

Relacionando esta breve análise com o fragmento de “Os Sertões”, a submissão se faz presente quando observamos o homem atento aos “sinais” da natureza, ou seja, a preparação dos açudes, por exemplo, depende das condições físicas do lugar. Havendo probabilidade e esperança de chuva, o sertanejo “se prepara para o futuro”. Esta condição reafirma a presença das imagens que traduzem a esperança por uma vida melhor.

Ao abordar o plantio da soja, o texto da apostila de Geografia (1996) nos aponta uma nova situação para o plantio nas regiões latifundiárias brasileiras. No entanto, não deixa de enfatizar as condições históricas desta atividade: herdamos a atividade do período escravo. *Será que nos afastamos desta característica?*

Buscando explicações para a questão proposta, neste momento, podemos salientar que as imagens que elaboramos e/ou evocamos apontam a presença de

homens submissos às condições de trabalho indignas, que garantiram mobilidade em relação à ocupação territorial, mas nem sempre em relação à ocupação de posições em classes sociais mais elevadas.

Em sentido amplo, a submissão pode, muitas vezes, ser compreendida como sinônimo de outros conceitos, como por exemplo, determinismo.

De acordo com Santos (2004, p. 44, grifos do autor):

[...] *Determinismo é causalidade natural*. Entre as causas que, na natureza, *determinam* os fenômenos, algumas são contingentes. Entre estas causas contingentes, algumas são geográficas. O problema reside em saber se existem *necessidades geográficas* e se os fenômenos naturais podem agir como causas necessárias sobre uma humanidade puramente receptiva.

Ao observarmos as ideias relacionadas, podemos estabelecer uma comparação com a tese aqui apresentada. Ao abordar o “determinismo”, o autor nos permite relacionar o conceito à escrita descritiva euclidiana e também aos textos didáticos das apostilas de Geografia do TC 2000.

Se, como afirma Santos (2004) “*determinismo é causalidade natural*”, seria muito fácil interpretar os textos considerando que as imagens elaboradas e/ou evocadas a partir desta ação corresponderem apenas à submissão e à aceitação esperadas das atitudes dos homens, receptores deste conhecimento.

No entanto, apesar de identificarmos o mesmo *determinismo* nos textos considerados, identificamos que também ocorre na (re)interpretação do conhecimento, mas não anula a ação humana.

Em outras palavras, é notória a presença do *determinismo*, mas como imagem decorrente de uma interpretação inicial do leitor. Se o **HOMEM**, na condição de “*leitor do mundo*”, se submete a interpretar a realidade, também se submete a “re-interpretar” de forma contínua, e até mesmo ininterrupta, os fatos que constituem sua rotina. Por este motivo, durante toda a escrita desta tese consideramos o emprego de expressões como (re)leitura e (re)interpretação. A possibilidade de reler e reinterpretar nem sempre é algo “claro”, nítido aos olhos do leitor. Entretanto, se constitui como condição que representa as dinâmicas relações estabelecidas entre homem e meio ambiente (espaço geográfico), e que, por sua vez, caracterizam a diversidade observada no mundo.

Dotado da capacidade de abstração, o **HOMEM** se permite (re)interpretar sua realidade. Surgem os questionamentos e reflexões pelo simples fato de

observar que não há correspondência total entre a informação transmitida pelos textos e suas experiências. É claro que, muitas vezes, o leitor de tais textos se encontra na mesma situação que os textos descrevem, mas isso não significa que deva aceitar passivamente tal condição. Quando abandona esta postura passiva, torna-se *“leitor do mundo”*.

Contrariamente, aceitando o *determinismo*, o **HOMEM** não permite que a mobilidade social possa, efetivamente, acontecer. A maneira pela qual as ações humanas se tornam efetivas é resultado de uma lógica já estabelecida. Da mesma forma que os paradigmas científicos, que apontamos anteriormente, rompem com padrões e valores, uma nova visão do mundo não se estabelece pacificamente.

A possibilidade de mobilidade social é apenas um fator que compõe esta breve análise. Podemos tomar como referência, também, as condições de sobrevivência do homem. Aspectos físicos do lugar, por exemplo, determinam como e onde ele se estabelecerá. Neste sentido, a dura vida do sertanejo de “Os Sertões” ou mesmo a dura vida do sertanejo aluno do TC 2000 – que vem para regiões mais desenvolvidas em busca de melhorias – são determinadas por uma ordem já existente. No caso do telealuno, esta lógica é comandada pela lógica do capitalismo. Porém, para ambos – sertanejo euclidiano e sertanejo aluno do TC 2000 – a lógica da “aceitação” prevalece. Cabe ao leitor interpretar e elaborar suas próprias imagens, que constituirão a Geografia da realidade e a realidade geográfica.

Algumas considerações confirmam o que refletimos neste momento.

O **HOMEM** descrito por Euclides da Cunha (sertanejo euclidiano) pode ser receptivo e corresponder à manifestação de necessidades geográficas, mas abandona tal condição quando se empenha na luta pela sobrevivência, desconsiderando as dificuldades impostas pela seca, por exemplo.

Já para o **HOMEM** identificado no texto didático das apostilas de Geografia do TC 2000, as necessidades geográficas se resumem na observação das condições de sua sobrevivência na “cidade grande”. O **HOMEM** expresso na figura do telealuno pode ser interpretado na imagem de um retirante que sai de estados menos desenvolvidos, se comparados com o Estado de São Paulo, para tentar uma nova vida, distante de sua terra, seu lugar e, também, de suas dificuldades. No entanto, vale ressaltar que nem sempre consegue superar esta condição.

Estas afirmações que realizamos nos propõem a observação do questionamento de Santos (2005) sobre a existência de necessidades geográficas e se fenômenos naturais podem agir como causas necessárias sobre uma humanidade receptiva.

De acordo com as afirmações, podemos concluir que a passividade expressa como atitude humana possibilita o determinismo apontado pelo autor, mas podemos, também, concluir que integram os conceitos que buscamos definir. É necessário cautela na leitura e interpretação das ideias do autor, pois, a exemplo dos textos didáticos, podem induzir nossa interpretação. Neste sentido, não desconsideramos a importância dos elementos que compõem as características “físicas” e “sociais” de um povo. Assim, de acordo com Tuan (1980, p.91):

O meio ambiente natural e a visão do mundo estão estreitamente ligadas: a visão do mundo, se não é derivada de uma cultura estranha, necessariamente é construída dos elementos conspícuos do ambiente social e físico de um povo. Nas sociedades não tecnológica [sic] o ambiente físico é o teto protetor da natureza e sua miríade de conteúdos. Como meio de vida, a visão do mundo reflete os ritmos e as limitações do meio ambiente natural.

Sob esta perspectiva, compreendemos que os grupos sociais se tornam mais ou menos receptivos, isto é, passivos, em função do nível de desenvolvimento que caracteriza sua realidade. Porém, compreendemos também que a humanidade não é totalmente receptiva, pois é capaz de adequar as condições do espaço geográfico às suas necessidades. Em suma, as necessidades geográficas podem ser interpretadas como elementos que possibilitarão a elaboração e/ou evocação de imagens que constituirão a ciência geográfica em sua amplitude e também os conceitos pretendidos com esta tese, reafirmando a necessidade de nosso questionamento principal:

“IMAGEM: Geografia da realidade ou realidade geográfica?”

Retomando nossos questionamentos e associando-os ao ensino da Geografia, podemos verificar que o trabalho pedagógico que envolve a ciência geográfica representa a possibilidade de adoção de uma nova manifestação de pensamento.

Neste sentido, torna-se necessário salientar que o pensamento é submetido a uma visão do mundo que representa um determinado momento e, por isso, uma visão do mundo deve ser compreendida como a possibilidade de modificação de conceitos. E esta modificação de conceitos implica, diretamente, na transformação da realidade.

Se o conhecimento sobre a realidade vem do conhecimento científico, como já abordamos, podemos retomar as ideias de Kuhn (2006, p.147-8), quando retrata sua concepção de revoluções como mudanças na concepção de mundo:

O historiador da ciência que examinar as pesquisas do passado a partir da perspectiva da historiografia contemporânea pode sentir-se tentado a proclamar que, quando mudam os paradigmas, muda com eles o próprio mundo. Guiados por um novo paradigma, os cientistas adotam novos instrumentos e orientam seu olhar em novas direções. E o que é ainda mais importante: durante as revoluções, os cientistas vêem coisas novas e diferentes quando, empregando instrumentos familiares, olham para os mesmos pontos já examinados anteriormente. É como se a comunidade profissional tivesse sido subitamente transportada para um novo planeta, onde objetos familiares são vistos sob uma luz diferente e a eles se apregam objetos desconhecidos. Certamente não ocorre nada semelhante: não há transplante geográfico; fora do laboratório os afazeres cotidianos em geral continuam como antes. Não obstante, as mudanças de paradigma realmente levam os cientistas a ver o mundo definido por seus compromissos de pesquisa de uma maneira diferente. Na medida em que seu único acesso a esse mundo dá-se através do que vêem e fazem, poderemos ser tentados a dizer que após uma revolução, os cientistas reagem a um mundo diferente.

As ideias de Kuhn (2006) nos permitem estabelecer uma comparação com os conceitos que buscamos nesta pesquisa: Geografia da realidade e realidade geográfica.

Quando valores embutidos no conhecimento científico – considerado correto e verdadeiro – são questionados, muitas reações podem descaracterizá-los ou mesmo levá-los a uma confirmação de sua veracidade. Assim, se as interpretações que realizamos sobre as experiências que possuímos são levadas a conhecimento acadêmico, podemos compreender que, conforme Kuhn (2006), “os cientistas reagem a um mundo diferente”.

Aceitar o diferente, o novo, pode parecer algo inadmissível no meio acadêmico, pelo fato de oportunizar a concretização de situações que se fundamentam na quebra de paradigmas. A realidade, por si, assegura esta condição e, em todo o momento, nos permite observar que não se constitui de situações padronizadas. Em outras palavras, a realidade se constitui a partir de inúmeras e

diversas relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico, homens e homens, integrando um mundo extremamente dinâmico. Resultado: Geografia da realidade e realidade geográfica.

Conhecer a realidade significa consolidar um conhecimento que já existe, mas muitas vezes não é identificado. Realizamos tal afirmação porque compreendemos que a Geografia da realidade e a realidade geográfica são os conceitos que buscamos e que retratam, integralmente, esta condição. A partir das imagens que podemos elaborar e/ou evocar quando questionamos nossa realidade, nos permitimos obter o conhecimento considerando tudo aquilo que é, realmente, importante e significativo à nossa própria natureza.

Inerentes à natureza humana estão as ações do homem. Assim, questionando as atitudes humanas, *seriam elas apenas mais um indício – entre tantos – da interferência humana no meio ambiente? Qual relação podemos estabelecer entre homem e meio ambiente?* Em nosso entendimento, uma Geografia da realidade possibilita a compreensão desta realidade enquanto elemento de análise que nos permite interpretar a ação humana como principal elemento transformador do espaço geográfico.

A ação humana e sua interferência são identificadas tanto no texto didático quanto no texto de caráter literário. Se, para o sertanejo identificado como leitor das apostilas de Geografia do TC 2000, o espaço geográfico se situa no novo lugar que ele escolhe para viver e constituir – ou, ao menos, tentar constituir – as bases que fundamentarão sua existência, para o sertanejo de Euclides da Cunha o espaço geográfico é o motivo de sua existência, pois luta constantemente para defendê-lo e possuí-lo.

Conhecer o espaço geográfico é uma condição indispensável ao domínio do conhecimento sobre o lugar onde residimos e, neste sentido, podemos afirmar que o sertanejo de Euclides da Cunha venceu o inimigo – ao menos moralmente –, pelo fato de possuir este conhecimento. Este conhecimento, neste sentido, caracteriza a presença da Geografia da realidade e da realidade geográfica.

Temos a Geografia da realidade quando identificamos que o sertanejo busca, a partir de sua vivência, dominar o inimigo. Confirmamos a realidade geográfica quando observamos que ele procura sobreviver considerando o que já conhece e fazendo disto o motivo maior de sua luta: a permanência num lugar que também o castiga, pelas condições físicas que possui.

Se associarmos tais considerações ao sertanejo que identificamos na figura do leitor dos textos didáticos do TC 2000, a Geografia da realidade se manifesta quando observamos, em sua presença, as condições que o telealuno busca para sobreviver. À realidade geográfica cabe uma compreensão sobre a confirmação desta Geografia da realidade, determinando as ações exercidas pelo telealuno para assegurar as mínimas condições de sobrevivência, distante de sua “terra natal”. Neste contexto, sua luta é contra o desemprego, a fome e, até mesmo, contra a discriminação. Uma realidade geográfica surge, assim, para concretizar as situações que são estabelecidas a partir das relações estabelecidas entre homem e espaço geográfico.

Em um mundo marcado pela circulação do dinheiro, no qual as sociedades se constituem a partir das relações de produção, o conteúdo abordado em aulas de Geografia do nível médio de ensino, geralmente, é direcionado aos aspectos sociais. Aborda, por exemplo, a constituição de uma nova organização espacial, a partir dos movimentos ocasionados pela expansão demográfica:

O crescimento extraordinário da população mundial nos últimos duzentos anos e a desaceleração atual permitiram elaborar um modelo explicativo para a evolução da população mundial: **a transição demográfica.**

A transição demográfica consiste em um sucessão de fases pelas quais uma população passa à medida que penetra no que chamamos de modernidade, isto é, uma sociedade agrária tradicional transforma-se numa sociedade moderna, industrial e urbana.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, vol.2., p.77, grifos do autor)

O conceito de modernidade exposto no fragmento nos permite verificar como é determinada, induzida a compreensão da realidade. Neste sentido, as imagens de um mundo moderno surgem como elementos que representam uma nova realidade, diferente de tudo o que constituiu e permitiu o estabelecimento do conhecimento antes da introdução de novas tecnologias.

A proposta pedagógica que configura o TC 2000 surge como elemento que representa uma realidade marcada pela inovação. O uso de fitas VHS, como recurso didático que auxilia na (re)transmissão e na (re)construção do conhecimento, é “utilizado” como propaganda, como estímulo expresso em uma “ferramenta” de ensino, pois representa um novo mundo. Modernidade é sinônimo de avanço tecnológico e uma sociedade, conforme já salientamos apoiando nossas ideias em Tuan (1980), tem o seu nível de desenvolvimento cultural identificado a partir de seu desenvolvimento tecnológico.

Em relação à obra euclidiana, não podemos afirmar que a modernidade se expressa de maneira tão explícita. Para Euclides da Cunha, o conceito de “moderno” se refere a tudo o que está relacionado ao novo regime político da época em questão: a República. Tal condição nos permite identificar, a partir dos elementos que constituem o texto literário de “Os Sertões”, como a própria constituição da “nova” sociedade interfere na maneira como o autor, na condição de observador, interpreta e cria sua própria Geografia da realidade e também sua realidade geográfica: a “civilização do litoral”, o Exército, o modo de vida do sul-sudeste e o atraso observado em Canudos, o sertanejo e o sertão, o Conselheiro e Canudos, modo de vida do sertão. Se tomarmos como referência as contradições observadas no modo de vida do povo de Canudos, quando há relatos sobre as adversidades enfrentadas pelo vaqueiro do Norte e as facilidades presentes na vida do gaúcho do Sul (Quadro 05), por exemplo, notamos como as próprias condições de sobrevivência determinam a “sorte” destas pessoas, que lutam de forma diferenciada pela vida e, portanto, elaboram e/ou evocam imagens que retratam compreensões e interpretações bem distintas.

Retomando a ideia de modernidade, podemos afirmar que, se uma sociedade possui seu nível identificado e quantificado a partir de seu desenvolvimento tecnológico, os habitantes de Canudos certamente representariam uma população distante desta condição. No entanto, a força exercida pelos militares com o uso de armas de fogo pode ser considerada um elemento que caracteriza a presença da tecnologia no momento em que o texto foi escrito.

Se considerarmos a presença de uma visão determinista “fatalista”, cuja compreensão nos permite identificar que a sobrevivência dos mais aptos é assegurada por um processo seletivo natural, teremos a possibilidade de associar tal condição ao sertanejo euclidiano. O profundo conhecimento do lugar lhes permite a vitória – mesmo que parcial – e, conseqüentemente, a sobrevivência na situação de conflito enfrentada. O sertanejo enfrenta a vida e combate a dificuldade vencendo perigos e, então, contribuindo com a presença de uma nova realidade.

Sendo esta nova realidade uma realidade geográfica, observaremos que valores e formas particularizadas de interpretação do espaço geográfico devem se constituir como elementos que, indiscutivelmente, refletem a possibilidade de elaboração e/ou evocação de imagens que constituem nossa interpretação desta

realidade. Conseqüentemente, temos em mãos elementos que constituem a nova realidade, resultante da Geografia da realidade.

Associando o **HOMEM**, elemento fundamental na elaboração dos conceitos Geografia da realidade e realidade geográfica, às reflexões que realizamos até o presente momento, podemos compreendê-lo como elemento que concretiza a realidade geográfica, determinando, nas diferentes relações com o meio ambiente, as condições necessárias para a efetivação de uma Geografia da realidade.

Podemos, também, considerar que reconhecer o **HOMEM** e o mundo implica, necessariamente, reconhecer a presença de seu envolvimento com a própria realidade. Então, podemos finalizar nossas reflexões compreendendo que somos, indiscutivelmente, produto, imagem da Geografia da realidade e da realidade geográfica.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao concluirmos a escrita desta tese, confirmamos o que muitos trabalhos acadêmicos já apontaram: o conhecimento influencia a vida das pessoas. Ao mesmo tempo, entendemos a importância de se considerar que o ato de conhecer vai muito além dos rigores que o método científico nos impõe.

Neste sentido, compreendemos que todo o processo de (re)leitura de textos induz à compreensão e à (re)interpretação da realidade e, assim, pode ou não aguçar a curiosidade humana.

Se considerarmos o texto didático, verificaremos que uma leitura superficial é incapaz de conduzir o indivíduo à busca pelo desconhecido. Nesta perspectiva, a *“ideologia favorável”* que apontamos no desenvolvimento desta tese pode ser interpretada como uma *“ferramenta”*, um mecanismo que expressa imagens da ordem e controle, assegurando a manutenção social e, portanto, o estabelecimento do *“welfare state”*, que também abordamos em nossas reflexões.

Para compreendermos o que vem a ser esta *“ideologia favorável”*, retomemos aqui a figura do *“pseudocidadão”*, já apresentado em nossa tese como alguém que se curva às diferentes situações que lhe são impostas. A *“ideologia favorável”*, nesse caso, concretiza esta imposição, tornando-o incapaz de reagir a uma realidade que não lhe agrada, mas à qual ele sobrevive.

Considerando a capacidade de sedução das imagens, verificamos que as imagens da ordem e do caos também se reafirmaram nesta tese, confirmando a presença do conceito relacionado anteriormente. Sob esta perspectiva, as imagens constituem, indiscutivelmente, a realidade.

Vivendo e atuando no espaço geográfico, o **HOMEM** que identificamos participa ativamente da (re)construção da realidade, interferindo na configuração do espaço geográfico e, portanto, tornando-se extremamente responsável pelas transformações que caracterizam uma nova concepção de sociedade.

Uma sociedade reflete, em sua estrutura e organização, o nível cultural de seus indivíduos e, neste sentido, toda e qualquer forma de escolarização se constitui como elemento que permite a integração entre o “conhecimento oficial” e o conhecimento que se constitui nas bases da sabedoria popular.

Quando definimos a questão central desta tese, consideramos a ciência geográfica porque observamos como o simples fato de estarmos inseridos no mundo (espaço geográfico) nos assegura o estabelecimento de relações. Estas relações podem ser compreendidas como a relação dos homens entre si e dos homens com o próprio espaço geográfico, permitindo-nos, portanto, participar de uma nova configuração do lugar em que vivemos.

A imagem da esperança se constitui como símbolo da realidade do “sertanejo euclidiano” e do “sertanejo aluno do TC2000”, mas se difere da imagem que apresentamos como o reflexo do sonho inatingível.

Para o “sertanejo euclidiano”, a imagem da esperança se constitui na expressão da luta pela sobrevivência em uma terra árida, na qual a seca prevalece e dificulta a sobrevivência humana. Ele espera, ele busca a melhoria desta situação e, mesmo se abandona o lugar onde vive, retorna ao primeiro sinal de melhoria – mesmo que este seja um “*alarme falso*”.

Para o “sertanejo aluno do TC2000”, a esperança se constitui na imagem que também simboliza a melhoria das condições de vida. Sua luta, porém, não se concentra na melhoria das condições (aspectos) físicas do lugar em que vive. Sua esperança é simbolizada pela vontade, pelo desejo de retornar à sua “terra natal”.

Por vezes, podemos considerar este desejo de “retorno” como algo que, na ideologia subjacente aos textos didáticos, se constitui na imagem do “impossível”, pois as poucas imagens que são empregadas para retratar a situação do homem

brasileiro se aproximam das diversas manifestações de dificuldades que enfrentam no decorrer de sua vida.

Tais abordagens já integraram o texto referente a nossa dissertação de Mestrado, mas, neste momento, quando nos dedicamos à elaboração desta tese, verificamos que a realidade que constitui a vida das pessoas ultrapassa esta “representação” que as imagens nos proporcionam. Nossa realidade se constitui a partir das imagens, mas não pode ser confundida com a ilusão que possuímos, pois o mundo em que vivemos se constitui a partir de um conhecimento que, mesmo resultante da atividade e observação humana, é constantemente submetido a questionamentos. Se corresponder às exigências que a ciência possui como condição para a fundamentação do que pode e deve ser aceito como “rigor”, certamente não será compreendida como inadequada ou, então, não estará sujeita à “não-aceitação”. Em outras palavras, será considerada verdade absoluta – condição esta que refutamos aqui mesmo, nesta tese.

Diante de tal condição, observamos que as imagens se constituem como elementos que, em muitos momentos, são considerados “inadequados” quando representam objeto de estudo.

Tal colocação nos fez lembrar que, durante muito tempo, a própria ciência geográfica também foi alvo de críticas e indagações sobre a possibilidade de delimitar, ou seja, definir adequadamente um objeto de estudo. Então, confirmamos que a subjetividade e a complexidade inerentes às imagens também são elementos que constituem a própria Geografia.

Expondo e apresentando elementos que tornam o mundo em que vivemos “real” e concreto, tanto as imagens quanto a ciência geográfica existem – e coexistem – porque simbolizam e representam a realidade.

Agindo, atuando no espaço geográfico, o **HOMEM** interfere nos elementos que constituem o que denominamos paisagem natural e, assim, estabelece uma nova configuração, determinando a presença de imagens que revelam sua forma de perceber e conhecer o mundo. As imagens são, então, a expressão máxima da realidade. Por este motivo, temos como produto a Geografia da realidade e a realidade geográfica.

Nossa abordagem considerava, inicialmente, apenas a questão central do título do trabalho. Entretanto, na medida em que avançamos com a pesquisa realizada, compreendemos que a presença da subjetividade e da complexidade nos

permite ultrapassar os limites que o raciocínio – atividade cognitiva predominantemente humana – impõe como condição para a concretização do conhecimento. Por este motivo a delimitação do título nos permitiu, também, direcionar de forma mais adequada a elaboração desta tese.

Observando, então, que para ser considerado verdadeiro o conhecimento é submetido a contestações, compreendemos que a possibilidade de várias formas de interpretação das imagens que constituem nossas vidas e nossa realidade manifesta semelhanças entre as imagens e o conhecimento considerado “verdadeiro”.

Em outras palavras, afirmamos que temos tanto nas imagens quanto no conhecimento considerado “verdadeiro” – científico – a possibilidade de interpretar a partir de nossa própria visão do mundo. Esta visão do mundo, por sua vez, tem nas imagens que constituem a realidade sua concretização. Quando se concretizam, ou seja, “se tornam reais”, as imagens demonstram como podemos nos apropriar do conhecimento científico, já estabelecido e aceito.

A possibilidade de interpretar e “re-interpretar” o mundo em que vivemos, a partir da observação dos elementos que se encontram a nossa volta, é similar à possibilidade de interpretar e “re-interpretar” este mesmo mundo a partir da leitura que realizamos dos textos didático, literário e científico. Tal condição confirma a impossibilidade de estabelecermos o conhecimento como verdade absoluta, pois sempre nos encontramos diante de novos desafios, que se manifestam na constituição de novos questionamentos.

Toda e qualquer manifestação do conhecimento produzido, acumulado, construído historicamente, se faz presente no tempo e no espaço. Com os referenciais teóricos que tivemos contato, foi possível confirmar como a multiplicidade de informações interfere – a exemplo das imagens – na compreensão da realidade.

Quando consideramos a Geografia da realidade e a realidade geográfica como conceitos que determinam nossa (re)interpretação do mundo, verificamos que os mesmos nos possibilitam acompanhar as transformações que resultam das profundas mudanças ocasionadas a partir da interferência humana no espaço geográfico.

Observando e lendo as informações que constituem os textos, concluímos que nossa realidade nos transmite as informações necessárias ao processo de

aquisição do conhecimento. No entanto, compreendemos também que compete à habilidade cognitiva a peculiar compreensão humana, a qual delimita a importância e a abrangência do que pode ser considerado real – e verdadeiro – como elemento constituinte do conhecimento científico. Em outras palavras, selecionamos as informações da mesma maneira que nosso olhar seleciona aquilo que, por julgarmos belo, nos agrada e seduz.

À capacidade e possibilidade de (re)leitura e (re)interpretação do conhecimento humano compete a configuração de uma nova realidade, fundamentada nas diferentes visões do mundo e, portanto, na singularidade expressa na natureza humana. Então, temos dois conceitos que se distinguem e se assemelham, simultaneamente. Esta simultaneidade se constitui, então, como elemento que nos permite identificar como ambos os conceitos se integram e, por vezes, se confundem.

Conforme apresentamos nossas reflexões nesta tese, a Geografia da realidade assegura a presença da realidade geográfica e a realidade geográfica determina a presença da Geografia da realidade. Em poucas palavras, podemos afirmar que ambas coexistem em um mesmo espaço, distanciando-se e se aproximando, confirmando a simultaneidade apontada. Distanciam-se quando se expressam nas possibilidades que constituem a vida do **HOMEM**, pois, neste contexto, a preponderância é da Geografia da realidade, que se expressa nas possibilidades que a “vida” oferece. Complementando tal condição, temos na realidade geográfica a presença da semelhança, pois, sem as possibilidades que identificamos na Geografia da realidade, não é possível identificar o prevalecimento da realidade geográfica. Esta realidade se constitui, então, a partir das (re)interpretações da Geografia da realidade e, esta, por sua vez, se constitui como elemento que integra a realidade geográfica, porque simboliza as possibilidades necessárias à constituição de uma nova visão do mundo.

As aulas que constituem as apostilas de Geografia do TC 2000, das quais selecionamos apenas alguns fragmentos para análise e reflexão, nos permitem identificar e definir qual é a figura de **HOMEM** que permite a concretização de nosso objeto de estudo: o “*leitor do mundo*”.

Na figura de **HOMEM** e na condição de “*leitor do mundo*”, temos a principal imagem decorrente da (re)interpretação dos conceitos Geografia da realidade e realidade geográfica.

A exemplo do texto científico – que retrata a imagem do conhecimento considerado mais próximo da verdade – as imagens que podemos elaborar e/ou evocar a partir de nossa leitura e (re)interpretação também nos conduzem a questionamentos e reflexões. Neste sentido, o “*leitor do mundo*” interpreta a realidade tomando como referência sua própria compreensão, que caracteriza seu conhecimento e determina sua visão do mundo. Esta condição nos permitiu observar a proximidade com as ideias expressas por Tuan (1980; 2005), as quais, em alguns momentos, fundamentaram nossas reflexões e constituíram a abordagem realizada para esclarecer de que maneira a compreensão humana e a valorização do lugar determinam a peculiaridade do entendimento do **HOMEM**, seja ele expresso na figura dos sertanejos que consideramos em nossa pesquisa ou mesmo na figura de indivíduo que, em nosso cotidiano, como cada um de nós, age e promove interferências e transformações no espaço geográfico.

Em poucas palavras, a vida cotidiana caracteriza a Geografia da realidade e da realidade geográfica.

Resumidamente, podemos afirmar que temos na realidade geográfica uma realidade específica, cuja peculiaridade define a Geografia da realidade, que também se torna um conceito “específico”, peculiar, próprio do **HOMEM**, porque se constitui a partir de uma realidade fundamentada na ação humana.

Assim, temos no **HOMEM**, neste momento, a imagem de um agente transformador da realidade, que cria e recria o espaço (geográfico) e, portanto, cria e recria a realidade (geográfica).

As diferentes e diversas relações estabelecidas dos homens entre si e do homem com o espaço geográfico se constituem como relações de produção e, conforme abordamos em nossa tese e também neste tópico, decorre destas relações o nível de desenvolvimento de uma determinada sociedade.

Informações obtidas com a (re)leitura e (re)interpretação dos textos didático, literário e científico são elementos que concretizam o produto final desta ação: imagens que fundamentam – ou não – o conhecimento apresentado.

A peculiar subjetividade encontrada nas imagens também é encontrada na Geografia da realidade e na realidade geográfica.

Se a realidade geográfica pode ser interpretada como produto direto da ação humana e da possibilidade de adequação do espaço geográfico às necessidades de sobrevivência expressas nas diferentes sociedades, a Geografia

da realidade pode ser um conceito interpretado como elemento diretamente associado à vida e, portanto, a esta mesma forma de sobrevivência das pessoas.

Conforme apontamos em nossa tese, para compreender as imagens que constituem a Geografia da realidade e a realidade geográfica é necessário fundamentar toda e qualquer proposta de análise e busca pelo conhecimento no método científico, submetendo, então, toda a subjetividade apresentada como elemento constituinte das imagens e da própria ciência geográfica aos rigores estabelecidos pela ciência. Ainda considerando algumas reflexões que se manifestaram durante o desenvolvimento desta tese, podemos compreender que a ruptura com elementos que se constituíram como ideias prontas e incontestáveis se assemelha à compreensão do mundo distante da possibilidade de questionamento. Por serem elementos que configuram, “traduzem” e expressam a realidade observada e “*experienciada*” pelo **HOMEM**, as imagens implicam, diretamente, na ocorrência de transformações.

Ao **HOMEM** “*leitor do mundo*” cabe a possibilidade de (re)interpretação e (re)leitura não apenas dos exemplos que consideramos nos fragmentos dos textos didático, literário e científico, mas, principalmente, de sua vivência. Ao **HOMEM** “leitor do mundo” cabe a (re)interpretação da Geografia da realidade e da realidade geográfica.

Quais seriam as imagens que retratam tais conceitos?

Inquestionavelmente, as imagens que constituem a vida.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. C. de. **Geografia, ciência da sociedade**: uma introdução à análise do pensamento geográfico. São Paulo: Atlas, 1987.

APPLE, M. W. **O conhecimento oficial**: a educação democrática numa era conservadora. Petrópolis: Vozes, 1997.

ARISTÓTELES. **Aristóteles**. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores)

BARREIRO, J. C. **Imaginário e viajantes no Brasil do século XIX**: cultura e cotidiano, tradição e resistência. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

BARZOTTO, V. H.; GHILARDI, M. I. (org.) **Mídia, educação e leitura**. São Paulo: Anhembi-Morumbi: Associação de Leitura do Brasil, 1999.

BELO, E. M. **A Imagem Educa?** 2002, 105 f. Relatório Final de Especialização em Instrumentação para o Ensino da Geografia – Instituto de Geociências e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2002.

BELO, E. M. **Imagem**: para quê e para quem? - elemento da realidade presente no conhecimento geográfico e identificado em diferentes tipos de texto. [s.n.] Dissertação (Mestrado em Geografia). Instituto de Geociência e Ciências Exatas. Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2005.

BELO, E. M.; ANTONIO FILHO, F. D. Da visão romântica ao clássico método científico: refletindo sobre a realidade nas imagens presentes no ensino da Geografia. **Sociedade & Natureza**, v.16, n.30, p.109-115, jun. 2004.

BESSE, Jean-Marc. **Ver a terra**: seis ensaios sobre a paisagem e a geografia. São Paulo: Perspectiva, 2006.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BUBER, M. **Eu e tu**. São Paulo: Centauro, 2001.

CAPRA, F. **O ponto de mutação**: a ciência, a sociedade e a cultura emergente. 25. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

CASTRO, I. E. de.; GOMES, P. C. da C.; CORRÊA, R. L. **Geografia**: conceitos e temas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

CHAUÍ, M. **Convite à filosofia**. 13. ed. São Paulo: Ática, 2006.

CHRISTOFOLETTI, A. (org.). **Perspectivas da Geografia**. São Paulo: Difel, 1982.

CUNHA, E. da. **Os sertões**: campanha de canudos. 29. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

DURAND, G. **O Imaginário**: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem. 3. ed. Rio de Janeiro: Difel, 2004.

FIORIN, J. L.; SAVIOLLI, P. F. **Lições de texto**: leitura e redação. 4. ed. São Paulo: Ática, 1999.

GOLDMANN, L. **Dialética e cultura**. 3. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

HARSBAERT, R. **O mito da desterritorialização**: do “fim dos territórios” à multiterritorialidade. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

KUHN, T. S. **A estrutura das revoluções científicas**. 9. ed. São Paulo: Perspectiva, 2006.

LYNCH, K. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

MORAES, A. C. R. de; COSTA, W. M. da. **Geografia crítica**: a valorização do espaço. São Paulo: Hucitec, 1984.

MORAES, A. C. R. de. **Ideologias Geográficas**. Espaço, cultura e política no Brasil. São Paulo: Hucitec, 1988.

NOSELLA, M. L. C. D. **As belas mentiras**: a ideologia subjacente aos textos didáticos. 4. ed. rev. e recomposta. São Paulo: Moraes, 1981.

NOVO Telecurso 2000, geografia: *2.º grau*. 6. ed. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1989.

PELLEGRINI, T. **A imagem e a letra**: aspectos da ficção brasileira contemporânea. Campinas: Mercado das Letras; São Paulo: Fapesp, 1999.

PENNAC, D. **Como um romance**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

PONTUSCHKA, N. N.; PAGANELLI, T. I.; CACETE, N. H. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2007.

SAGAN, C. **O mundo assombrado pelos demônios**: a ciência vista como uma vela no escuro. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SANTOS, M. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

STRAFORINI, R. **Ensinar geografia**: o desafio da totalidade-mundo nas séries iniciais. 2. ed. São Paulo: Annablume, 2008.

TELECURSO 2000, *2.º grau*: Geografia. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1996, vol.1.

TELECURSO 2000, *2.º grau*: Geografia. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1996, vol.2.

TRINDADE, G. A. (Re)pensando a instrumentalização do conceito de lugar no âmbito da geografia. **Ciência Geográfica**, Bauru, ano 9. vol. 9, n.2, p.146-152, maio-agosto, 2003.

TRINDADE, G. A.; CHIAPETTI, R. J. N. (org.) **Discutindo geografia**: doze razões para se (re)pensar a formação do professor. Ilhéus: Editus, 2007.

TUAN, Yi-Fu. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora Unesp, 2005.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. São Paulo: Difel, 1980.

WALTY, L. C.; FONSECA, M. N. S.; CURY, M. Z. F. **Palavra e imagem: leituras cruzadas**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA (NÃO CITADA)

BELO, E. M. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: verificando sua aplicabilidade no cotidiano escolar. **Educação: Teoria e Prática**, v.8, n.14, jan./jun. 2000.

BOMFIM, N. R. Uma análise dos estudos sobre imagem (1960-2000): implicação na aprendizagem geográfica. **Ciência Geográfica**, Bauru, ano 8, v.1., n.21, p.83-6, jan./abr. 2002.

COLINSON, D. **50 grandes filósofos: da Grécia antiga ao século XX**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1995.

ENGELS, F. **A dialética da natureza**. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

GAARDER, J. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GADOTTI, M. **Educação é compromisso**. 5. ed. Campinas: Papyrus, 1995.

GOLDMANN, L. **Ciências humanas e filosofia**. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

GOMES, C. A. **A educação em perspectiva sociológica**. 2. ed. rev. e ampl. São Paulo: EPU, 1989.

HEGEL, Georg Wilhelm Friedrich. **Hegel**. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Coleção Os Pensadores)

LIPIETZ, A. **O capital e seu espaço**. São Paulo: Nobel, 1989.

PALMER, J. A. **50 grandes educadores: de Confúcio a Dewey**. São Paulo: Contexto, 2005.

_____. **50 grandes educadores modernos:** de Piaget a Paulo Freire. São Paulo: Contexto, 2006.

PHILIPPE, Marie-Dominique. **Introdução à filosofia de Aristóteles.** São Paulo: Paulus, 2002.

PIRSIG, R. M. **Zen a arte da manutenção de motocicletas:** uma investigação sobre valores. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984.

PLATÃO. **Platão.** São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores)

SAVIANI, D. **A nova lei da educação:** trajetória, limites e perspectivas. 3. ed. Campinas: Autores Associados, 1997.

_____. **Da nova LDB ao Plano Nacional de Educação:** por uma outra política educacional. 2. ed. Campinas: Autores Associados, 1999.

SEVCENKO, N. **Literatura como missão:** tensões sociais e criação cultural na primeira República. São Paulo: Brasiliense, 1999.

SOARES, C. **Imagens da educação no corpo:** estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. Campinas: Autores Associados, 1998.

APÊNDICE

IMAGEM: PARA QUÊ E PARA QUEM?

Elemento da realidade presente no conhecimento geográfico e identificado em diferentes tipos de texto.

Este trabalho tem como objetivo apresentar uma análise comparativa entre diferentes tipos de texto, dentre os quais foram selecionados os de caráter literário e didático, considerando estes último como portador de características que nos permitem compreendê-lo muito semelhante dos textos de caráter científico. Tal característica é identificada quando percebemos que, em alguns momentos, os textos de caráter científico se tornem difíceis para a compreensão de leitores mais leigos, assim como alguns textos que, didáticos, ou seja, produzidos com o objetivo da transmissão do conhecimento, se tornam insuficientes para a transmissão de conteúdos aos alunos do nível médio de ensino.

Imagens e textos como elementos de análise da realidade humana

A análise que realizamos aborda como elemento principal em sua proposta imagens que elaboramos e/ou evocamos, resultantes de nossas inúmeras e diversas interpretações acerca de uma realidade identificada a partir da leitura de diferentes tipos de textos. Dinâmica e, por este motivo, constantemente alterada, esta mesma realidade é capaz de provocar em nossas reflexões questionamentos que, constantemente, influenciam nossa compreensão tanto da natureza humana quanto do próprio mundo.

Os textos selecionados foram “Os Sertões”, da autoria de Euclides da Cunha caracterizando o texto de caráter literário e as apostilas referentes à disciplina Geografia, pertencentes ao material didático que constitui a proposta pedagógica do Telecurso 2000 (TC 2000) referente ao nível médio de ensino, um projeto de Educação à Distância veiculado em todo o nosso país. Para a concretização da análise proposta, tomamos como referência o homem por ser um elemento presente em ambos os materiais, que constituem nosso objeto de estudo: as imagens que elaboramos e/ou evocamos quando temos contato com a leitura de ambos e passamos a interpretar a realidade vivida e “experimentada” a partir da análise de aspectos que constituem tal interpretação.

O primeiro aspecto a ser considerado são as principais diferenças entre os tipos de texto selecionados.

Tomando como referência inicial a obra literária “Os Sertões”, verificamos a partir da estruturação de seu texto que a mesma é muito próxima da estrutura que organiza e sistematiza a ciência Geografia sob a visão tradicional, positivista, que parte do geral para o pontual. O autor organiza suas descrições em três partes “fundamentais”: “*A Terra*”, “*O Homem*” e “*A Luta*”. A primeira parte – “*A Terra*” – é referente aos aspectos físicos do local, Canudos, palco dos conflitos relatados. Já quando nos deparamos com “*O Homem*”, temos a possibilidade de observar, sob a ótica geográfica, a interferência da ação humana sobre o meio ambiente (espaço geográfico), ou seja, a transformação da paisagem natural. Enfim, quando consideramos “*A Luta*”, nos encontramos diante da integração, da relação homem e meio ambiente, pois a descrição dos conflitos nos permite observar a profunda alteração provocada pelo homem no meio ambiente.

Em contrapartida, se observarmos a estrutura das apostilas de Geografia aqui consideradas, veremos que seu conteúdo é tão simples quanto o de um resumo de conceitos que devem ser “trabalhados”, transmitidos no decorrer das teleaulas – como são denominadas as aulas –, tornando-o muito próximo do texto científico. Também caracterizam o positivismo, sob o qual a linearidade configura a perpetuação da espécie humana de forma a consolidar uma hierarquia social manuseada e controlada, que não seja capaz de provocar transformações em um mundo constituído por inúmeras situações. Diferente dos textos literários, a proposta pedagógica que caracteriza o TC 2000 aponta para a necessidade de urgência, e pode ser compreendida medida paliativa. São constituídas por uma estrutura que não corresponde às exigências de um ensino de qualidade, pois visam capacitar o “telealuno” para a obtenção de resultados positivos nas avaliações realizadas que, correspondendo à contemplação do rol de disciplinas que constituem o nível de ensino em questão, “conquistará” o tão desejado diploma. Neste sentido, os textos que vão constituir as apostilas configuram o reflexo das intenções e/ou interesses presentes em modelos econômicos, de propostas pedagógicas pautadas oriundas de instituições que têm como princípio fomentar o desenvolvimento de países subdesenvolvidos. A presença de organismos multilaterais como o Banco Mundial e o BID (Banco Interamericano para o Desenvolvimento) são decisivas e, por este motivo, inquestionáveis.

As imagens constituem nosso objeto de estudo como um elemento portador de subjetividade e ideologia, que podem ser considerados semelhantes em sua estrutura, mas, quando submetidos a uma análise um pouco mais detalhada, permitem-nos observar diferenças que asseguram a peculiaridade de cada um.

Retomando nosso foco de análise, o texto literário “Os Sertões” é narrativo e descritivo. Suas ricas descrições apresentam a presença de uma adjetivação excessiva, uma característica que pode ser considerada fundamental para sua análise. Temos neste escritor um escritor de gênio, que representa, na realidade, a “*intelligentsia*” de sua época, ou seja, a elite pensante do Brasil.

Se estabelecermos uma relação deste texto com os textos que constituem as apostilas de Geografia do TC 2000, observaremos que os mesmos podem ser considerados “empobrecidos” e denominados “conteudistas”. Tal fato é confirmado quando verificamos que estes mesmos textos trazem consigo, em apenas um parágrafo, muitos conceitos de uma única vez:

O contato dos oceanos com os continentes que delinea a linha da costa, é um exemplo de como atuam esses processos que levam a mudanças constantes nas formas que definem. **Praias, dunas, restingas, lagunas, estuários e deltas** são exemplos de formas geográficas em que a combinação da presença físico-química da água e dos ventos provenientes dos oceanos com as forças que atuam nos continentes é a grande responsável pelo modelamento da paisagem.

(FUNDAÇÃO ROBERTO MARINHO, 1996, P.80-1, grifos do autor)

Contradizendo a afirmação acima relacionada, há fragmentos da obra literária “Os Sertões” que permitem a identificação de uma rica descrição, capaz de seduzir o leitor e propiciar a busca pelo conhecimento oriundo de seu contato com conceitos implícitos nos escritos de um texto agradável e atraente:

A serra do Mar tem um notável perfil em nossa História. A prumo sobre o Atlântico desdobra-se como a cortina de baluarte desmedido. De encontro às suas escarpas embatia, flagilima, a ânsia guerreira dos Cavendish e dos Fenton. No alto, volvendo o olhar em cheio para os chapadões, o forasteiro sentia-se em segurança. Esta sobre ameias intransponíveis que o punham do mesmo passo a cavaleiro do invasor e da metrópole. Transporta a montanha – arqueada como a precinta de pedra de um continente – era um isolador étnico e um isolador histórico. Anula o apego irremediável ao litoral, que se exercia ao norte; reduzia-o a estreita faixa de mangues e restingas, ante e qual se amorteciam todas as cobiças, e alteava, sobranceiras às frotas, intangível no recesso das matas, a atração misteriosa das minhas...

(CUNHA, 1984, p.61)

É importante considerar, neste momento, que a pesquisa realizada nos permitiu observar a capacidade de análise do homem sob a condição de leitor e sua percepção a respeito da realidade no entendimento que realiza a partir da leitura e/ou interpretação das linhas e entrelinhas de um texto. Então, alguns aspectos devem ser compreendidos como fatores que nos permitem maior esclarecimento diante das possibilidades de interpretação das imagens elaboradas e/ou evocadas a partir da leitura e/ou interpretação dos diferentes tipos de textos considerados:

- A linguagem escrita revela grande dificuldade nas linhas e entrelinhas do TC 2000, porém, ocorre justamente o contrário nos escritos de Euclides da Cunha. A rica descrição do texto literário seduz o leitor e torna-o apto à busca pelo esclarecimento de palavras que traduzem-se em conhecimento adquirido;
- A realidade é um elemento que se manifesta em toda e qualquer situação, fato que não se torna diferente quando consideramos leitores de um texto escrito. Não há diferença a ser considerada em função das peculiaridades de um texto. Eis um aspecto que nos permite observar algumas diferenças em relação aos diferentes tipos de texto. Se ambos os textos podem desprender-se da formalidade da escrita a partir da interpretação do leitor, por diferenciá-los? Uma provável resposta pode ser fundamentada no fato de observarmos que no texto literário, “Os Sertões”, a manifestação da cultura popular constitui a manifestação da realidade; já no tocante às apostilas de Geografia do TC 2000, a mesma manifestação da cultura popular é apresentada, muitas vezes, como um aspecto presente na aparência de pessoas que são filmadas com o intuito de apresentar a realidade de imigrantes, por exemplo, evidenciando a formalidade na escrita e, por este motivo, retratando uma realidade “feia”, que não seduz porque acaba desconsiderando as pessoas que chegam aos Estados da Região Sudeste para tentar uma condição mais digna de sobrevivência, geralmente oriundas de Estados da Região Nordeste do país;

Neste sentido, é necessário considerar que a função de um texto pode ser compreendida como a capacidade que este elemento possui em (re)transmitir a informação e possibilitar, também, a (re)construção do conhecimento.

Tomemos, então, para o início da análise proposta, a presença do homem como referencial para as comparações realizadas.

Imagens do homem na constituição do mundo

Na obra literária “Os Sertões”, o homem é observado na figura do sertanejo, que classificamos como “sertanejo euclidiano”. Já nas apostilas de Geografia do TC 2000, ele é identificado na figura de um “telealuno”, como ele é considerado na proposta pedagógica em questão, geralmente nordestino. Então, para ser identificado de modo diferenciado do “sertanejo euclidiano”, o mesmo fora classificado como “sertanejo aluno do TC 2000”.

Sendo o homem identificado nos dois tipos de texto, passamos a possuir a seguinte possibilidade de análise: a preocupação central de Euclides da Cunha seria definir a presença – ou a ausência – de uma raça, de uma gênese brasileira. No entanto, seus relatos manifestam a ocorrência de cruzamentos sucessivos que o autor denominou como “mestiçagem embaralhada”. Esse resultado é expresso e identificado na figura de um sertanejo, a princípio tido como frágil, mas bravo e guerreiro. A própria descrição euclidiana faz com que o sertanejo seja uma figura que se manifeste de forma feia, desajeitada, desengonçada. Porém, sua força diante do inimigo identificado na figura dos militares anula toda e qualquer inferioridade, pois o mesmo não poupa esforços na defesa de seus ideais.

Em relação ao conteúdo dos textos das apostilas de Geografia do TC 2000, observamos a figura de um homem resultado de um processo evolutivo, linear, que é expresso numa figura frágil, mas que também está em constante luta com as adversidades da vida. Geralmente, não temos a descrição do homem nestes textos, mas temos a possibilidade de identificá-lo na interpretação que realizamos a partir da leitura que realizamos. É neste momento que as imagens assumem função principal na análise realizada pelo leitor.

Neste sentido, nos encontramos diante da possibilidade de observar a realidade como fator de semelhança expresso no que podemos denominar “darwinismo social”, semelhante à estrutura da Geografia enquanto ciência tradicional fundamentada em aspectos do positivismo e presente em ambos os textos considerados. Esta condição conduz o leitor a identificar a presença da visão fatalista determinista ou determinista fatalista de Euclides da Cunha correspondendo à seleção natural também identificada nos textos das apostilas que observamos. Enquanto no primeiro texto a adaptação do homem às condições de uma sobrevivência em situação de guerra determina quem sobrevive, a guerra pela

conquista de um emprego digno assegura a presença de conflitos constantes que acabam por dificultar e até mesmo a impedir a sobrevivência dos imigrantes nordestinos que se encontram distantes de seu lugar de origem.

Neste momento, podemos nos encontrar diante de uma grande preocupação de Euclides da Cunha, manifestada na tentativa de esclarecimento para questões que são referentes a esta adaptação do homem em relação ao meio a partir das teorias científicas. O autor aponta a importância de Spencer, Darwin, entre outros célebres cientistas que permitem o conhecimento ou mesmo a busca por aspectos que nos oferecem indícios da evolução humana e, em seus relatos, é possível observar que o sertanejo seria extinto em função da civilização se ele não se adaptasse às novas circunstâncias, dentre as quais merece destaque a presença da tecnologia identificada em armas de fogo mais potentes que as suas. No entanto, é possível observar que esta ocorrência não se concretizou.

Um aspecto semelhante pode ser observado quando tomamos como referência o “sertanejo aluno do TC 2000”, que também se adapta e também sobrevive. Mesmo diante das dificuldades enfrentadas na rotina da “cidade grande”, também participa de um processo de seleção natural.

Em suma, em ambos os casos prevalece a capacidade de adaptação e a possibilidade de sobrevivência humana a partir da adequação do homem diante das diferentes condições do meio ambiente, transformado pela ação humana.

A presença da seleção natural pode ser melhor observada em relação ao sertanejo euclidiano. Quando buscamos o homem como referencial na obra euclidiana e tomamos o sertanejo como referência, e não os militares, identificamos imagens nas quais são observados dois “sertanejos euclidianos”. Ambos foram diferenciados no prosseguimento da pesquisa. São apresentados tipos distintos de um sertanejo que, diante de dificuldades e agruras, acaba vitorioso. Trata-se do “vaqueiro do Norte”, que difere do “gaúcho do Sul”, submetido por sua vez a uma realidade muito melhor se comparada à realidade do “gaúcho do sul”.

TABELA 01
CARACTERÍSTICAS DO VAQUEIRO DO NORTE E DO GAÚCHO DO SUL

VAQUEIRO DO NORTE	GAÚCHO DO SUL
- Cavaleiro robusto e desgracioso;	- Feição mais cavalheirosa e atraente;
- Agilíssimo diante da ameaça do inimigo;	- Aventureiro e jovial;
- Ameaçado por um futuro incerto;	- Despreocupado;

Fonte: Cunha (1984); Org. Belo, E. M. (2004).

Para chegarmos até a figura que caracteriza o “sertanejo euclidiano”, foram realizadas algumas análises nas quais encontramos o “vaqueiro do Norte” e o “gaúcho do Sul”. Quem é o “vaqueiro do Norte”? Quem é o “gaúcho do Sul”?

Ambos são sertanejos presentes na obra euclidiana, sendo que o primeiro, o “vaqueiro do Norte”, apresenta características que revelam uma sobrevivência extremamente difícil e castigada. Já o “vaqueiro do Sul” não vive uma realidade repleta de reveses a exemplo do “vaqueiro do Norte”. Temos, então, a imagem do herói em ambos os casos: em relação ao “vaqueiro do Norte” ele é herói porque luta arduamente, já o “gaúcho do Sul”, reflete a imagem do herói a exemplo de personagens famosos: imponente, viçoso, jovem e audacioso.

Então, uma nova organização de dados possibilita a compreensão da diferença de características entre o “sertanejo euclidiano” e o “sertanejo aluno do TC 2000”, apontada como fundamental em nossa análise.

TABELA 02
COMPARAÇÃO ENTRE OS “TIPOS” SERTANEJOS

“SERTANEJO EUCLIDIANO”	“SERTANEJO ALUNO DO TC 2000”
Combatente: seu inimigo é expresso pelas condições de sobrevivência impostas pela vida.	Combatente: seu inimigo é dificuldade de melhoria nas condições de sobrevivência.
Dinâmico: sua coragem eleva sua dignidade e honra.	Dinâmico: sua coragem é reduzida diante das dificuldades econômicas que enfrenta (desemprego).
Profunda relação afetiva com seu “lugar de origem”, mantida mesmo quando forçado a abandoná-lo.	Valoriza seu “lugar de origem” mas deixa de acreditá-lo, migrando para outras regiões.
Ameaçados pela “tecnologia” das armas do exército (Estado), transformam-se em guerrilheiros.	Seduzido pela tecnologia presente nas diferentes manifestações da modernidade dos grandes centros urbanos.

Fonte: Cunha (1984), Fundação Roberto Marinho (1996); Org.: Belo, E. M. (2004).

A partir das informações observadas na Tabela 02, verificamos que ambos são combatentes, dinâmicos, e que ambos possuem um profundo vínculo com o seu lugar de origem.

No entanto, enquanto um o “sertanejo euclidiano” é ameaçado pela tecnologia presente nas armas de fogo do inimigo, o “sertanejo aluno do TC 2000” é seduzido pela tecnologia presente no cotidiano das grandes cidades. Este é o aspecto que constitui a diferença fundamental em relação tanto a percepção quanto a imagem que tais homens com características semelhantes mas pertencentes a épocas diferentes possuem do mundo.

Apesar das semelhanças identificadas nos dois primeiros critérios de análise da Tabela 02 e que constituem a comparação entre ambos, é possível identificar que o “sertanejo euclidiano” possui uma profunda relação de afetividade com o que, neste caso, pode ser denominado “lugar de origem”.

O “sertanejo euclidiano” não abandona o lugar onde vive e por isso a valorização é algo presente, marcante e inquestionável. Porém, o “sertanejo aluno do TC 2000” continua valorizando o local de onde veio apesar de ser, praticamente, forçado a desacreditá-lo porque, quando deixa-o, as condições para o retorno são remotas.

A veracidade destas afirmações pode ser observada quando identificamos as imagens que traduzem a esperança para ambos: o “sertanejo euclidiano” mantém seu vínculo afetivo em relação ao seu lugar de origem diante de todas as dificuldades enfrentadas. Já o “sertanejo aluno do TC 2000”, de certa forma, migra para outras regiões acreditando, esperando por uma vida melhor, deixando de acreditar em seu “lugar de origem” apesar de desejar o regresso.

Outros aspectos pertinentes a diferenças e semelhanças merecem destaque.

Além de descritiva e narrativa, a obra literária “Os Sertões” é, acima de tudo, um texto informativo. Não é conteudista. Sua estrutura escrita seduz o leitor e facilita o acesso ao conhecimento porque lhe permite o questionamento e/ou a busca pelo entendimento de palavras e/ou expressões desconhecidas. Quanto às apostilas de Geografia, temos um texto informativo, conteudista, cuja estrutura escrita não facilita o acesso à informação e, portanto, não seduz o leitor.

Abordamos, então, o conceito de imaginação. Se “desmembrarmos” esta palavra em outras duas, identificarmos a capacidade que o homem possui para

imaginar a ação. Ou seja, nós podemos imaginar a ação partindo dos diferentes tipos de texto que são analisados, das diferentes situações que caracterizam as condições de sobrevivência de ambos os “sertanejos” considerados na análise.

Da mesma forma, podemos compreender e considerar a palavra aceitação como a capacidade que o homem possui em aceitar a ação.

Na condição de conceito, esta palavra pode ser compreendida como referencial para o “sertanejo euclidiano” e para o “sertanejo aluno do TC 2000”.

Se tomarmos como exemplo o “sertanejo euclidiano”, veremos que existe aceitação em sua realidade, da mesma maneira que existe em relação à realidade do “sertanejo aluno do TC 2000”. Porém, nos encontramos diante de um momento de nossa análise que exige alguns esclarecimentos para a compreensão das diferenças e semelhanças entre as visões do mundo que caracterizam cada um em sua época:

- “sertanejo euclidiano”: pode, de certa forma, aceitar a imposição da força expressa pelos militares que são, hierarquicamente e intelectualmente superiores, representados na figura do homem branco que por sua vez é o elemento representante de uma raça considerada superior, dotada de melhores características e portadora, portanto, de melhores condições de sobrevivência, seja pela força no exercício do poder ou pela inteligência que culmina no domínio das situações;
- “sertanejo aluno do TC 2000”: temos a possibilidade de observar que esta aceitação é decorrente de visões do mundo que, de certa forma, são impostas à sua “nova” realidade, inadequada aos seus sonhos e desejos.

Em suma, temos nas linhas e entrelinhas das apostilas uma proposta pedagógica “pensada”, produto de estudos e pesquisas que direcionaram seu planejamento e conseqüente implantação. Já no tocante a obra literária “Os Sertões”, verificamos que sua escrita não corresponde a condições como as que traduzem a produção de textos didáticos, pois o autor não teve a intenção de elaborar um texto que, mais tarde, viesse a se tornar um marco teórico e literário, que também assumisse a condição de texto didático e/ou pedagógico. Entretanto, a partir da consideração de sua capacidade de “seduzir” o leitor, verificamos que “Os Sertões” assume caráter geográfico e pedagógico.

Geográfico porque retrata o território, o meio ambiente (espaço geográfico) descrevendo, apresentando paisagens e pontuando locais específicos. Pedagógico porque, a partir do momento em que seduz o leitor, seja ele leigo, mais ou menos esclarecido, mais ou menos preparado, é capaz de induzi-lo ao ganho da aquisição do conhecimento.

Assim, a partir do momento em que o leitor se encontra diante de uma nova descoberta, ele não possui mais a possibilidade de ser, observar e compreender a realidade como antes. Ele simplesmente conhece e, então, este “singelo” fato impossibilita uma postura passiva diante de uma nova realidade. A aceitação citada anteriormente é anulada em função da possibilidade que o leitor adquire em relação a imaginar ações que transformam sua compreensão e/ou interpretação da realidade.

As palavras utilizadas seduzem e instigam a procura por seu(s) significado(s). Um ensino pautado em propostas pedagógicas a exemplo do TC 2000 não oferece aos seus leitores a possibilidade de aquisição de novos saberes. Contrariando o que relacionamos acima, neste momento, compreender a presença da aceitação significa observar a presença da imposição de modelos de propostas que não podem ser considerados à nossa realidade e à nossa visão do mundo porque são pautados, fundamentados e/ou baseados em propostas importadas, geralmente de origem norte-americanas, que não correspondem às nossas verdadeiras necessidades. Aceitamos algo que é imposto.

Criamos imagens e recriamos o espaço vivido porque temos forma para a nossa compreensão, temos maneiras próprias que caracterizam e consolidam esta mesma compreensão.

Observamos, percebemos e, acima de tudo, vivemos e “experenciemos”. Distantes destas condições, não conseguiríamos elaborar o que faz parte de nosso entendimento sem compreender a realidade como produto da ação humana. Durante todo o tempo criamos e recriamos, conhecemos e reconhecemos, construímos e reconstruímos. Neste contexto, imagens não são criadas. Imagens são elaboradas e/ou evocadas porque estas mesmas imagens se originam de dados, informações que já possuímos e que são concebidas como conhecimento de um novo mundo, uma nova realidade. Podemos, então, afirmar que conhecemos e reconhecemos, criamos e recriamos a realidade e o mundo compreendendo o nosso espaço.

Imagens e conceitos: interpretando a realidade humana

Vamos, então, abordar as formas de compreensão e/ou interpretação das imagens que configuram o homem:

- Força e imposição;
- Ordem e caos;
- Tempo e espaço;
- Aceitação;
- Regulação;
- Seleção natural / darwinismo social;

Inicialmente, vamos nos ater aos conceitos que retratam força e imposição.

O conceito de força é manifestado no texto literário na figura do militar, o homem que pode mais, que age mais e que determina as condições de sobrevivência aos sertanejos. O conceito força pode ser associado ao conceito de imposição. Portadores da força, impomos, alteramos e, conseqüentemente, modificamos a realidade.

Em decorrência desta condição, estabelecemos imagens da ordem e do caos. E, infelizmente, estas imagens podem ser observadas, aqui, como oriundas do nosso próprio patriotismo, representado em nossa bandeira nacional, ícone da nação. Aliás, é importante salientar que imagens e ícones estão presentes em todos os momentos. Nós vivemos em um mundo carregado, repleto de símbolos. Atualmente, a melhor interpretação de um ícone sociedade é o relógio, um ícone do tempo. Por este motivo, se pensarmos em um ícone para caracterizar ordem e caos, força e imposição, poderíamos considerar a bandeira nacional, que estampa também características do positivismo em seu “rótulo”: ordem e progresso.

Tempo e espaço, então, devem ser compreendidos como conceitos que assumem a condição de variáveis de extrema importância na ciência Geografia. Então, é possível verificar que, a partir do momento que entendemos a amplitude dessas duas variáveis, temos a possibilidade de realizar o tipo de pesquisa que

quisermos, desafiando os ditames e imposições pertinentes ao método científico, ícone do positivismo apontado anteriormente em nosso artigo. Em “Os Sertões”, as variáveis tempo e espaço nos permitem observar uma forma de sobrevivência diferente, condições que não fazem parte da nossa realidade hoje mas que acabam se manifestando na realidade do “sertanejo aluno do TC 2000”, que por sua vez vive e pensa em um espaço diferente do “sertanejo euclidiano”. Então, mesmo vivendo em tempo e espaço diferentes, ambos nos permitem observar a presença de situações semelhantes. Para exemplificar tal afirmação, são dinâmicos e combatentes porém, a realidade que direciona suas ações é diferenciada em função da época a qual correspondem. Então, apontamos a interpretação, a partir dos textos considerados, de imagens que retratam a esperança:

- para o “sertanejo euclidiano”: a esperança é simbolizada na presença da chuva;
- para o “sertanejo aluno do TC 2000”: a esperança é simbolizada no emprego.

Quando o retirante que simboliza o “sertanejo euclidiano” recolhe seus pertences e familiares e parte do sertão em busca de melhores condições de vida, ao sentir a primeira gota de chuva, retorna feliz e esperançoso para seu “lugar de origem”. Mesmo sabendo que é uma situação passageira, seu vínculo com o lugar de origem prevalece. O “sertanejo aluno do TC 2000” tem sua imagem da esperança refletida no sonho da conquista de um emprego, que possibilitará melhores condições de sobrevivência para ele próprio e para seus familiares que, na maioria das vezes, não acompanham-no na partida. Mesmo que ele não tenha um emprego fixo, que sobreviva da realização de funções caracterizadas como “bicos” (trabalhos informais e braçais), não conquista condições de sobreviver dignamente em seu “novo lugar de origem” ou retornar para seu “lugar de origem”. Entretanto, a força das imagens veiculadas em propagandas da TV ou em revistas de ampla circulação, por exemplo, pode ser considerada como elemento responsável pela sedução que resultou em tal atitude. Neste sentido, foi o espaço construído e reconstruído pelo homem que o atraiu e fez com que, de certa forma, aceitasse o desafio da partida e não aceitasse mais sua condição miserável. Ele aceitou uma nova condição. Ele não aceitou mais viver naquela condição. Então a aceitação é presente e marcante.

Como decorrente da passividade e da aceitação, não podemos desconsiderar que o texto didático das apostilas do TC 2000 e o texto literário de “Os Sertões” remetem seus leitores a possibilidade de identificação de um outro conceito: regulação.

A interpretação do sentido desta palavra nestes textos também aponta diferenças que resultam, a partir de sua interpretação, em semelhanças.

Considerando o “sertanejo euclidiano”, é possível observar a presença de aspectos que confirmam a regulação de sua sobrevivência quando nos deparamos com sua constante busca por meio da adaptação a um “novo lugar”, promovendo tanto alterações em suas condições de vida quanto estratégias para derrotar o inimigo – manifestado na figura do militar – que invadiu o seu espaço.

Em contrapartida, associando a interpretação da palavra regulação ao “sertanejo aluno do TC 2000”, temos a regulação social como consolidação de objetivos pretendidos em uma proposta pedagógica, capaz de direcionar ações que, por este motivo, surgem como produto de estratégias reguladoras. Tais ações possibilitam a manipulação de uma grande massa populacional, pois veiculam um conhecimento mínimo considerado suficiente e necessário às pessoas que necessitam “conquistar” seu diploma em um “pequeno”, “curto espaço de tempo”.

Considerando as inúmeras possibilidades de trabalho que desenvolvemos com a disciplina Geografia, tal fato é confirmado com facilidade, pois também somos “homens” integrados com o “meio ambiente” (espaço geográfico). Atuamos e provocamos mudanças a partir das mais diversas situações e, de acordo com as idéias de Bonfim (2002, p.83-4), verificamos que:

A construção do saber geográfico, como objeto de investigação científica, está inserida no cotidiano dos alunos e poderá igualmente nos levar a compreender de maneira as imagens, sob a forma de representações visuais e cognitivas, orientam nossa percepção de mundo, bem como nossa construção do saber.

Se tomarmos como base para a análise proposta o aspecto pedagógico identificado em nossas aulas, sejam elas expositivas ou participativas, ou mesmo abordando qualquer outra estratégia para atingir o interlocutor, é importante salientar que estabelecemos condições nas quais falamos do homem para o homem e, por este motivo, confirmamos o que afirmamos acima: permitimos a esta mesma “figura”

a atuação, a participação (in)direta na modificação e/ou transformação do espaço geográfico.

Então, em ambos os casos temos a presença da seleção natural, do darwinismo social e, sobretudo, a possibilidade da elaboração e/ou evocação de imagens que permanecerão por uma vida toda, determinando condições que possam ou não vir a constituir sua realidade.

Neste sentido, é necessário que estejamos atentos à capacidade humana de observação.

É necessário observar a ação, permitindo uma forma de análise na qual seja possível a interpretação do espaço geográfico.

Pensar o espaço geográfico não significa pensar apenas em questões referentes a aspectos de análise física, por exemplo. Assim, é necessário salientar que não prevaleceu para a realização deste estudo qualquer pretensão em identificar qual é o tipo de clima ou solo que caracterizava o sertão de Canudos, ou mesmo como tais elementos influenciaram na formação, na constituição daquele povo.

No entanto, foi realizada uma análise esclarecedora em relação ao desenvolvimento de um texto literário rico em conceitos que permitem ao leitor tanto a aquisição do conhecimento quanto a observações de aspectos que acabam denunciando uma visão preconceituosa do autor em relação à presença de diferentes etnias, apontando os cruzamentos entre raças. Podemos, então, questionar: *“quais imagens traduzem o povoado de Canudos e povoaram, de certa forma, a mente do autor quando realizou e registrou suas observações?”*

Inicialmente, podemos afirmar que nos encontramos diante de imagens que no entendimento de Euclides da Cunha podem ser interpretadas como representantes de seu desejo quanto à constituição de uma raça pura, próxima da raça ariana. Porém, como a própria história de Canudos nos permite observar, não foi isso o que aconteceu. A “mestiçagem embaralhada” apontada pelo autor evidencia como resultado a existência de uma “raça”, grande vencedora de conflitos no que pode ser considerado um palco de horrores.

A visão elitista e preconceituosa de Euclides da Cunha diminui o potencial do negro em relação a outras raças. Da mesma maneira, podemos observar que o preconceito se faz presente nas interpretações das linhas e entrelinhas que constituem os textos das apostilas de Geografia do TC 2000 em sua abordagem.

Dados apresentados nos textos das apostilas demonstram como a composição étnica brasileira é determinada a partir de índices que permitem a observação da constituição de tais grupos a partir de critérios como “Renda média”. É possível observar que os “Branços” possuem as melhores condições de sobrevivência, pois os “Asiáticos e sem declaração” apresentam um percentual maior porque são analisados conjuntamente:

TABELA 03

BRASIL – SITUAÇÃO ÉTNICA - 1990			
Grupos étnicos	População (%)	Analfabetismo (%)	Renda média (US\$/mês)
Branços	56,6	12,3	214,00
Mulatos	37,2	29,0	100,00
Negros	5,6	29,5	87,00
Asiáticos e sem declaração	0,6	7,4	377,00

Fonte: IBGE, PNAD, 1990, in: Fundação Roberto Marinho, 1996, p.9, v.2.

Há, ainda, uma outra consideração a ser realizada relacionando a análise proposta com os dados observados na tabela acima transcrita: temos a presença dos “Mulatos” e dos “Negros”. Os “Mulatos” constituem uma das variações da raça brasileira originada no processo de “mestiçagem embaralhada” apontado por Euclides da Cunha, e, além disso, os “Negros”, denominados pelo referido autor como “bestas de carga”, prevalecem como uma classe inferior, que apresenta o índice mais alto de “Analfabetismo” e as condições mais impróprias e indignas de sobrevivência quando observamos os dados expressos no critério “Renda média”.

Retomando nossas considerações e relacionando-as com as informações acima, tornamos a afirmar que a presença da ação humana é inquestionável. Porém, salientamos neste momento que tal afirmação é válida também para as ações observadas em contexto de sala de aula, que não desconsideram, por sua vez, a presença do caráter geográfico como condição à manutenção e controle de idéias que constituem o conhecimento a ser (re)transmitido, potencialmente difusoras de conceitos que constituem a realidade.

Assim, as imagens podem ser compreendidas como geográficas pelo fato de serem carregadas de subjetividade e ideologia, mas, sobretudo, reais. É esta condição que assegura a presença de valores e conceitos como fatores constituintes

de diferentes visões do mundo que prevalecem nas diferentes formas de análise, principalmente quando nos referimos à presença de aspectos geográficos.

São imagens que retratam o conhecimento para a vida e para o mundo.

REFERÊNCIAS

BONFIM, N. R. **Uma análise dos estudos sobre a imagem (1960-2000):** implicação na aprendizagem geográfica. *Ciência Geográfica*, Bauru, ano 8, v.1., n.21, p.83-6, jan./abr.2002.

CUNHA, E. da. **Os Sertões.** Campanha de Canudos. 29. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1984.

TELECURSO 2000, 2.º grau: Geografia. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 1996, vol.2.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)